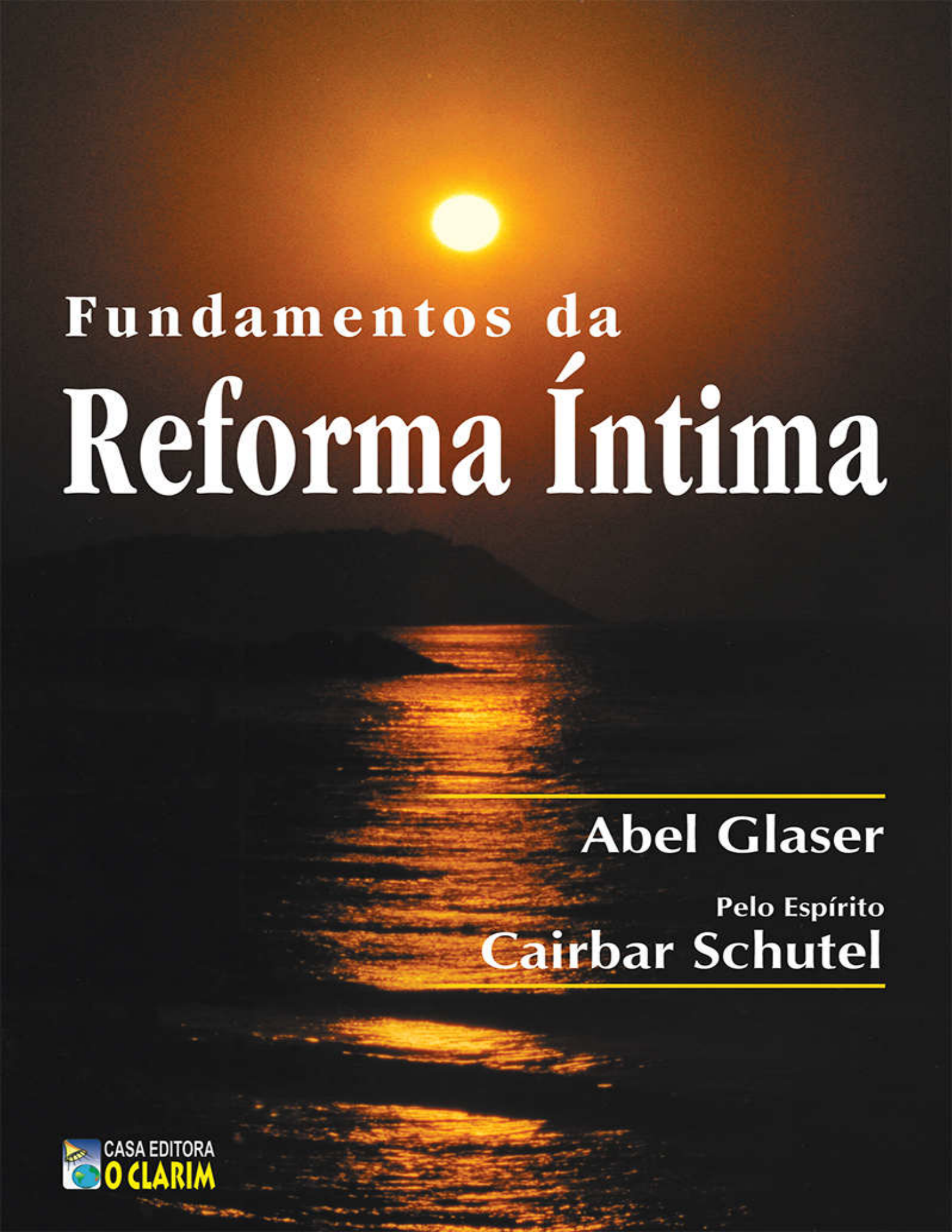

Fundamentos da
Reforma Íntima
Abel Glaser
Pelo Espírito
Cairbar Schutel
CASA EDITORA
O CLARIM

Fundamentos da reforma íntima

Abel Glaser, pelo Espírito Cairbar Schutel

Fundamentos da reforma íntima

Matão, SP
14ª edição
2017
CASA EDITORA
O CLARIM

Copyright © 1999 *by*

CASA EDITORA O CLARIM

Propriedade do Centro Espírita O Clarim

14ª edição: maio/2017, 6 mil exemplares

Impresso no formato 14x21 cm

ISBN 978-85-7357-160-8

1ª edição: junho/1999

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser fotocopiada, gravada, reproduzida ou armazenada num sistema de recuperação ou transmitida sob qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico ou mecânico sem autorização do detentor do *copyright*.

Casa Editora O Clarim

Rua Rui Barbosa, 1.070 – Centro – Caixa Postal 09

CEP 15990-903 – Matão-SP, Brasil

Telefone: (16) 3382-1066; WhatsApp: (16) 99270-6575

CNPJ: 52.313.780/0001-23; Inscrição Estadual: 441.002.767.116

www.oclarim.com.br | oclarim@oclarim.com.br

www.facebook.com/casaeditoraoclarim

Catalogação na Publicação (CIP)

G584r Glaser, Abel;

Fundamentos da reforma íntima / Abel Glaser. – 14.ed. – Matão: Casa Editora O Clarim, 2017.

184p.; 21 cm

ISBN 978-85-7357-160-8

1. Espiritismo. 2. Estudo doutrinário. I. Casa Editora O Clarim. II. Título.

CDD. 133.9

• Prefácio

Em julho de 1993, teve início a coleta de dados desta obra, num trabalho interativo dos dois planos da vida. Começou por iniciativa e orientação de Cairbar Schutel[1] com um estudo relativo à autocrítica e à conscientização dela decorrente. Cada pessoa, para estar motivada a se conhecer, admitindo erros ao menos para si mesma, precisa exercitar a força de vontade inerente a todo ser humano, mas muitas vezes adormecida. A motivação nesse percurso nascerá do confronto da meditação com o cotidiano nem sempre ideal que muitos adotam. Unindo, pois, a teoria à prática, tendo por finalidade descortinar o ente cristão que há por trás das barreiras insensíveis que o materialismo impõe como regra geral na jornada terrena, o indivíduo sentir-se-á mais leve quando praticar a reforma íntima.

É sabido que, na prática, mais fácil é ler e julgar entender os ensinamentos de Jesus, hoje estudados à luz da Doutrina Espírita, do que exercitá-los e realmente assimilá-los no dia a dia, consolidando posturas cristãs e aprimorando qualidades morais.

Nada de estranho nisso, pois sabe-se que nosso mundo é ainda de expiação e provas e, por isso mesmo, todo homem tem muitas imperfeições a sanar. Pessoas mais esclarecidas dos seus defeitos e melhor empenhadas

no processo de reforma íntima conseguem conviver mais harmoniosamente entre si, alcançando maior êxito em suas realizações.

Do estudo da autocrítica passou-se à análise do que leva o ser humano a permanecer silente e impassível diante dos erros e desvios que até pode admitir que possui. Se sozinho não está conseguindo vislumbrar luz ao final do túnel, haveria condições de auxiliá-lo de algum modo eficaz? E a resposta resultou positiva, bastando que houvesse interiorizado o impulso à melhora de caráter, à escorreita formação da personalidade e, fundamentalmente, existisse, forte e fiel, o desejo de seguir os passos de Jesus.

Descoberta a necessidade da autocrítica, encontrada a premissa de que há seres humanos inertes diante do óbvio, vale dizer, dos erros praticados, o degrau seguinte seria o estudo de formas a conduzir o indivíduo à reforma interior, tão essencial ao aprimoramento do ser. E mais: é certo que a maioria que estuda atentamente os livros espíritas, a partir da Codificação de Allan Kardec, que representa a base da Doutrina dos Espíritos, sente a necessidade de melhor se conhecer e pôr em prática a reforma íntima. Todavia nem sempre sabe como agir nesse sentido.

Esta obra busca fornecer subsídios nessa direção, proporcionando ao leitor interessado elementos de reflexão através dos quais possa, de forma voluntária e consciente, trabalhar os seus sentimentos e a sua razão, seja *racionalizando sentimentos* por intermédio do bom-senso e da lógica, seja *iluminando a inteligência e os pensamentos* com as luzes dos bons sentimentos.

Temas de suma importância nesse campo o leitor encontra nas páginas que se seguem: egoísmo, orgulho e seus derivados, materialismo, desvios de conduta e vícios, sexualidade, aids, aborto, pena de morte, eutanásia, entre outros.

Sistematizada a coleta dos dados obtidos mediunicamente pelo Grupo de Estudos Cairbar Schutel, todo o material seguiu para uma revisão espiritual, que optou pelo estilo através de tópicos, visando a dar o máximo de coerência e o mínimo de repetições ao texto, bem como tendo por finalidade ser um estímulo ao leitor nem sempre muito atento — face às suas preocupações do dia a dia —, de modo a convidá-lo à meditação, seja quando ler um só item, seja quando tiver a oportunidade de estudar um capítulo ou toda a obra. Um mesmo trecho pode ser lido várias vezes e cada tópico lhe trará uma mensagem diferente, ainda que no contexto sejam todas sistematicamente dispostas.

"Por que não tenho fé bastante para vencer todos os percalços que surgem à minha frente?". É uma indagação que o encarnado habitualmente se faz ao entrar em choque com problemas do cotidiano, que o abalam profundamente. A chave para solucionar essa questão pode ser encontrada no contexto desta obra, que poderá servir de manual auxiliar de reforma íntima para o leitor, contribuindo para o sucesso da sua evolução espiritual.

A reforma íntima deve ser compreendida como a chave mestra para o sucesso de sua melhora interior e, consequentemente, de sua felicidade exterior. O leitor pode notar que há mais vantagem em sacrificar-se no presente para que seu futuro seja efetivamente melhor, afinal a reforma

íntima é temporária e serve à evolução do Espírito, imortal, permitindo-lhe o ingresso em planos espirituais mais elevados.

Lapidar os próprios sentimentos é tarefa árdua, mormente para o encarnado que não os têm em relativo desenvolvimento, nem tampouco em contínuo exercício. Reforma íntima sem amor no coração é, no entanto, uma falácia. Aprender a cultivá-la verdadeiramente é um exercício significativo de abnegação e submissão a Deus.

O egoísmo, por seu lado, é a raiz de todos os males morais que existem no homem, fonte de todos os seus desvios e vícios de comportamento e causa primária das suas tendências negativas de toda ordem porque ele é a negativa do mandamento maior: “amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo.”

Todos são capazes de vencer o mal que há no âmago individual e coletivo. O amor opera autênticas modificações positivas no ser humano e na humanidade. Portanto, ainda que não exista fórmula mágica para tal, há caminhos práticos a seguir. É justamente o objetivo desta obra: demonstrá-los.

O processo de reforma íntima é, por certo, demorado e delicado. Necessita de determinação e interesse permanente daquele que o abraça para que alcance bons frutos. O saldo positivo exige exercício de paciência, tolerância, desprendimento, perdão, compreensão e amor nas relações humanas.

A reforma íntima e seus fundamentos representam verdadeira luz no imo da alma a todo encarnado que pretende desenvolver-se espiritualmente ao longo da sua trilha pela crosta terrestre.

Começar a reforma interior pelos problemas mais simples é uma das fórmulas indicadas. Depois, com naturalidade, os desvios mais complexos vão sendo enfrentados e vencidos. Tudo a seu tempo e à sua hora. Sem precipitação mas com determinação o homem alcança seus objetivos.

Abraçar, pois, essa proposta de modificação no comportamento deve ser a meta do espírita. E como afirma o Codificador no item 4 do capítulo XVII de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, "reconhece-se o verdadeiro espírita pela sua transformação moral e pelos esforços que emprega para domar sua inclinações más."

A exemplo das obras anteriores de Alvorada Nova, não sou o criador deste livro, ocupando apenas o lugar de coordenador e organizador material do seu delineamento.

São Paulo, 11 de agosto de 1996.

Abel Glaser

---

1. *Nota do autor material: Cairbar Schutel, conforme colocado em obras anteriores, é o coordenador geral da cidade espiritual Alvorada Nova. Como tal, não trabalha sozinho, tendo sua equipe no plano espiritual tal como a temos no plano material. Muitas das colocações constantes desta obra são do próprio Cairbar. Outras, de seus emissários, porém sempre sob a sua supervisão direta.*

- Primeiras considerações

I. Introdução

1- Reforma íntima é o renovar das esperanças interiores, tendo por meta o fortalecimento da fé, a solidificação do amor, a incessante busca do perdão, o cultivo dos sentimentos positivos e a finalização no aperfeiçoamento do ser.

2- É o esforço que o ser humano faz para melhorar-se moralmente.

3- Sua base de apoio fundamental são os ensinamentos de Jesus, que representam um roteiro luminoso rumo à conquista de um grau mais elevado na cadeia universal evolutiva.

4- Tem por sede, e momento principal, as passagens pelo plano material, ao longo das reencarnações.

5- A Doutrina Espírita tem por missão esclarecer o significado exato e a essencialidade da reforma íntima a todos os encarnados dispostos a apreendê-la.

6- Múltiplas reencarnações, ao longo de milênios, são palco das aguerridas batalhas consigo mesmo em busca do incremento do lado cristão que todos possuem.

7- A perfeição será atingida e o aperfeiçoamento, um dia, será completo. Nessa aura de felicidade ver-se-á envolvido o Espírito, já não mais considerado ser humano, pois acima disso.

8- Aproveitar estágio por estágio, reencarnação por reencarnação, passo por passo, é a fórmula indicada para galgar os níveis que conduzem à plenitude.

9- Estudar a reforma íntima, levar o encarnado a compreender-se melhor e também o semelhante, avaliar suas ações e reações, tocar profundamente seus sentimentos, enxergar suas deficiências, propor soluções, calcular projetos para essa busca cristã, debater dilemas, resolver problemas, solucionar dúvidas, levantar questões e atingir um ponto a mais no seu esclarecimento humano é a meta desta obra.

II. Sentimentos

10- Por que cultivar abnegação, afabilidade, bem-querer, benevolência, bondade, brandura, caridade, carinho, clemência, compaixão, confiança, coragem, desprendimento, devotamento, disciplina, doçura, esperança, fé, flexibilidade, generosidade, gratidão, humildade, indulgência, lealdade, justiça, mansuetude, misericórdia, modéstia, otimismo, paciência, pacificidade, perseverança, piedade, pureza de coração, resignação, responsabilidade, simpatia, simplicidade, sinceridade, solidariedade, ternura?

11- Porque são modos positivos de sentir o mundo ao redor e deixar fluir o âmago cristão, conforme recomendado por Jesus.

12- São as chaves do progresso do Espírito e os bálsamos que aplacam as chagas do mal; constituem o mais eficaz remédio contra o sofrimento e a oportunidade maior que o encarnado possui de atingir a paz interior, sublime, mansa e benéfica.

III. Egoísmo

13- Lança penetrante que fere mortalmente o coração dos homens, atirando-os às trevas do malquerer e conduzindo-os ao holocausto das sensações, como se estivessem sem salvação, nem possuíssem qualquer esperança.

14- Reduz-se no indivíduo pensar em si mais do que pensa nos outros, sejam estes de que relacionamento forem.

15- A simplicidade da definição do egoísmo é tão singela quanto a dificuldade que as inteligências humanas têm para entendê-lo. Basta olhar para si mesmo em primeiro lugar, agir em benefício próprio acima de tudo, voltar os interesses para o epicentro do seu ‘eu’ e tudo estará girando em torno do egoísmo.

16- É chaga porque vitima os bons sentimentos, afastando-os um a um conforme a intensidade da vibração egoística, conduzindo o encarnado à senda do mal.

17- É base de todas as imperfeições do ser humano. Representa o princípio elementar de toda doença sentimental, emocional e psicológica. É fonte dos males que abraçam a humanidade.

18- Dele todo o mal deriva.

19- Suas diferentes gradações, para mais ou para menos, não invalidam seu simplificado conceito.

IV. Orgulho

20- Filho do egoísmo, mas primogênito da prole, é o sentimento e o estado de espírito de quem se considera, de qualquer modo, a qualquer tempo, superior ao seu semelhante.

21- A igualdade é princípio universal, imutável e absoluto.

22- Não há seres — Espíritos e encarnados — superiores uns aos outros na órbita do amor de Deus.

23- Diferenças na escala evolutiva existem; Espíritos Superiores e entidades inferiores também. Entretanto, no amor do Pai, a igualdade é plena; como lhes são absolutamente equânimes as oportunidades de progresso.

24- Mais tempo de trajetória é o que possui o Espírito Superior; menor prazo enfrentou o inferior. Ambos são irmãos, semelhantes, iguais, filhos de Deus.

25- Inexiste nos valores autenticamente cristãos espaço para o orgulho.

26-Tem ele, no entanto, suas ramificações nefastas que também conduzem o ser humano à desgraça moral e ao desatino espiritual.

27- Pode ter variáveis gradações, mas sempre será negativo.

28- Egoísmo e orgulho são os inimigos da evolução; ainda estão fortes e presentes no coração e nas atitudes da maioria dos encarnados.

V. Derivados do egoísmo e do orgulho

29- Por que evitar amargor, antipatia, arrogância, avareza, ciúme, cólera, comodismo, covardia, cupidez, deslealdade, desprezo, desumanidade, dissimulação, falsidade, futilidade, ganância, impiedade, indisciplina, individualismo, inflexibilidade, ingratidão, insensibilidade, inveja, ira, irresponsabilidade, libertinagem, luxúria, maldade, malquerer, materialismo, melancolia, narcisismo, ódio, pessimismo, preguiça, prepotência, raiva, rancor, rebeldia, ressentimento, teimosia, torpeza, vaidade, vingança?

30- Porque são modos de ser, sentir e estar que não possibilitam a harmonia maior com o lado cristão do Espírito, não conduzem a Jesus, não permitem a felicidade, não fazem progredir e afastam o ser da busca da perfeição.

31- Infaustas ações são aquelas que tiverem por fundamento quaisquer desses males da alma.

32- Majoritária comunidade habita a Crosta manifestando ao seu semelhante as mais diversas e indistintas formas de egoísmo.

33- Abraçando o orgulho, menosprezando o próximo, termina o ser afastando-se do Plano Superior e deixando de auferir o lenitivo do coração, que é o bom envolvimento dos emissários divinos.

VI. Necessidade da reforma íntima

34- O processo de reforma íntima desgasta e fere o pundonor do encarnado, transformando-o em joguete da falência da garbosidade de seu sentimento de superioridade, inato, natural e, por vezes, inconsciente.

35- Não deixa ela de ser, por isso, essencial e crucial na jornada por que passa o Espírito no plano físico.

36- Seu lado amistoso e geralmente desconhecido é constituído da purificação do âmago do indivíduo e da possibilidade dele sentir a felicidade tão almejada em esfera tão precária.

37- São os pensamentos do encarnado que o aproximam ou o afastam de Deus, em maior ou menor grau, com maior ou menor duração.

38- Quanto maior sua paz interior, enorme a possibilidade de estar harmonizado com a Superioridade Divina; quanto maiores forem os seus distúrbios psicológicos ou as perturbações psicossomáticas, crescentes lhe serão as influências negativas do plano inferior da vida.

39- Higidez física e mental: meta do ser humano.

40- O equilíbrio é indispensável para que o encarnado, devedor que é por natureza, enfrente os obstáculos da sua trilha no plano físico e seja bem sucedido na sua oportunidade reencarnatória.

41- Para alcançar a reforma íntima, deve o ser humano cultivar a vontade firme e consciente de que ela é o melhor instrumento que possui para ser mais feliz e vencer tanto na caminhada material quanto na espiritual, paralelas que são.

42- O livre-arbítrio é o artífice do seu empreendimento, mestre dos seus passos, mentor do seu discernimento. Pode ser herói ou vilão, salvador ou algoz, benéfico ou maligno.

43- Por isso é livre e para tal é arbítrio. É o comando de vida entregue por Deus nas mãos de cada homem.

VII. Dificuldades na prática da reforma íntima

44- Lutar ou não? Essa indagação muitos encarnados se fazem a fim de avaliar a utilidade do complexo empreendimento da reforma íntima.

45- O sofrimento lhes será inevitável, pois os seus conflitos internos estarão em ebulição e não bastará a aparência para concretizar verdadeiramente qualquer modificação substancial.

46- Um dos primeiros entraves a ser removido é a ausência ou a dormência da autocrítica. As pessoas, de um modo geral, julgam-se isentas de avaliações ou se concedem o benefício da dúvida, o que dificulta ou impede o reconhecimento dos seus erros e dos desvios de toda ordem, muitas vezes a movimentá-las com frequência no cotidiano.

47- Não que todos os seres humanos considerem-se perfeitos. Expressam aos outros que não o são, por certo; intimamente, porém, acham que são menos errados que o seu vizinho, portanto, mais perfeitos que o próximo. Aí está a chave inicial do insucesso na reforma íntima.

48- A persistência do indivíduo no descobrimento dos próprios defeitos ampliará consideravelmente o âmbito de possibilidades de êxito. Somente quem sabe os males que possui, pode curá-los. A ignorância é um sério entrave na renovação interior.

49- Forças negativas produzem reações similares. Cultivar maus sentimentos, portanto, cria um universo contraproducente ao encarnado.

50- Abrindo o coração para o bem, estará tecendo condições para um envolvimento positivo e, com isso, surgirá a possibilidade de ouvir críticas e estabelecer o diálogo acerca dos problemas que cercam sua personalidade e seu modo de agir.

51- Após ter assimilado o processo de autocrítica, o segundo passo será agir com sinceridade. De nada adianta enganar-se na reforma íntima, porque se assim o fizer ela não será autêntica.

52- A sinceridade prevê a vontade de ouvir críticas para poder solucionar problemas, não com o sentido de retorsão ou revanche.

53- Quem critica pode estar ou não no mesmo processo. Se estiver, sua censura será fraterna, com o objetivo de esclarecer e não de ferir, tendo por pressuposto a mansuetude e o amor, príncipe dos sentimentos cristãos. Caso não esteja, ainda assim, será a objeção recebida com naturalidade e incidirá o perdão sobre aquele que não soube expressar-se ou mesmo assacou uma inverdade.

54- Uma terceira dificuldade a ser enfrentada é a bagagem secular de erros e mazelas que o Espírito traz consigo ao longo do seu processo evolutivo. São fatores determinantes para a sua maior ou menor resistência ao processo de reforma íntima.

55- Não se trata de uma desculpa, nem de uma justificativa excludente, mas somente de mais um entrave na sua luta por um progresso interior.

56- Obstáculo implacável constitui o maior ou menor desapego aos valores cristãos. Sem fé, não há força interna que seja capaz de levar o

encarnado ao áspero combate que irá travar consigo mesmo, visando produzir, com eficácia, a sua reforma íntima.

VIII. O fator obsessão no contexto da reforma íntima

57- O mundo dos encarnados é repleto de Espíritos, havendo ampla e plena integração entre os dois planos da vida.

58- As influências recebidas pelos homens, no entanto, podem ser positivas ou negativas. Intuições e inspirações fluem dos bons Espíritos, visando ao auxílio dos encarnados nos seus empreendimentos, dando-lhes o necessário fortalecimento cristão. As sugestões do plano inferior, sempre presentes em estágios evolutivos como o da Crosta, atualmente, quando constantes, podem tornar-se obsessões simples e subjugações, conforme o seu maior ou menor grau de envolvimento e aceitação.

59- Pessoas envolvidas por obsessores tendem a pender para o mal, visto que os sentimentos predominantes nesses seres menos esclarecidos ainda estão distanciados dos ensinamentos de Jesus.

60- Trilhando por sendas desapegadas do Bem, é natural que a reforma íntima lhes fique extremamente dificultosa, pois a melhoria interior dependerá da própria negação do processo obsessivo.

61- Tem grande importância na reforma íntima afastar toda e qualquer forma de obsessão para que haja possibilidade de sucesso na empreitada.

62- Por paradoxal que possa parecer, um fator abrange o outro. O ser humano que não exercita a autocrítica deixa de fortalecer e cultivar sua fé

nos postulados cristãos, terminando por agir camufladamente no tocante aos seus sentimentos. Com isso, torna-se presa fácil dos inimigos do Bem. Atrai e deixa-se levar pela obsessão. Por outro lado, quem está sob esse processo nefasto, fraqueja nas condições efetivas de empreender a reforma íntima. Com isso, surge o círculo vicioso da *obsessão-ausência de reforma íntima*.

63- Mas, importante princípio: a obsessão não representa um mal absoluto; ao contrário, é uma consequência da invigilância do próprio encarnado e da sua falta de querer positivo. Desejando, pois, afastar o(s) seu(s) obsessor(es), não basta tencionar. Para tanto, é preciso um mínimo de reforma íntima, de início, a fim de que seus bons sentimentos retornem e, aos poucos, a entidade inferior comece a perder seu campo de atuação, enfraquecendo sua capacidade de influenciação.

64- Ajuda espiritual Superior e reuniões de desobsessão também auxiliam nesse processo de libertação.

65- Eliminando o assédio do obsessor, estará o encarnado mais apto a dar prosseguimento ao seu processo de reforma íntima. Sem quebrar sua vinculação com o mal que o cerca, impossibilitado ficará de concretizá-la.

66- Para conservar-se afastado de ascendências negativas, é condição suficiente manter-se harmonizado com o plano espiritual elevado. Boas ações e sintonia, por menor que seja, com os ensinamentos de Jesus são as armas e os antídotos para todos os males dessa natureza.

67- Quaisquer dos sentimentos ou posturas elencados no item 29 são poderosos atrativos para seres inferiores e processos obsessivos de toda ordem.

IX. Reforma íntima e evolução do Espírito

68- Jornadas seculares são empreendidas pelo ser até atingir a perfeição.

69- A reencarnação é o instrumento necessário para que os degraus evolutivos sejam vencidos um a um.

70- No contexto dos seres humanos, a prática da lei universal do amor é o caminho indicado para que o progresso seja atingido. Nem sempre é possível tal exercício porque o encarnado pode não estar bem preparado a compreendê-la, aceitá-la e praticá-la. Necessita, pois, de reforma íntima.

71- A todo instante de sua peregrinação pela vida material, o indivíduo está recebendo importantes orientações do Plano Espiritual, através das intuições e inspirações. Durante o sono, quando está em desprendimento do corpo físico, o Espírito, liberto momentaneamente, recebe, se a tanto estiver receptivo, bons conselhos dos mentores e amigos espirituais.[2]

72- Dar valor e, sobretudo, seguir tais alertas tornam-lhe mais fácil a busca da evolução, viabilizando a modificação interior dos seus sentimentos.

73- Tais advertências podem servir para ressaltar a necessidade de autocrítica, incentivar a mudança de atitudes e mesmo deter um procedimento menos digno ou anticristão. Portanto são sempre valiosas para a reforma íntima.

74- A reencarnação pode ser enfocada de duas formas: genérica e específica. A primeira considera-a como um todo, ou seja, o processo ao longo de milênios que irá conduzir o ser à perfeição. A segunda trata de uma existência material, situando-
a no período determinado de algumas décadas, de modo geral.

75- Vista sob o prisma *genérico*, a reforma íntima é o propulsor indispensável para fazer todo o processo global da evolução do ser e impulsioná-lo à total purificação. No ângulo *específico*, a reforma íntima constitui-se de atos isolados, no dia a dia do encarnado, levando-o a melhorar-se nas suas mais variadas atitudes para, depois, ampliando o contexto, alterar sua conduta, tornando-a cada vez mais próxima do comportamento ideal e cristão.

76- Em conclusão, a reforma íntima garante a evolução, seja no cenário global das várias reencarnações pelas quais o Espírito passa, seja no contexto específico daquela que está vivenciando. A somatória das reencarnações bem sucedidas significa a síntese do progresso do ser.

77- O mundo evolui, a humanidade prospera, comunidades inteiras mudam de plano e, como componente elementar de todo esse processo, progride individualmente cada Espírito, centelha de vida criada por Deus.

---

2. *Nota do autor material: maiores informações sobre este tema podem ser encontrados no livro "Imagino que você queira ser feliz – Memórias de um anjo guardião". – Editora Alvorada Nova*

X. Vantagens imediatas decorrentes da prática da reforma íntima

78- Não somente de perspectiva futura deve viver o ser humano no contexto da sua reforma íntima. Afinal a modificação interior dos valores, a transformação para melhor dos seus sentimentos e a prática, no cotidiano, dos ensinamentos do Cristo, trazem-lhe efetivamente melhorias sensíveis.

79- Ser um adepto da lei do amor torna o homem mais dócil e compreensivo; faz com que saiba perdoar; eleva-o à harmonia celestial, deixando-o à mercê dos bons conselhos; granulam-se ao seu redor os lumes da esperança perpétua e consolida-se o seu universo de paz.

80- Estar em paz no enfrentamento da acre vida cotidiana traz benefícios imediatos ao encarnado: menos doenças materiais e espirituais; ausência prolongada de obsessões indesejáveis; condutas e atitudes cristãs formalizadas; maiores e palpáveis possibilidades de sucesso material, acompanhado do precioso auxílio caritativo consolidado; enfim, alcance em maior grau da felicidade relativa capaz de ser vivenciada no mundo corpóreo.

XI. Desvantagens evidentes para o egoísta e orgulhoso

81- Em primeiro lugar, o egoísmo e o orgulho vedam ao ser humano a reforma íntima ou, pelo menos, dificultam-na ao máximo.

82- Não bastasse, tornam o encarnado insensível aos verdadeiros valores da vida e à sua essência cristã, o que o infelicita no mais profundo do seu âmago, gerando-lhe um estado insistente de amargor e tristeza espirituais, conscientes ou não.

83- Colocam-lhe uma venda quase intransponível ao valioso processo de autocrítica.

84- Tornam-no viçoso representante da vaidade destrutiva, que o faz subir, via de regra, no mundo dos homens, desgraçando-o no dos Espíritos, estância inicial e final de sua efêmera existência material.

85- Faíscam-lhe centelhas de maldades do coração no seu dia a dia, deixando-o menos suscetível às orientações dos bons Espíritos e presa fácil diante do ardor das entidades menos esclarecidas.

86- Prejudicam-no no cenário onde convive, seja doméstico, profissional ou até mesmo social, tornando-o menos querido e com maior possibilidade de atrair os indignos sentimentos alheios.

87- Transformam-no, comumente, em alvo da inveja, do rancor, do ódio e da cobiça alheias, carreando para si fortes cargas negativas que só tendem a danificar-lhe o equilíbrio e a temperança.

88- Reduzem-no a um ser derrotado, submisso aos reclamos do *mal* e cético quanto à prática do *bem*.

89- Fazem-no sentir-se humilhado, em função da pequenez do seu caráter e da insignificância da sua personalidade diante de homens íntegros, modestos e autenticamente cristãos. Sofrem mais e muito os egoístas e orgulhosos, embora essa dor seja do âmago e possa não se tornar aparente.

XII. Solúveis arestas nas relações humanas

90- Há determinadas facetas da personalidade humana por onde o encarnado pode encontrar maior facilidade para iniciar o seu processo de reforma íntima.

91- Cada qual deve descobrir o seu lado imperfeito mais fácil e simples de ser contornado; essa perspectiva varia de pessoa a pessoa, não havendo soluções idênticas para todos.

92- Em princípio, não pode estar afastada a autocrítica, visto que, sem ela, inexistirão no entender do indivíduo desvios de conduta a serem reparados.

93- Acatando a censura sobre os próprios atos, deve a criatura aprender a ouvir conselhos alheios, ainda que lhe pareçam distantes da realidade ou inverossímeis. Nem sempre o que, à primeira vista, não tem visos de verdadeiro, é realmente falso. A ilusão, nesse campo, é muito intensa, pois há grande dificuldade do ser humano em reconhecer e assimilar seus erros.

94- Ser flexível sem lhe faltar personalidade. Pequenas concessões nos desejos ou caprichos, por menores que sejam, dão mostra do vigor com que cada um inicia a luta da sua reforma íntima.

95- Não é difícil perceber que ao encarnado torna-se mais fácil ser perdoado do que perdoar. Por vezes, falta-lhe até o bom-senso de perceber

que está sendo desculpado. Muitos sequer enxergam nos atos indulgentes do próximo algo a ser agradecido, ainda que no íntimo.

96- A benevolência deve começar a ser praticada através das singelas atitudes. Aos poucos, conseguindo vencer pequenos obstáculos, o homem vai progredindo na tolerância, até alcançar o perdão aos seus inimigos, com amor e fraternidade.

97- No contexto da reforma íntima, limitados e pequenos gestos valem muito, desde que positivos. Um mínimo progresso não deixa de ser uma evolução. Logo, o caminho é começar por baixo, sem falsas pretensões ou ilusões. Não alimentar a presunção de se tornar a imagem e semelhança do Cristo de um momento para outro é postura recomendável, ainda que essa seja a meta a ser alcançada um dia.

98- Sendo-lhe mais agradável amar o amigo e odiar o inimigo, pois inerente à natureza humana da maioria dos encarnados, a trilha indicada nesse campo é ser cada vez mais benevolente com o amigo, fortalecendo os laços de amor, mas dando início a uma visão mais otimista e menos rancorosa que possui do desafeto. Todo ser humano tem virtudes e defeitos. Por que não procurar primeiro alguma qualidade naquele a quem odeia ou de quem guarda rancor?

99- Pessoas têm limites. Há quem não consiga fazer alguma coisa que outro considere extremamente fácil. Graus de dificuldade para exercer determinados papéis em sociedade e diferentes faixas de compreensão são parte presente e constante do cotidiano dos encarnados. Não há por que estranhar que uns consigam vencer certos obstáculos com a metade do tempo levado pelo outro, enquanto que a situação pode inverter-se em

algum setor diverso da vida. Compreender, pois, o limite de cada um facilita — e muito — o processo de reforma íntima.

100- Ser amigo é uma arte. Saber ser amigo é um dom. Por que o homem não medita o quão amigo é, ou poderia ser, do seu semelhante? Entender o que é e o que significa amizade é um bom passo na solução dos problemas cotidianos que o cercam.

101- Julgamentos devem ficar restritos aos ambientes dos tribunais. No cotidiano, a abstenção dos juízos que alguém faz do outro é um conselho precioso a ser seguido. Evita, com isso, a maledicência, afasta a bisbilhotice e passa ao largo da injustiça.

102- Saber dividir é ponto inafastável da mudança de comportamento para melhor. Impossível ser solidário sem compreender o valor e o significado do “dar” e do “receber”.

103- Saber receber alguma manifestação de carinho ou mesmo uma dádiva material é tão importante quanto saber doar o mesmo a outrem.

XIII. Barreiras no aprimoramento das relações humanas

104- O egoísmo, o orgulho e seus derivados criam e consolidam incontáveis barreiras que dificultam o aprimoramento das relações humanas. Algumas, mais comuns; outras, raras. Todas, no entanto, complexas e difíceis de serem superadas.

105- Quem já não enfrentou um desgastante relacionamento afetivo? Irmãos que não se aguentam; pai e filho que não se suportam; mãe e filha que competem; colegas de profissão que disputam palmo a palmo o mesmo terreno; vizinhos que não se toleram; enfim há um universo de relações que acontecem na vida do encarnado, obrigando-o a aturá-las compulsoriamente. Ninguém se livra do laço de sangue ou de algum outro liame especialmente colocado em seu caminho para toda uma vida. Difícil se torna a reforma íntima nesse setor amargo do coração.

106- O importante é cada um ter noção de que nada acontece por mero acaso e para tudo há uma explicação e uma forte razão de ser. Portanto aceitar tal propósito do destino é o primeiro passo para superar divergências aparentemente intransponíveis.

107- Vitorioso é o encarnado que consegue acatar o desígnio divino que o colocou ao lado de determinada pessoa que julga insuportável. Aliás a

mesma sensação pode ter ela a seu respeito. Por que não se livrar de um desgastante processo de mútua vibração negativa?

108- Quem dará o primeiro passo? É outro obstáculo a ser superado no caminho dos que praticam a renovação do seu âmago.

109- Torna-se conveniente, se não consegue dar o primeiro passo rumo à conciliação, o indivíduo não fechar a porta ao outro que, com dificuldade, quer dar início à recomposição dos laços afetivos entre ambos.

110- Se não se sente com capacidade ou força de vontade suficiente para dar o primeiro empurrão em direção à indulgência, por que impedir que o semelhante o faça? Não é mais fácil deixar que ele tome a iniciativa? Se é, por que não aceitar o seu gesto com bom-senso e parcimônia?

111- Outra indagação pode surgir nesse contexto: e se ambos não quiserem dar o primeiro passo conciliador? É sinal de que ainda não compreenderam, de fato, a importância de acatarem os sábios caminhos traçados pelo destino. Assim ocorrendo, ao menos deem ao tempo o benefício da dúvida e deixem-no agir. Nada melhor do que o passar dos dias e mesmo dos anos, sem vibrações negativas, em posicionamento neutro, para curar feridas e remediar os males do coração.

112- Barreira das mais árduas a transpor é a da hostilidade. Inimigos, adversários (ou quaisquer outros posicionamentos não cristãos) que cultivam esse sintoma, deixando-o proliferar, estão espiritualmente mais enfermos do que se julgam. Afastar-se da agressividade somente traz benefícios ao ser humano, pois deixa de fazer suar frio o desafeto que vê o rival; impede a taquicardia nos encontros de qualquer espécie; faz cessar o mau humor que invade o interior do antagonista somente ao pensar que vai

avistar-se com o opositor; enfim, garante-lhe a saúde física e mental. Abandonar o lado hostil que o cerca é vantagem ao próprio encarnado.

113- Conviver com o inimigo é imperativo. Não se rompe com os sentimentos negativos caso não haja o exercício das disposições afetivas positivas. Portanto, no campo da reforma íntima, não é o mero afastamento que trará a tão almejada paz àqueles que se odeiam. É condição necessária o convívio, mesmo que, inicialmente, difícil. O passar do tempo, com ânimo regenerador, fará com que do ódio passe o ser humano à indiferença e desta ao amor.

114- Pensar que essa renovação interior é impossível de alcançar é outra barreira que o encarnado enfrenta na reforma do seu comportamento. Nada é irrealizável nesse campo, em qualquer dos planos da vida. Aliás nenhum fardo é por Deus permitido a quem não possa carregá-lo.

115- O ser humano é, de regra, um censor muito severo. Exige uma postura claramente amistosa (sua ou do outro) em variadas relações, pois, do contrário, julga-se incapaz de conquistar alguém ou ser por essa pessoa conquistado. Calma e perseverança são elementos inafastáveis a quem pretenda superar as próprias dificuldades — e compreender as dos outros.

116- Sentir-se o homem um aprendiz na senda da reforma íntima facilita — e muito — o seu trabalho. Disposição para conhecer o que não sabe e vivenciar novas experiências são indispensáveis ao construtor de uma nova personalidade.

XIV. Teoria e prática

117- A reforma íntima abrange dois enfoques: o teórico (pensamento) e o prático (ação). Teoricamente o encarnado tem maior facilidade, não somente de entendimento do que vem a ser a renovação interior, mas também e sobretudo de compreender como praticá-la. Neste último aspecto, no entanto, há um enorme comprometimento da capacidade de luta do ser humano.

118- Trata-se de um fator natural, pois tudo o que é aprendido em tese leva algum tempo para ser exercitado na prática. Com a reforma íntima não ocorre diferentemente.

119- Na *teoria*, o encarnado deve compreender que não é perfeito e está longe de sê-lo. Por outro lado, precisa saber que, para seu próprio bem, não pode deixar de alterar o seu comportamento, adequando-o ao ângulo cristão. Finalmente, necessita de promover a autocrítica a fim de conhecer o que possui de errado e em quais aspectos deve mudar.

120- Na *prática*, o ser humano precisa dar passos pequenos mas seguros; necessita de começar algum dia a empreendê-la, ainda que leve muito tempo para findá-la; não pode ter a perspectiva de que, num só estágio reencarnatório, irá esgotá-la; deve manter-se esperançoso mesmo que enfrente desgastes e frustrações nas primeiras tentativas; carece manter-

se atento aos próprios subterfúgios que muitas vezes busca encontrar para interrompê-la. Gradativa, mas constantemente, conseguirá dar início ao processo de reforma íntima e manter-se nele.

121- Teórica e praticamente tem o homem necessidade de manter-se confiante em si mesmo e no processo. O descrédito não lhe será útil em momento algum.

122- Aprender a lidar com suas ilusões também é bom conselho a quem pretende conservar a perseverança no processo sem falsear a realidade. Não é demais lembrar que há encarnados que se frustram nas primeiras tentativas de alcançar êxito em qualquer empreendimento que idealizam, ainda que tenham capacidade de vencer os obstáculos e atingir o triunfo. No contexto da reforma íntima dá-se o mesmo.

XV. A importância do diálogo

123- Pessoas que evitam o convívio com o semelhante, afastam-se de comunidades e preferem a solidão, são egoístas por natureza. O primeiro passo que devem dar é romper com tal atitude, buscando o diálogo franco com aqueles que as cercam.

124- Na atualidade é praticamente impossível ao indivíduo viver em completo isolamento. Logo, basta-lhe querer para dar início a um convívio amistoso com alguém, mesmo que seja um familiar.

125- O diálogo é essencial ao processo de reforma íntima porque através dele o encarnado pode conhecer suas deficiências, ouvir bons conselhos e ter um campo aberto para a troca de ideias.

126- A solução para deixar de ser individualista é jamais romper com o diálogo em qualquer contexto, mantendo-se ativo e perseverante na busca de debates fraternos acerca dos mais variados temas. O exercício do diálogo faz com que adquira consciência da necessidade do convívio e do rompimento do invólucro egoísta no qual está inserido.

127- Existem aqueles que, apesar de não serem, nem se considerarem, individualistas ou solitários por excelência, têm imensa dificuldade de dialogar. Preferem, na maioria das vezes, o monólogo. São os que não sabem ouvir.

128- Tanto quanto discursar para convencer e ensinar é uma das artes mais antigas e belas das quais a humanidade tem notícia, saber ouvir representa oportunidade inigualável a quem pretende auferir conhecimento. Logo, para a reforma interior não é suficiente aconselhar e, portanto, discursar.

129- O diálogo favorece ambas as posições: *falar* e *ouvir*. Utilizar com equilíbrio esses elementos tornam o encarnado um mestre do aprendizado cristão.

130- Em todos os setores da vida humana, prosperar o diálogo, especialmente o fraterno, em que há pleno respeito a ideias e conceitos, é o caminho indicado para o sucesso da reforma íntima.

XVI. Dois pesos e duas medidas

131- Quem já não utilizou dois pesos e duas medidas, tendo sido mais benevolente com as próprias atitudes do que o foi com a dos outros?

132- Outro ponto fundamental para a renovação do âmago é cada um controlar com isenção de ânimo o natural desequilíbrio que rege as relações humanas. O homem é um ser que tende ao protecionismo e, consequentemente, à injustiça.

133- O mesmo critério que utiliza para avaliar a ação do seu semelhante deve o encarnado usar para consigo. Não o faz, de regra, no cotidiano e raramente percebe tal erro.

134- Quanto à reforma íntima, precisa a pessoa exercitar o equilíbrio dos seus julgamentos. Deixar de analisar o próximo é um pedido quase impossível de ser atendido, pois o dia a dia demanda tais avaliações, sejam elas profissionais, sejam no lar ou mesmo no contexto social.

135- A essência, entretanto, é o indivíduo saber avaliar. Se os critérios — e o rigor — utilizados, ainda que exagerados ou não ideais, for equânimes (para si e para o outro), já é um bom começo.

136- O erro está em ser indulgente consigo e rigoroso com o semelhante.

137- Para mudar esse comportamento, deve o ser humano olhar primeiramente para si em matéria de desvios e somente depois criticar os atos alheios. Fazendo-o, realmente, perceberá as inúmeras injustiças que vem cometendo cotidianamente.

138- Não se nega a ninguém o valor de um conselho bem dado nem de uma observação bem feita, na hora certa, com a devida pertinência e de forma fraterna. Quer-se, no entanto, que essa mesma sugestão ou crítica — quando lhe é dirigida — seja bem recebida e criteriosamente analisada. Assim fazendo, os encarnados podem ajudar-se reciprocamente no processo de reforma íntima.

XVII. As prevenções

139- Antes de ouvir, julgando com dois pesos e duas medidas e ausentando-se do diálogo fraterno, a tendência do encarnado é, de regra, cultivar o mau hábito de prejulgar.

140- Com tal atitude cria uma redoma em sua mente e uma barreira em seu coração contra os que o cercam e aquilo que está fora da sua capacidade de conhecimento e entendimento.

141- Não gostar de alguém ou de algo simplesmente porque forma um conceito precipitado a respeito não é, definitivamente, um ato cristão.

142- Eliminar prevenções é imprescindível no contexto da renovação dos sentimentos.

143- Para tanto, o indivíduo necessita de controlar suas emoções, especialmente aquelas que costumam ser desequilibradas, partindo para o diálogo e o convívio, mesmo que, antecipadamente, creia não ser recomendável.

144- Não lhe é obrigatório estabelecer relações de amizade com todos que o cercam, nem amá-los do mesmo modo e com a mesma intensidade. Recomenda-se somente que o encarnado não cultive o hábito de julgar as pessoas ou os fatos pela aparência ou pelo que ouviu dizer, nem sempre expressão da verdade.

145- Imagine que assim fazendo e tornando tal comportamento uma regra, através do exemplo, no seu meio social, também não será julgado indevidamente por outrem, evitando os males que tal prevenção lhe pode trazer.

146- O ser humano deve lembrar-se de que há sempre alguém superior à sua pessoa, cujo julgamento pode pesar como uma clava dolorosa sobre seus ombros, em qualquer setor de sua existência.

147- Um exemplo singelo pode ser construído da seguinte forma: o chefe que possui o hábito de prejulgar os funcionários mais simples, sob sua responsabilidade, entender-se-á com um gerente a cobrar-lhe, também de forma antecipada, os seus atos. E o gerente será avaliado com antecipação por algum diretor. E esse último, por sua vez, terá o presidente a cobrar-lhe os passos. E assim sucessivamente, pois na teia social é impossível falar em supremacia plena de alguém.

148- Afastar-se das prevenções é medida cristã, cujo resultado frutifica em dois sentidos: de dentro para fora e vice-versa. Vale dizer: tanto é útil àquele que a pratica, evitando prejudicar alguém, como poderá servir para, no futuro, preservá-lo de ser por outrem prejudicado.

XVIII. Modelo maior

149- O modelo maior de conduta a ser seguido é Jesus. Não deve o encarnado alegar dúvida nesse processo de mudança interior, pois o Cristo deixou-lhe um universo de ensinamentos que engrandecem e simplificam, ao mesmo tempo, a busca da reforma íntima.

Sofrimento

150- Sofrimento é, em tese, um estado de espírito desequilibrado que envolve o encarnado em determinadas fases de sua jornada, resultante da inadaptação ou rebeldia diante dos obstáculos de quaisquer espécies que lhe surjam à frente.

151- Os obstáculos são as provas ou as expiações pelas quais todo ser humano deve passar, pois fatores necessários ao progresso do ser.

152- O sofrimento pode gerar inúmeros sentimentos e estados de espírito secundários negativos.

153- Não há frutos positivos da rebeldia diante do sofrimento.

154- Em verdade, termina por significar inaceitabilidade do homem aos Desígnios Divinos, pois nada acontece por acaso e tudo que envolve o encarnado, numa visão positiva ou negativa, tem uma razão plenamente justificada e absolutamente justa, pois Deus não falha.

155- Revoltar-se é um ato de irresignação, porque o indivíduo recusa-se a seguir, como todos devem fazer, as Leis Divinas, que determinam não haver progresso sem luta e perseverança. Consequentemente, não há evolução sem o vencimento de provas e a ultrapassagem resignada das expiações.

156- Pode tratar-se de um estado de espírito desequilibrado, fruto da inconstância e do desajuste — condições suficientes para determinar o surgimento de outros males de variada ordem. A título de exemplo, o sofrimento, nesse caso, pode trazer angústia, tristeza, amargura, dores físicas e psíquicas, emotividade exacerbada, sensibilidade extrema, ira e, sobretudo, ódio.

157- O sofrimento moral é capaz, nessas circunstâncias, de gerar doenças no corpo físico porque provoca desajustes no sistema imunológico, em grande parte controlado pelo psíquico, que é dirigido pelo Espírito.

158- Pode causar também doenças mentais e psicológicas, visto abalar o sistema nervoso.

159- Sofrer por sofrer não traz vantagem alguma, somente problemas.

160- Deixar de revoltar-se diante do inevitável é mostra de evolução, pois representa aceitação plena da Vontade de Deus.

161- No campo da reforma íntima, o mais indicado para amenizar e afastar o sofrimento é compreender a lei da reencarnação, acatando-a como justa e verdadeira.

162- Sabendo que, para ser autêntica e definitivamente feliz, o Espírito deve passar por vários estágios, vale dizer, por inúmeras reencarnações e que cada uma delas lhe proporciona oportunidade ímpar de progresso espiritual, o encarnado pode, aos poucos, em primeiro lugar, tranquilizar o seu âmago, aceitando as provas que lhe surgem à frente.

163- Outro passo fundamental para extirpar ou diminuir o sofrimento é a pessoa aprender a manipular positivamente os próprios sentimentos, racionalizando-os e impedindo que as emoções dominem a sua razão.

164- O terceiro estágio é praticar a via inversa dos sentimentos negativos, que são frutos do sofrimento ou seus geradores, exercitando os positivos, derivados do amor. Quanto mais o encarnado consegue colocá-los em ação, menos sofre.

165- Atitudes de reclamação passiva merecem ser evitadas. Em vez de questionar a falta de determinado bem, por que não lutar para obtê-lo? É preferível sair em busca da felicidade do que se queixar de que é infeliz.

166- Por mais simples que possa parecer, muitos ainda não meditaram suficientemente no que lhes significa viver em função de situações e acontecimentos do passado. O melhor a fazer, especialmente no que tange aos fatos que consideram negativos da vida, é deixá-los no pretérito, tal como a lei universal da evolução determina ao impulsionar o ser humano para o futuro.

167- Viver consciente e determinado no presente, bem como esperançoso no tocante ao futuro, supera as possíveis raízes negativas do passado e coloca o encarnado longe do desespero.

168- Lembrar que o eventual sofrimento de hoje, amanhã será passado e, portanto, facilmente superável.

169- Não projetar o sofrimento presente para o futuro (como se fosse um mal eterno, que inexiste) afasta a possibilidade de prejudicar a esperança.

170- Usar as linhas do passado como lição e aprendizado dos erros cometidos, para evitá-los no presente e no futuro, é sabedoria, mas servir-se delas para trazer desacertos representa imaturidade.

171- Uma das razões invocadas pelo homem para justificar seu sofrimento é a falta ou insuficiência de bens materiais. É preciso notar que muito desse sofrimento em realidade é originário do materialismo, outro mal que assola o plano físico.

172- A perda de entes queridos, entendendo-se como tal o regresso desses seres à pátria espiritual, é motivo de sofrimento para muitos. Ainda que seja compreensível tal situação diante do atual estágio evolutivo da humanidade, torna-se necessário frisar que a volta ao mundo da verdadeira vida é motivo de alegria, de trajetória cumprida e, portanto, de etapa vencida. Permanecer no plano material é fase de provas e sede de obstáculos e lutas. Retornar pelos caminhos normais é sinal de finalização de uma jornada e, portanto, mostra de esperança num futuro melhor.

173- Por pior que seja a passagem do Espírito pela vida material, inexiste o retrocesso na escala evolutiva, pois o progresso o aguarda.

174- Fonte de sofrimento é a autopunição: aquele que, para condenar um gesto próprio, impõe-se o desequilíbrio espiritual, cultiva sentimentos negativos. Ainda que alguns entendam que ele é abnegado sofredor e, portanto, mártir do próprio rigorismo, não há mérito em usurpar uma função que é exclusiva de Deus. Do mesmo modo que não lhe cabe julgar o próximo, inexiste, como valor cristão, a autoanálise como forma de infligir um castigo a si mesmo. Autocrítica deve ser usada para o lado positivo, que é a melhora dos sentimentos, jamais para a aplicação de uma pretensa pena, em verdade fator de sofrimento ao Espírito.

175- Por isso é censurável o suicídio. Não cabe ao homem eliminar a própria vida. Não é atribuição do encarnado julgar-se e, com isso, aplicar a

si mesmo uma pena mortal, por pior que tenha sido alguma conduta sua.

176- Por outro lado, se o suicídio é praticado não como forma de autopunição, mas para evitar sofrimento, é outro malogro que o ser humano comete. Por dois fatores essenciais: primeiro, porque o sofrimento é somente uma incompreensão da realidade, logo, superável e, segundo, porque, extinta a vida material, continuará a espiritual, aumentando-lhe a expiação e, consequentemente, o sofrimento.

177- Ninguém se afasta do sofrimento pela fuga da realidade, mas fundamentalmente pelo esclarecimento alcançado através da fé raciocinada, ladeada pela racionalização dos sentimentos.

Felicidade

178- A felicidade, sob certo sentido, é o oposto do sofrimento. É feliz quem não sofre, pois a felicidade é o estado de espírito daquele que está satisfeito com o que é e com o que tem. Tão simples quanto real.

179- Nota-se, então, a grande importância de aplacar o sofrimento, visto que ele é o redutor das possibilidades do ser humano ser feliz.

180- É bem verdade que a felicidade completa não é do mundo material, nem está ao fácil alcance proposto pelo desejo do homem.

181- Caminha o Espírito para a perfeição. Pode, ainda, passar por inúmeros estágios, muitas reencarnações, com venturas e desventuras, levando o tempo que for necessário, mas segue sua trilha nessa direção.

182- Ser e estar feliz é, portanto, uma capacidade que todo encarnado tem, mas que a maioria recusa exercitar ou desenvolver. Prefere ver-se mártir do destino e, de algum modo, julgar que não é feliz e só poderia ou poderá sê-lo no contexto materialista. Raros são aqueles que brindam o Espírito com a alegria de viver, simplesmente porque estão tendo uma oportunidade de progresso, o que é o mais importante.

183- Fator fundamental para o ser humano pender para o lado da felicidade é cultivar o otimismo, um modo especial de encarar e enfrentar as contingências da vida material. Sê-lo é algo que também a maioria não

visualizou ainda como um benefício; e muitos interpretam como comodismo ou tibieza.

184- Detalhe essencial à busca da felicidade é não condicioná-la aos atos de terceiros. Cada um age de um modo, conduzido por sua personalidade e por seu lastro espiritual de séculos, o que significa que as atitudes de um não devem servir de base absoluta à felicidade do outro.

185- Logicamente, atos negativos de alguns podem causar dissabores em terceiros, mas tal situação não lhes deveria afetar a felicidade, visto que revezes fazem parte da vida e merecem ser assimilados como tais.

186- Tudo não passa de vivência, demonstrando ao ser humano que estar no mundo físico é uma necessidade inafastável, precisando essa passagem ser bem aceita, sem a revolta contra o certo e indeclinável. Rejeitar as provas da existência corpórea, tornando-se infeliz, é o mesmo que se recusar a respirar, alegando ser prescindível fazê-lo.

Fé e resignação

187- Viver na Crosta é mais do que um dever. Significa uma oportunidade conferida ao Espírito para o seu progresso. É Justiça divina, plena, completa, absoluta.

188- Fé é crença, é confiança, é determinação. Ter fé no Criador representa confiar plenamente na sua Justiça.

189- Crendo em Deus, o encarnado está apto a sentir-se integrado ao seu meio e adaptado à sua prova.

190- Mas não basta. Torna-se indispensável que acredite também no plano espiritual, no seu retorno a esse lado da vida e na eternidade do ser. Pode parecer, à primeira vista, contraditório alguém crer em Deus e não na existência imortal ou no seu retorno à pátria dos Espíritos. Acontece, no entanto.

191- Unindo fé em Deus e na vida espiritual eterna, não existem razões plausíveis para o ser humano rebelar-se contra qualquer sorte de provas que tenha a vivenciar. O exclusivo motivo para tal revolta fundamenta-se na inexperiência e na pouca evolução do ser.

192- Nesse contexto, ter fé significa, com lógica linear, o indivíduo ser resignado, estar conformado com a situação que há por enfrentar, esgotadas as chances de modificá-la.

193- Ninguém imporá resignação. Ter fé e ser resignado são posturas advindas de sentimentos que brotam do imo da alma e espelham o maior ou menor preparo da pessoa.

194- Comporta gradações esse sentir. Quanto mais desenvolvido o ser, maiores sua fé e resignação. Logo, maior evolução, conferindo mais confiança em Deus, acarreta maior felicidade. Trata-se de uma linha coerente e natural.

195- Para desenvolver a fé e cultivar a resignação, torna-se-lhe preciso amanhar um binômio: experiência e reforma íntima. Experimentando diversas reencarnações, diferentes situações, variadas provas e incontáveis expiações, ao longo dos séculos, ganha o Espírito maturidade, o que lhe fortalece, gradativa e continuamente, a fé. Além disso, para elevar sua possibilidade de sucesso, é necessário empreender a mudança interior. Modificando o seu íntimo, renovando suas esperanças, instrumentalizando seu amor com propriedade, está apto a confiar mais na Justiça Divina. Ganha com isso. O círculo consolida-se: experiência-fé-resignação-evolução.

196- Evoluindo, ganha experiência. Com esta, fortalece sua fé. Resigna-se, após. Evolui ainda mais.

197- O inimigo da fé é a desconfiança. O da resignação é a revolta. Más posturas como essas fomentam o egoísmo e dão azo ao orgulho.

198- Fé: alicerce fundamental para o encarnado sentir-se e ser feliz.

199- Sofrer inconformação (livre-arbítrio) nada mais é do que não ter fé suficiente, nem resignação inteligente.

200- A dor (determinismo) educa, constrói e eleva. Senti-la, faz crescer, pois ensina. Ninguém pode progredir sem conhecimento e este implica experiência. Teoria isolada não induz o homem à luta.

201- O sofrimento da alma é sinal de sua resistência à dor vivenciada. Superá-la provoca elevação. Quem ultrapassa uma prova dolorida, mas resignado, engrandece o seu âmago. Evolui.

202- Instrumento eficiente para introduzir o seu âmago no cenário da fé é a oração. Elevando a Deus o pensamento, envolve-se bem o encarnado. Protege-se do mal. Evita problemas.

203- Quem desconfia, sofre. Sofre porque não confia. É o mal daqueles que adiantam, por sua conta, a suposta desventura do amanhã. Antes mesmo de enfrentar um obstáculo, sofrem por sua mera pretensa existência.

204- Alimento da descrença é a ansiedade exagerada pelas linhas do futuro. Viver compassada e metodicamente dia após outro é a jornada racional e natural do ser humano.

205- Inexiste o sofrer por sofrer na trilha cristã. Quando se está irresignado mergulha-se no universo complexo do sofrimento. Não busque o encarnado a dor propositadamente porque estará depondo contra os desígnios divinos. Investe contra si mesmo e entrega-se, de regra, ao desânimo e ao abandono.

206- Não se lembrar de agradecer a Deus o pouco que tem — entendido esse pouco no contexto materialista de vida majoritária do planeta — é confeito predileto para o coração irresignado daquele que ainda dorme o sono da ignorância.

207- Se não há *céu*, também inexiste *inferno*. O subterrâneo da maldade que prospera no íntimo de cada um é o seu próprio martírio.

208- Não havendo condenações eternas, tem o Espírito tantas chances quantas necessárias para o seu progresso ser atingido. É o processo da reencarnação que lhe enseja elevar a fé e cultivar a resignação, pois incontestavelmente justo.

209- Cultores do egoísmo e do orgulho são os mais atingidos pelas agruras do sofrimento. Merecem mudar. Precisam fazê-lo. Sustentem-se na reforma íntima.

Força de vontade

210- *Força de Vontade* é o amplexo das energias física e moral, que servem para atingir um fim idealizado pelo sentimento do encarnado.

211- Quando se fala em força de vontade, está-se referindo a um esforço de alguém concentrado numa aspiração.

212- Por que é útil e importante a *força de vontade* para a *reforma íntima*? Sendo esta última um instrumento e, ao mesmo tempo, uma consequência para o ser humano, é, acima de tudo, um objetivo a ser alcançado, seja como meio, seja como fim, e, para atingi-lo, somente com força de vontade.

213- Não basta a vontade. Seria insuficiente. É preciso *vigor* nessa busca, visto que a reforma íntima causa sofrimento e desequilibra, por fases, o seu praticante.

214- A força de vontade não é segredo para ninguém. Todos a praticam diariamente. A novidade está na pessoa canalizá-la para algo que pode não lhe trazer benefícios aparentes ou imediatos.

215- Se há interesse nessa empreitada é a primeira indagação que deve o âmago do indivíduo responder, antes de iniciar a prática da reforma íntima e experimentar um fortalecimento da sua vontade.

216- O interesse, nesse sentido, está ligado ao grau de esclarecimento que possui o ser humano. Espíritos mais evoluídos tendem à compreensão do mérito da reforma íntima, pois sabem e sentem ser o caminho para maiores avanços no seu progresso interior. Os menos esclarecidos levam maior tempo para descobrir o valor inconteste desse processo, mas não deixarão de perceber sua importância. Questão de vivência.

217- Havendo, portanto, interesse, deve cuidar o encarnado de fortalecer a própria vontade, tornando-a mais determinada a fim de perseguir a sua reforma íntima.

218- Repetindo, mas não encerrando: força de vontade todos a têm; a missão do ser em evolução é conseguir concentrá-la na sua reforma íntima. Para tanto, necessita alterar o seu centro de interesses, deslocando-o para a modificação do seu âmago, para o seu aprimoramento pessoal e para a busca do conhecimento e da prática cristãs.

219- Os maiores obstáculos a essa transformação de propósitos são o egoísmo e o orgulho arraigados no íntimo da criatura. *Pensando primeiro em si* e *considerando-se superior ao próximo* não possui um cenário promissor no seu coração, de modo a, racionalmente, aceitar o processo desgastante da reforma íntima, que primeiramente coloca o ser no seu devido lugar (planos da igualdade e da fraternidade com seus semelhantes) para depois instá-lo a modificar-se.

220- A criatura, no atual estágio da humanidade, batalha intimamente consigo mesma. Reluta em deixar de ser egoísta e orgulhosa. Luta realmente vigorosa. Quem já meditou certeiramente sobre esse conflito interior, sabe.

221- Duas energias contrapostas lutam pela vitória, pois auxiliadas pelo amplo espectro de sentimentos positivos e negativos que compõem o âmago de cada um. Quando prevalecem os bons, progride a força de vontade que sustenta a reforma íntima; quando os maus, emperra a modificação cristã, pois fraqueja a força de vontade.

222- O ideal: fazer prevalecer, sempre, os bons sentimentos; estes garantem o incremento da força de vontade; esta sustenta a reforma íntima, que, por sua vez, fundamenta e apoia o progresso do homem diante da alteração do seu modo de ser, positivamente considerado.

223- A força de vontade mescla-se com a fé. Possuindo-as em igual proporção, o encarnado tem condições de deslocar o seu centro de interesses do egoísmo para a solidariedade; assim fazendo, aumenta sua força de vontade concentrada na reforma íntima.

224- Todas essas qualidades (força de vontade, centro de interesses positivos, solidariedade, fé) pertencem a um imenso círculo, cujas partes interagem, sustentam-se, trocam e deslocam energia umas para as outras. É preciso mudar para melhor de todas um pouco. De pouco adianta, nesse contexto da reforma íntima, a pessoa alterar uma só.

Razão e sentimento

225- Tomemos *razão* como sinônimo de raciocínio, discernimento; e *sentimento* como sinônimo de sensibilidade. Todos os seres humanos sentem e raciocinam. Assim fazendo, percebem o mundo ao seu redor e pautam suas condutas, fixam objetivos, perseguem ideais, tomam decisões, caminham para onde querem, seguindo o seu livre-arbítrio.

226- Alguns dizem, com equívoco tanto natural quanto aparente, que o sentimento afeta a razão: quem sente em demasia qualquer coisa, não mais consegue discernir entre o bom e o mau, entre o certo e o errado.

227- Outros, no mesmo prisma, atestam que vivem da sua razão, inferiorizando o seu sentimento; alegam prescindir da sensibilidade em homenagem ao raciocínio.

228- Como se fosse possível, de fato, separá-los de tão singela forma... Erro estrutural profundo.

229- É da constituição do ser fazê-los ambos: sentir e raciocinar.

230- Estabelecidas as verdadeiras premissas de que razão e sentimento são igualmente importantes ao Espírito, não há por que não garantir o equilíbrio entre ambos.

231- A sensibilidade não deve ultrapassar determinados limites que possam causar interferência nociva na capacidade de discernimento do

indivíduo. Nem a sua razão deve extrair do íntimo a condição de sensível ao mundo exterior.

232- Ambos merecem conviver harmoniosamente. A razão controla os abusos emocionais. O sentimento amansa o rigorismo do racional.

233- Interagindo e não se excluindo, tais dons do Espírito aumentam as chances de elevação da força de vontade do homem no campo da reforma íntima.

234- Ter capacidade de sentir e raciocinar não significa automaticamente deter as melhores e mais positivas experimentações, nem tampouco a garantia de tomar as mais acertadas decisões sempre. Visto estar em constante evolução, peregrina o ser humano pelo certo e pelo errado, muda do bom para o mau num ligeiro átimo, aprende a viver e como viver melhor enquanto vai se desenvolvendo, amadurecendo.

235- Equilibrar razão e sentimento não quer dizer torná-los infalíveis diante do que é genuinamente cristão. Significa, tão-somente, garantir um melhor ambiente para a pessoa progredir. Quando ambos respeitam-se, reciprocamente, os sentimentos do âmago e as deliberações da razão, têm os encarnados maiores possibilidades de se conduzirem para o caminho correto.

236- Concluindo: a *força de vontade* de cada um decorre da sua *razão* e do seu *sentimento*. Quanto mais harmônicos e equilibrados estes últimos, maior possibilidade de consolidar aquela.

Centro de interesses

237- Interesse é um ganho imediato ou futuro. Possui, na sua definição, um toque levemente negativo, pois associado ao individual.

238- Nesta obra, que trata da reforma íntima — feita e objetivada pelo indivíduo —, não se cuida do chamado "interesse coletivo", "social" ou "comunitário".

239- Quem pensa em saciar uma necessidade, ter um proveito ou auferir um benefício, possui um interesse.

240- Encarnados os têm à saciedade. É de sua natureza ainda imperfeita.

241- Não que criaturas evoluídas, de mundos superiores, não tenham "interesses", mas são eles tão solidários e harmônicos com o comunitário e com o cristão que deixam de ser considerados como tais (interesses sob o prisma individual), afastando-se do conceito estabelecido neste texto.

242- É certo que "interesses" podem ser positivos. Quando a vantagem auferida ou almejada é construtiva, tal como "ter interesse pela melhora do estado de saúde de um enfermo, por mero sentimento de solidariedade". Não é a regra presente da humanidade, no entanto.

243- Tratando-se do indivíduo, para fim de reforma íntima, mormente do encarnado em um mundo de expiações e provas, a tendência é visualizar

o “interesse” com uma acentuada carga egoística. Difícil ver o ser humano cultuando esse “interesse” como algo voltado aos princípios cristãos.

244- Quem estivesse apegado exclusivamente aos bons e puros sentimentos, de forma natural e progressiva, deixaria de possuir “interesses” e passaria a ter e cultivar somente ideais.

245- Fixado o conceito para este trabalho, entende-se que os “interesses” constituem o universo dos objetivos de todos os encarnados e suas comunidades.

246- Não é errado tê-los, sobretudo no mundo material. São eles que impulsionam o querer raciocinado do ser humano; são os vértices dos sentimentos; são as molas impulsionadoras da força de vontade.

247- Equívoco lamentável é a pessoa concentrar o *centro de interesses*, ou seja, *a maior carga de interesses* nos frutos do egoísmo e do orgulho.

248- Quando a reforma íntima, como instrumento e como meta, é deslocada para o centro de interesses de alguém, tem ele grandes chances de evoluir rapidamente, pois melhora o seu âmago e, com isso, torna-se mais feliz.

249- No caso, como mencionado no item 244, está-se graduando de *interesse* para *ideal*.

250- Debate-se, nesta obra, como um dos principais tópicos, justamente este ponto: é possível ou não tal deslocamento? Procura-se demonstrar que não somente é plausível, mas sobretudo indispensável a quem deseje sentir-se melhor, pacificando o seu “eu” e entrando em sintonia com os ensinamentos de Jesus.

251- Sem precipitação, pode-se afirmar que, se o encarnado tem vários e variados interesses, concentrando neles a sua força de vontade, sendo o centro de interesses normalmente voltado às satisfações egoísticas do seu espírito, deve-se considerar a reforma íntima como um interesse digno de figurar nesse contexto, onde exerce seu maior empenho.

252- Se assim fizer, retirando do centro de interesses, ainda que aos poucos, os que estão ligados ao seu egoísmo e ao seu orgulho, deslocando para lá a mudança de comportamento, estruturada na reforma íntima, terá muito mais oportunidades de vencer o mal, tornando-se mais fraterno e cristão.

253- Caso compreenda a vantagem de sê-lo (fraterno e cristão), vendo nisso o afastamento das mazelas do ser — os maus sentimentos mencionados no item 29 —, o que lhe possibilita a semeadura e a colheita dos bons propósitos — elencados no item 10 —, estará assegurando, verdadeiramente, o seu progresso espiritual.

254- Óbice crucial para essa mudança de mentalidade e de centro de interesses é o *materialismo*, que envolve com força descomunal a humanidade.

- Materialismo

I. Noções gerais

255- Ser materialista é o homem privilegiar o mundo físico como se fosse sua última morada. Daí advém as duas formas básicas de materialismo: não crer em Deus e na imortalidade da alma e viver primordialmente pelos — ou em função de — bens materiais.

256- O egoísmo é fonte primária do materialismo. O orgulho, secundária.

257- Agir o ser humano com egoísmo — e seus corolários —, nesse contexto, significa acumular bens materiais, sem distribuí-los, reparti-los com quem necessite, nem buscar um fim solidário e fraterno à sua existência.

258- O orgulho *serve ao materialismo* quando, detendo uns mais acúmulo de bens do que outros, os encarnados deixam nascer daí o nefasto sentimento de superioridade.

259- Não é demais dizer que a verdadeira riqueza do indivíduo é a espiritual. São os valores do espírito que se lhe perpetuam através dos séculos. Bens materiais são perdidos a cada jornada reencarnatória.

260- Para a vida no plano físico é preciso ter e utilizar bens materiais de diversa ordem. Entretanto, a forma como o encarnado usa e encara tais bens é que pode constituir o materialismo.

261- Ricos e pobres podem ser materialistas. O importante não é quanto a pessoa tem, mas como usa o que possui.

262- É dever cristão de cada um a prática da caridade e a postura solidária com referência ao semelhante. O que foge a este prisma fomenta o materialismo.

263- Para que viver em função do acúmulo de riquezas materiais se, findo o estágio no plano físico, todas elas são perdidas? Garantir a herança dos descendentes, por si só, é também puro materialismo. Preocupa-se, então, o encarnado com sua linhagem, mas não com seu próximo.

264- Quem assim age — com tão peculiar preocupação — esquece-se que as idas e vindas de um plano a outro não preservam os laços de sangue, mas somente os do espírito.

265- Identificar um ato materialista é simples. Cada um deve adquirir bens materiais de acordo com suas posses. Para obter algo não deve pensar em ter mais do que o seu vizinho, nem tampouco em acumular qualquer tipo de supérfluo.

266- Julgamentos de aparência não devem ser feitos porque falíveis.

267- Nem sempre quem tem economicamente mais é materialista. Inexiste regra nesse cenário. Cada situação é um caso próprio.

268- Há máscaras para o materialismo: posturas de omissão, desleixo, irresponsabilidade, indisciplina e preguiça podem ser facetas camufladas do materialista, seja porque não crê em Deus e não vê fundamento na prática dos ensinamentos cristãos, seja porque seu Espírito liga-se aos bens materiais de forma egoística, na visão de que deve tê-los, mas sem esforço.

269- Por mais de uma vez a aparência pode enganar. O preguiçoso, que pouco possui, pode não passar por materialista, mas sê-lo. Nesse caso, sua conduta é espelho do seu egoísmo, o que não significa desapego dos bens materiais.

270- Para viver confortavelmente no plano físico, via de regra, é necessário menos do que o homem imagina. Ter essa consciência lhe significa o grande problema.

271- O materialismo pode ser mais forte no campo do sentimento ou no cenário da razão. Há aqueles que, emocionalmente, vinculam-se aos bens materiais com maior ênfase. Outros existem que os cultuam dentro de argumentos racionais que idealizam e sustentam.

272- Formas igualmente erradas de procedimento, porém de tratamento diferenciado.

273- Se por um lado é mais fácil o materialista sentimental conscientizar-se de que seu materialismo existe e é pernicioso, é-lhe mais difícil detê-lo. Suas posturas advém de impulsos e emoções difíceis de serem controladas.

274- Se por um prisma é mais difícil o materialista racional convencer-se de que é prosélito do materialismo e que tal postura é negativa, por outro é-lhe mais fácil aceitar argumentos de que precisa mudar.

275- Como segurar-se o adepto do materialismo racional, se não se convence de que é materialista? Como deter-se o partidário do materialismo sentimental, se age por impulsos que sua razão nem sempre controla?

276- Eis aí a importância da reforma íntima e do reequilíbrio entre razão e sentimento, como exposto nos itens 225 a 236.

277- Outro ponto crucial do materialismo está no encarnado que busca incessantemente a felicidade, mas concentra-a na força dos bens materiais. Esse procedimento é-lhe de difícil alteração, visto que cessar seu descontrole no campo material equivale, no seu entender, a impedi-lo de ser feliz.

278- Deter esse processo ao qual junge felicidade com riqueza material tem o condão de tornar o materialista infeliz, triste, depressivo e angustiado.

279- Não há, pois, outro meio ao ser humano para tornar-se feliz senão pela prática da reforma íntima. A leveza de espírito somente é atingida quando o indivíduo compreende o que significa a verdadeira felicidade. Do contrário, a vivência no mundo físico lhe significa mais um fardo do que um bônus.

280- A lógica pura nem sempre é antídoto de plena eficácia ao materialista. Ainda que receba infinitos argumentos lógicos para deter o materialismo, poderá ser em vão. Nesse caso, não existe somente o seu sentimento impedindo que a razão compreenda seus atos anticristãos. Há, aí, também, a sua razão trabalhando contra si mesma. São as teorias secundárias.

281- Criam os adeptos do materialismo racional incontáveis teorias que visam a sustentar seus atos e suas práticas apegadas aos bens materiais.

282- São teorias secundárias aquelas que, falsas na essência, possuem o manto da verdade aparente.

283- Difíceis de serem detectadas, complexas e racionalmente bem feitas, são explicações e justificativas que confortam o materialista, dando-lhe uma sensação de dever cumprido e de tranquilidade emocional.

284- O rico que compra mais do que o necessário, invadindo a esfera do voluptuário, pode até justificar seus atos alegando que não excede o seu orçamento, de modo que não vive em função de bens materiais. Sua alegação tem por base o princípio de que, quem possui determinado montante, conseguido honestamente, não o excedendo em matéria de gastos, está vivendo do que ganha e não é, por isso, materialista.

285- O pobre que destina todos os seus esforços em busca excessiva de conforto material, a pretexto de que, por ter pouco, necessita possuir mais para suprir suas deficiências, constrói sua justificativa no fato de que, por tal, não vive em função de bens materiais e materialista não é.

286- Ambos, nos casos apresentados, estão simplesmente construindo suas teorias secundárias. Falsas na essência, portanto. Esquecem-se do dever cristão de solidariedade. O rico deve dar mais do que o seu supérfluo, precisa doar do seu essencial. O pobre deve atender, na medida de suas forças, ao seu próximo, dando também do seu necessário.

287- Doar não significa somente ofertar bens materiais. Dar de si e do seu tempo faz parte da solidariedade.

288- Variantes desses singelos exemplos existem e muitas. Fundamental é o materialista compreender o significado da necessidade que possui de explicar e justificar para si mesmo seus erros e seu comportamento egoísta.

289- Torna-se imperioso ao encarnado combater o materialismo porque é um dos principais obstáculos à reforma íntima, visto levar o ser humano a privilegiar sobremaneira o apego aos bens materiais, deixando de lado a verdadeira riqueza espiritual, que é calcada exclusivamente nos valores morais.

290- O materialismo é uma forma contundente de doença social. Pode levar a comunidade a privilegiar mais o indivíduo do que o coletivo. Consequentemente sai ganhando o egoísmo.

291- A visão cristã enobrece a solidariedade, afastando o individualismo. Exclui, portanto, o materialismo de seus propósitos.

292- Bens materiais existem para garantir a vida das pessoas no plano físico, mas não devem deixar de servir ao exercício da caridade. A riqueza material precisa ter uma utilização cristã.

293- Para o homem combater o materialismo há um procedimento básico, que é centralizado na sua reforma íntima: 1) autocrítica, admitindo o seu desvio da ética cristã e afastando as teorias secundárias; 2) colocar como centro de interesses a mudança do seu âmago, concentrando sua força de vontade no cultivo das virtudes; 3) utilizar os bens materiais como meio de vida e não como fim ou ideal em si mesmos.

294- Causa sofrimento tal mudança interior. O bálsamo consiste em cada um compreender que a vida não se esgota numa única existência; ainda que seja contrariado na atual vivência, colherá os frutos em sucessivas reencarnações.

295- Por isso a menção, no item 279, de que a exata compreensão de felicidade auxilia o encarnado na sua reforma íntima. Dá perspectiva ampla e positiva ao horizonte do ser. Percebe ele que não há fronteiras após a morte do corpo físico. Sente que deve progredir para além dos limites da matéria. Conclui que haverá de colher os frutos da caridade praticada.

296- Materialistas, agindo em função de bens materiais, estão insertos na espiral materialista crescente. Desejam sempre mais e mais. Não há um

fim para quem privilegia a riqueza material; continuamente aceitam viver nessa ilusão.

297- Os adeptos da reforma íntima, que aos poucos vão afastando o materialismo de suas vidas, inserem-se na espiral materialista decrescente.

II. Escapes e compensações

298- Fundamentalmente inseridos no contexto do materialismo, escapes e compensações servem também a todos os outros desvios de conduta ligados ao egoísmo e ao orgulho.

299- Escape, no contexto da reforma íntima, é o processo, composto por atos isolados ou conjuntos, em períodos ou fases, que representa uma fuga à realidade por parte do encarnado, ao longo de seu estágio na crosta terrestre.

300- Compensação, nesse mesmo contexto, é o processo pelo qual o ser humano equilibra ou reequilibra a interação razão-sentimento, buscando contrabalançar suas provas e suas expiações com prazeres materiais ou fugazes, de qualquer ordem, objetivando também uma fuga à realidade.

301- Escapes e compensações compõem o cotidiano de vários indivíduos, indisciplinados e revoltados com o processo de reforma íntima ou mesmo com as provas que devem enfrentar na jornada física.

302- Quando se depara com um obstáculo, do qual se vê impossibilitado de fugir e não quer verdadeiramente resolver, o ser humano, de regra, tende a tomar dois rumos alternativos: o escape ou a compensação. Utilizando o escape, torna-se indiferente ou alheio à questão, fechando-se em si mesmo e ignorando, em suma, o que se passa à sua volta, quando o seu dever cristão

impõe-lhe a luta e a perseverança. Ao usar a compensação, mergulha num oceano de dádivas e dívidas materiais, quase sempre no contexto do materialismo de qualquer espécie. Em ambos os casos não consegue, porque não quer, atacar de frente o empecilho natural e necessário que a vida lhe impõe.

303- O estágio na Crosta é repleto de pressões de toda ordem e o encarnado costuma ser cobrado pelos outros e por si mesmo. Buscar ser fraterno e solidário, nesse quadro que seu coração considera desolador, é-lhe um fardo.

304- Não vê por que, no seu raciocínio constituído por teorias secundárias, deixar a pessoa de se conceder uma compensação pelo que vivencia; encontra sempre uma justificativa fundada para o seu escape.

305- A regra é que tais escapes e compensações se dão no campo dos sentimentos negativos do ser. Hipótese rara, quase inexistente no Globo, é a daquele que assimila bem e de modo positivo suas frustrações diante das provas e expiações que tem a enfrentar.

306- A lógica explica. Se o indivíduo não tem sensibilidade e raciocínio suficientes para compreender a necessidade de tais enfrentamentos cotidianos, necessitando fantasiar sua existência para suportar a jornada terrena, natural lhe parece que suas compensações se deem na senda do erro.

307- Por outro lado, falar em escape, por si só, significa um desvio. Fugir não significa elevação moral de ninguém na maioria dos casos.

308- A compensação pode constituir um equilíbrio baseado em atos positivos, tal como alguém “curar” uma ansiedade gerada por um entrave

qualquer dedicando-se cada vez mais à caridade e ao auxílio fraterno ao próximo.

309- Escapes e compensações também são mascarados em algumas situações. Faz parte da natureza humana buscar cobrir de aparência positiva os seus erros.

310- Aquele que muito trabalha, alegando ser contra a ociosidade, a título de exemplo, mas impondo-se um regime exagerado de isolamento social e privando-se do lazer, pode estar constituindo para si mesmo um escape ou uma compensação. Porque não sabe lidar com alguma insegurança ou deficiência sua, volta-se ao trabalho para fugir à realidade, evitando contato com a comunidade ou mesmo com a família e, com isso, busca suprir sua carência de solidariedade.

311- Normalmente o exagero demonstra a impropriedade da conduta. Atirar-se com abuso a determinada atividade ou à prática de algum comportamento evidencia indício de escape ou compensação.

312- Para enfrentar um único problema, pode o encarnado valer-se desses dois mecanismos, ao mesmo tempo, sucessiva ou alternadamente.

313- O procedimento cristão, fundamentado nos bons sentimentos descritos no item 10, exige que o ser humano abstenha-se da prática frequente de fuga à realidade. Esta não lhe traz progresso, porque o afasta da luta, evita o enfrentamento que origina a modificação do seu comportamento, lapidando-lhe o âmago e aprimorando a sua maneira de se conduzir na existência corpórea.

314- Em verdade, os escapes e as compensações são utilizados porque o indivíduo teme sofrer. E sofre porque não compreende a realidade e a

inevitabilidade das sucessivas provas que possui.

315- Há, no entanto, vários modos da pessoa vivenciar uma compensação ou utilizar um escape.

316- Alguns levam o ser humano a um universo inaceitável de erros de toda ordem. É o caso daquele que, por ter nascido em família economicamente pobre, inconformado, sem saber como ou sem querer enfrentar a prova que o estágio encarnatório lhe impõe, volta-se à prática de crimes de toda espécie como compensação ao seu "sofrimento". Trata-se de um exemplo de compensação danosa.

317- O homem cerca-se de negativismo, temeroso de enfrentar conflitos na tão indispensável posição de pai ou esposo em sua família (que implica dedicação e abnegação cotidianas), valendo-se de seu trabalho, como já exemplificado no item 310, a título de escape.

318- Certamente, há compensações e escapes mais leves, os quais, ainda que não ideais, são menos danosos ao progresso do ser.

319- O materialista é o usuário por excelência desses procedimentos, porque lhe é muito fácil trocar um bem terreno por outro ou mesmo um prazer espiritual por algo material.

320- Outro exemplo: o homem que, orgulhoso, vendo-se ferido no brio, sem saber como lidar com a sensação gerada, explode em cólera. Sua reação de ira pode tanto estar no campo do escape quanto da compensação. Aquele que sente prazer nessa troca está compensando (orgulho ferido v. reação colérica). Quem reage inconscientemente, sem fazer a ligação entre uma e outra, está escapulindo.

321- A reforma íntima deve fazer ver ao ser humano a indispensabilidade de diminuir, até cessar, a utilização do escape e da compensação como processos de fuga à realidade.

322- Porém, mesmo no processo de reforma íntima, utiliza-se o encarnado desses mecanismos. Para trabalhar a modificação do seu âmago, que traz sofrimento porque implica luta, pode haver o uso de compensações ou mesmo de escapes.

323- "Se devo promover minha reforma íntima, necessito de uma compensação" — diz muitas vezes o homem. Essa manifestação é natural, pois o ser, no atual estágio evolutivo da humanidade, não está, de regra, preparado a ceder unilateralmente, sem receber em troca algum benefício.

324- Menos mal assim, desde que compense de forma plausível. Fará sua reforma íntima dessa maneira até que compreenda, pelo aprimoramento sequencial do Espírito, a inutilidade dos instrumentos acessórios para isso, seja quanto à compensação, seja quanto ao escape.

325- Raciocínio: melhor a atitude compensatória leve do que o erro grave; mais conveniente cada um promover a sua reforma íntima diante de uma compensação, ainda que não ideal, mas próxima do cristão, do que permanecer estagnado ou assumir novos e maiores débitos.

326- Sentimento: pior o escape do que o enfrentamento do problema; mais conveniente a criatura instaurar e cultivar a reforma íntima do que fugir à realidade, ainda que isso lhe traga sofrimento.

327- A compensação está para o raciocínio do mesmo modo que o escape está para o sentimento. A primeira é mais razão, provocada por um processo de lógica, ao qual se vincula o momento de decidir. A segunda é

mais sentimento, causado por uma instância emotiva, que exalta a alma e provoca a decisão.

328- Caminhar no processo de reforma íntima, de maneira crescente e segura, é uma peregrinação que demanda tempo. Não se faz da noite para o dia. Pode levar períodos curtos, em cada uma de suas fases, mas a regra é que dure anos, quiçá séculos. O procedimento pode ser encurtado na exata medida em que o livre-arbítrio é bem utilizado pelo indivíduo.

329- A irresignação, o que, de regra, equivale ao sofrimento presente, confere à pessoa menores chances de recompensa espiritual futura.

330- Escapes e compensações possuem o seu lado positivo, mas não são o ideal a ser alcançado pelo homem na sua caminhada evolutiva. Ao contrário, representam nesse caso o meio para o encarnado chegar a uma finalidade maior, que é a prática da sua reforma íntima. No decorrer desta última, instrumento de progresso, tais pretextos vão perdendo a sua razão de ser e devem ser afastados pelo ser humano, imperando, em seu lugar, a resignação.

III. Ambição

331- Ambição tem duplo sentido. Alguns a utilizam para expressar algo negativo, tal como a busca primordial de sucesso e bens materiais que possam satisfazer o egoísmo e o orgulho. Outros a entendem como um desejo intenso movido na direção de certo objetivo futuro, de modo que pode haver aí um aspecto positivo, desde que tal desiderato seja cristão.

332- O principal é a pessoa canalizar sempre as aspirações que tem para os bons sentimentos, fundando nesse prisma os alicerces da sua reforma íntima. Cultivando a lei universal do amor, incluindo seus derivados, pode tornar-se positiva a ambição, desde que ela não resvale para o exagero do fanatismo e outras posturas extremistas.

333- Logo, é melhor, pela prudência, que o encarnado detenha sempre a sua ambição. Semear e cultivar apenas o desejo de mudar para melhor é suficiente. Praticar a reforma íntima não necessita de exaltação no seu querer, mas unicamente força de vontade.

334- Regra geral, comportando exceções, não deve o encarnado ser ambicioso; precisa trabalhar com força de vontade. O excesso nas posturas não lhe é salutar; o equilíbrio e a ponderação são adequados ao ângulo cristão da vida.

IV. Herança

335- Receber os bens, de regra materiais, dos que deixam o mundo físico representa parte da lei dos homens. Incabível debater aqui as raízes desse instituto que está presente na maioria das legislações do Globo. Em questão de reforma íntima, insta saber qual será a finalidade da herança no tocante aos herdeiros.

336- Saber receber e utilizar um prêmio qualquer, merecido ou não, evidencia o caráter do beneficiário.

337- Materialista se torna quem privilegia em excesso aquilo que herda, pois trata-se de uma forma de voltar o seu interesse primordialmente ao plano físico.

338- Superior é o sentimento do herdeiro que direciona sua herança a boas causas, utilizando para si o necessário e sendo caridoso com aquele que de fato carece.

339- Quem do mundo material parte deixando minuciosamente dividida e destinada a sua herança, somente aos seus e sem qualquer finalidade útil ou social, ausente preocupação alguma de ordem caritativa que o ato deveria impor, granjeia um débito derradeiro, levando consigo a titulação de materialista.

340- Saber legar e ser digno legatário são atributos do bom cristão e atos que compõem a reforma íntima.

V. Religião e materialismo

341- Relegar Deus é ser materialista. Significa voltar as costas ao seu próprio "eu", negar a sua natureza, que não deixará nunca de ser criação divina.

342- Crenças e religiões de toda ordem existem e devem ser respeitadas. É admitido pelo Alto que cada encarnado busque o Criador em sua própria concepção teológica.

343- Jamais utilizar a religião e a fé para o embrutecimento dos bons sentimentos e o cultivo da riqueza material.

344- Líderes religiosos não devem ser maniqueístas em benefício próprio, ora sendo indulgentes com erros graves, ora, rigorosos com os leves.

345- Religião e materialismo são incompatíveis na essência, embora subsistam, em autêntica simbiose, em muitos casos no presente da humanidade.

346- A crença do ser humano não merece ser manipulada, nem agastada com falsas críticas. O respeito do seu íntimo é valor inarredável.

347- O homem está ligado a Deus pela alma, que é sua essência e seu universo maior de compreensão, raciocínio e sentimento. Não necessita de representantes e intermediários para tanto.

348- Religiões não devem ser, pois, instrumentos de dominação e poder, exigindo dos indivíduos uma sujeição injusta e indevida.

349- Colocar no mesmo cenário religião e política é também praticar o materialismo.

350- A ciência e a religião podem ser aliadas, mas sem superfetação de conceitos e teoremas, nem supremacia de uma sobre a outra.

351- Descaracterizar o lado positivo da religião significa torná-la subserviente a qualquer forma, ainda que dissimulada, de materialismo.

VI. Criança e materialismo

352- A criança é egocêntrica e, portanto, via de regra, egoísta e de tendência materialista na segunda acepção do nº 255.

353- Seu mundo ainda é limitado e seus sentimentos desabrocham cautelosa e continuamente. O desenvolvimento gradual do corpo físico tolhe a plenitude de sua inteligência e destreza mental.

354- Trata-se de um Espírito que, reencarnado, dá os primeiros passos na sua presente jornada no plano físico. É natural que traga reminiscências das vidas pretéritas e defeitos, cuja raiz é o egoísmo, arraigados no seu inconsciente.

355- Cabe ao adulto a tarefa de educar e reeducar o infante.

356- Bons ou maus exemplos redundam em sua boa ou má educação.

357- O materialismo do adulto, portanto, somente incrementa o infantil.

358- Existem, apesar de raras, crianças generosas e pouco egoístas, que partilham seu pequenino universo de brinquedos e mínimos pertences com quem está ao seu redor. Normalmente, são Espíritos mais evoluídos que têm a programação de desenvolver uma especial missão na Crosta.

359- Alguém pode questionar: Por que, afinal, a criança é tão materialista? A resposta não é difícil de ser dada. Suas necessidades pessoais desdobram-se, nesse início de vida, em dois aspectos

fundamentais: o sentimental e o material. O primeiro deles é preenchido pelo amor e pela atenção que recebe preferencialmente dos genitores ou, em segundo plano, dos responsáveis pela sua criação. O segundo diz respeito à sobrevivência do próprio infante, incapaz, ainda, de suprir suas necessidades. Encontra-se, pois, quase totalmente dependente dos adultos. Seu mundo é parcela menor, mas operante, do universo adulto. Não conseguindo agir por si, espelha-se nos pais e nos outros ao seu redor. Encontra enorme apego aos bens materiais por parte da maioria dos encarnados. Torna-se, também por isso, em face da sua imaturidade, materialista por excelência, cópia quase fiel dos que lhe servem de exemplo.

360- O descortinar do mundo, impulsionado pelo aumento da capacidade de raciocínio e incremento do livre-arbítrio, vai permitindo à criança formar seu caráter e moldar sua personalidade. De naturalmente materialista e egoísta, porque precisa sobreviver e sente a necessidade de ter tudo só para si, a fim de garantir tal propósito inconsciente, passa para o estágio do discernimento e aprende a diferençar o positivo do negativo, o bom do mau e, especialmente, o valor material do espiritual. Nessa transição está a grande importância da educação que recebe. Caso consiga ser bem orientada, nessa fase, a criança atenua o seu egoísmo logo cedo e conseguirá, quando adulta, ter amplas e reais chances de empreender a reforma íntima, abandonando grande parcela do seu materialismo. Não recebendo orientação adequada, dependendo, pois, basicamente de sua bagagem espiritual, ou auferindo ainda maus exemplos, fornecidos pelos pais ou responsáveis, no campo do materialismo, desenvolverá, de regra, o

seu lado egoísta e alimentará, no seu âmago, a errada concepção de que a riqueza material é o maior objetivo do ser humano e deve ser conquistada a qualquer preço. Neste caso, as mesmas ações agressivas que tinha no passado o infante, para manter consigo o seu brinquedo predileto, poderão desenvolver-se quando adulto, levando-o a assenhorear-se de bens materiais, tornando-os sua meta principal de vida.

361- Se no começo de sua atual existência na crosta terrestre a criança é materialista por necessidade e ignorância, ao longo do crescimento o encarnado pode consolidar o materialismo por influência do meio, falta de orientação e ausência de bagagem espiritual do pretérito suficiente para garantir-lhe o esclarecimento de per si.

VII. Sexo e materialismo

362- O relacionamento sexual faz parte do universo do ser humano. Para alguns representa prazer, para outros, dever, para terceiros, pesar.

363- É fonte de amor, no entanto. Precisa ser bem vivenciado.

364- Significando um ato de consolidação do amor, não sendo imperioso distinguir se carnal ou espiritual, deve ser praticado numa relação marital estável e fiel.

365- No contexto da reforma íntima, não é diferente observar que os mesmos sentimentos, derivados do egoísmo e do orgulho, que fomentam inúmeros defeitos dos encarnados, sustentam, também, os seus desvios de ordem sexual.

366- Logo, é possível o sexo encontrar-se envolto pelo materialismo. Aquele que transforma o ato sexual num instrumento exclusivo de prazer material e coloca-o como meta principal na sua existência, desenvolve uma das formas de materialismo.

VIII. Outras formas de materialismo

367- Avaros e perdulários, ao contrário do que muitos pensam, estão no mesmo contexto materialista. Quem cultiva a mesquinhez, poupando centavos e, egoisticamente, satisfazendo a si mesmo com isso, confere à riqueza material um significado que ela não possui, qual seja o de finalidade da existência humana. Aquele que esbanja e é imprevidente, pois não guarda e somente destina seus recursos materiais a si mesmo ou a seus familiares, também ingressa no campo do materialismo, por cultuar o bem terreno com valor indevido.

368- O pródigo que se reduz voluntariamente à miséria não dá mostra de desprendimento, mas de leviandade e irresponsabilidade. Sendo os bens materiais úteis e necessários ao seu desenvolvimento e à sua manutenção no mundo físico, é preciso tê-los, embora seja dever cristão saber utilizá-los.

369- Trabalhar em excesso, visando à riqueza como meta principal, é sintoma materialista. Todo ser humano deve produzir, contribuir para o crescimento de sua comunidade, ter o suficiente para manter a si e à sua família, mas o exagero conduz à ambição, no sentido negativo mencionado no item 331.

370- O ócio pode ser faceta materialista. Se impedir o trabalho, a fim de que os bens materiais sejam usufruídos sem qualquer finalidade útil, no

caso de quem os tem em abundância, é forma de materialismo por privilegiar a riqueza material.

371- Onde existe a sobreposição do material sobre o espiritual, via de regra, há fonte de materialismo, o qual precisa ser aplacado e extinto da conduta do cristão.

Justiça divina

372- O que é justiça? O que significa ser justo? Eternas, constantes, necessárias e permanentes indagações que a humanidade já fez, faz e fará ao longo de toda sua existência na crosta terrestre.

373- A melhor definição de justiça, que comporta muitos conceitos, é ter cada um o que é seu. Assim, agir com justiça é dar a cada qual o que lhe pertence. É a absoluta imparcialidade na concessão, distribuição e manutenção de qualquer vantagem, bem ou interesse de toda espécie, ao ser humano.

374- Impossível ao homem agir com plena justiça, porque lhe faltam condições morais suficientes para ter total imparcialidade. Seu estágio na Crosta é incompatível com a perfeição, único fator que lhe iria conferir tal requisito.

375- Raríssimas exceções de Espíritos perfeitos, missionários no Globo, não serão abordadas nesta obra, visto já estarem eles distantes do processo de reforma íntima, objeto e finalidade destas linhas.

376- Sob esse prisma, não sendo perfeito o indivíduo, não possui plena imparcialidade. Não a tendo, impossível se lhe torna ser integralmente justo. E quem não o é, jamais poderá agir com absoluta justiça.

377- Enfim, não é difícil perceber que somente Deus está apto a agir com Justiça Absoluta, entendida esta como a plenitude do dar a cada um o que é seu, sem erros, nem equívocos de qualquer espécie.

378- Só aquele que tudo vê e tudo sabe não comete enganos, pois tudo conhece. A Justiça Divina tem esse caráter: não erra jamais.

379- Crendo nisso, o encarnado deve pacificar o seu âmago e encarar os fatos do cotidiano com naturalidade. Nada lhe acontece por acaso. Nenhum obstáculo chega à sua frente por engano. Tudo que o cerca em seu estágio na Crosta deve ser bem vivido, levando em conta que se trata de um processo para o seu aprendizado e evolução.

380- Inexiste para a criatura, diante da Justiça Divina, motivo para descontentamento, insatisfação e, sobretudo, revolta.

381- O seu âmago deve ser e estar tranquilo, silente, pacífico e equilibrado, compenetrado e ciente da importância da reforma íntima e do apego aos valores cristãos.

382- Tristeza ou sofrimento de toda espécie pode haver em muitos, na exata medida do grau evolutivo de cada um. Os mais preparados sabem que tudo é passageiro e Deus é essencialmente justo, de forma que são incabíveis fagulhas de rebeldia sob qualquer contexto. Os menos evoluídos, contudo, necessitando ainda de maior compreensão e esclarecimento, apresentam atos de irresignação contra o Desígnio Divino, o que os faz sofrer, mas sem dúvida lhes traz também aprendizado.

383- Sob o toque da lógica, pode e deve a pessoa entender que sua trajetória na Crosta é fruto de uma Sabedoria infinitamente superior à sua. Portanto, mesmo que não possua maiores conhecimentos de causa, não

deve rebelar-se contra o que o seu entendimento é ainda incapaz de penetrar.

384- A vida tem, em verdade, o seguinte enfoque: quem morre, volta; quem nasce, parte.

385- É certo que para a maioria dos encarnados representa justamente o oposto, apenas ressalvando o lado da ignorância de alguns: quem morre, parte; quem nasce, chega (não sabendo de onde, nem por quê).

386- Mesmo que não saiba de onde, nem por que, não é certo que o homem veio de algum lugar e por alguma razão? O mundo dos fatos e da ciência explica, com sólidos fundamentos, que não existe causa sem antecedente, nem reação sem ação. Então esse desconhecimento não pode servir de obstáculo ao entendimento autenticamente cristalino: há uma motivação para o nascimento e uma finalidade para a morte.

387- Inconteste tal realidade, que abrange, sem exceção, habitantes de todo o Globo, deve o indivíduo notar que sua inteligência, por maior que seja, esbarra na infinita Sabedoria de um Ser Superior, que conhece tudo e sabe mais do que ele.

388- Se não conhece tudo, a pessoa não pode de tudo duvidar. Se desconhece fatos, não pode presumi-los inexistentes. Se não dispõe de provas da existência do mundo extrafísico, não quer isso dizer que ele não existe. Se, mesmo sentindo determinada emoção que não é material, o ser humano questiona a validade da sua natureza espiritual, então não pode ele querer moldar o universo ao seu modo, porque incide em erro. Nada lhe é absoluto ante sua pequenez em matéria de vida.

389- Aquele que não sabe deve ser cauteloso. Aquele que ignora precisa informar-se; não sendo possível, deve calar-se. Não tendo o que dizer, preferível o silêncio. Seguir tais singelas recomendações significa poupar a muitos os aborrecimentos naturais de quem fala sem fundamento ou profere decisões sem conhecimento de causa.

390- No cenário da vida eterna, a lógica determina que o homem tenha a cautela de compreender ser inferior Àquele que o criou, mesmo porque sua inteligência não lhe permite o entendimento amplo do que tanto quer saber nesse sentido.

391- Deus é, por isso, Sábio. Deu à criatura conhecimento limitado e, a partir desses parcos dados que ela consegue reter em sua mente e utiliza em seu raciocínio, deve desnudar-se de suas falsas aparências e de sua pretensão de ser o centro do universo, acatando o que a Justiça Divina lhe confere.

392- Deus é também Justo porque exige de Seus filhos exatamente aquilo que cada um pode dar, nem mais, nem menos. Muito conhecimento implica maior responsabilidade. Quanto mais alguém souber, mais lhe será cobrado. O ser humano precisa aquietar o seu interior, vivenciando justiça em suas reflexões e em seus sentimentos, acolhendo a noção do justo em seus atos, coroando a sua existência com resignação diante da Magnitude Divina.

393- Ação causa reação. Há algo mais justo?

394- Por que o indivíduo contesta, nesse sentido, o óbvio? Se faz algo positivo, natural que provoque no mundo fenomênico uma reação de igual teor. Produzindo o negativo, o mesmo lhe advém.

395- Sendo ignorante no contexto global da vida — da sua própria, que não começou no nascimento, mas promana de milênios, e da dos semelhantes — deve o encarnado conhecer e aceitar a regra da ação e reação. Fazendo-o, sabe que o mal que lhe acontece é uma força de efeito a algum dano que causou, mesmo que em outra existência. Porém, sempre justo; nunca por acaso ou por equívoco.

396- Engano comete quem não é soberanamente justo e, por isso, não consegue, por lhe faltar aptidão, dar a cada um o que é seu. Não é o caso da Justiça Divina, que rege a lei da ação e reação.

397- Vida é existência; significa ser e estar no espaço e no tempo de maneira imortal. Daí porque vida não é simplesmente o estágio da reencarnação, apenas a passagem pelo plano físico. Estar vivo quer dizer existir. Ninguém deixa de subsistir por estar em qualquer um dos planos da vida.

398- Se a vida fosse limitada à matéria, Espíritos não existiriam. Alguns encarnados pensam que não há existência fora do seu mundo. E quando para o plano espiritual voltarem? É crível que se deem por "mortos" ou se declarem "inexistentes"!? Se o fizerem, estarão incidindo numa contradição por excelência: como pode declarar algo quem não é ou não está?

399- Vida, pois, ultrapassa as fronteiras limitadas do mundo material. E, assim sendo, é mais que óbvio e natural possuam as criaturas ações e reações interligadas nos dois planos da existência.

400- A Justiça Divina garante que a lei de ação e reação se cumpra onde quer que o ser se encontre. Por isso, muitos não compreendem como pode haver um infante que enfrente uma doença terrível ou que um homem

generoso depare-se com uma série de obstáculos em seu caminho, em dois singelos exemplos.

401- O ser humano que pratica a reforma íntima entende que deve modificar o seu comportamento, adotando a conduta cristã, para que isso lhe gere ações positivas, garantia de um porvir melhor, seja na vida material presente, seja na espiritual futura, pois composto por reações de igual conotação.

402- É construtivo ser bom porque positiva é a reação. Para atingir o amor, na sua plenitude, muito trabalho tem o encarnado. Somente pela sua reforma íntima consegue perspectivas para o triunfo.

403- Quanto mais evoluído está o homem, maior facilidade tem para a prática da sua reforma íntima. Quanto mais esclarecido se encontra, maior fé cultiva. Em verdade, o fundamental para a sua linha ascendente de progresso, na qual está inserido todo ser, é confiança na Justiça Divina. O maior ou menor grau nesse sentido traz-lhe implicações nos demais setores de sua vida.

404- Para exercitar essa confiança, altamente recomendada, cabe ao indivíduo cultivar a resignação diante das provas da vida material. Aceitá-las, sem rebeldia contra Deus, é a fortificação natural da sua fé e o instrumento seguro para a solidificação da sua força de vontade no campo da reforma íntima.

Fé

405- Dois enfoques existem para fé: crença em Deus e em si mesmo.

406- Seguir este binômio fortalece o encarnado, solidificando sua força de vontade e aumentando suas chances de triunfo no campo da reforma íntima. Tendo fé, pode o ser humano implementar sua mudança interior com relativa facilidade.

407- Quem não confia em si próprio não tem forças para lutar; interioriza a frustração; assimila a pequenez; persiste no ócio.

408- Não confiar em Deus e na realidade do mundo espiritual retira do ser humano a esperança de ultrapassar as fronteiras pessoais, de sobreviver à morte física, de encontrar uma meta de vida quando tudo parecer chegar ao seu termo e, principalmente, de compreender vários aspectos impalpáveis e naturais de sua própria existência.

409- *Males*, para a pessoa que tem fé, são como gotas d'água que evaporam ao entrar em contato com alta temperatura, parecendo que nunca existiram, pois nenhum vestígio deixam.

410- Vislumbrar o indivíduo, no poente da existência material, não o ocaso absoluto mas o renascer para um novo estágio na vida espiritual é o mandamento primeiro da fé. Nada termina definitivamente, nesse contexto, quando tudo parece acabar. A aparência do *fim incondicional* é maniqueísta

e materialista, não espelhando a realidade. Vencedor é o expectador resignado que aguarda o futuro.

411- Não acreditar em si mesmo, na sua força de trabalho, na sua capacidade incalculável de vencer qualquer obstáculo, no seu processo eterno de superar as próprias fronteiras é tornar a existência humana parca, sem brilho e, pior, sem a tão cristalina esperança que todos os encarnados precisam ter para suportar as fragosidades da jornada material.

412- E fé convive com resignação, como exposto nos itens 187 a 209. Nada complexo, embora difícil. Tudo possível, apesar de penhascoso.

Insinceridade na fé

413- Há quem sustente crer em Deus, mas de forma doentia e recalcada. Por isso, equivocadamente, julga-se ou justifica-se obsessivo, mártir, apóstolo, missionário, obstinado, esconso. Puro equívoco!

414- Fé não significa obsessão. O bem e o mal não convivem no mesmo plano de incidência; um exclui o outro. Não se pode falar em *fé* e, ao mesmo tempo, em fixação doentia.

415- Sentir e acreditar em Deus pressupõe amor e este sentimento, mestre de todos, somente pacifica, harmoniza, engrandece o homem. Quem julga ser missionário ou mensageiro do Criador engana-se porque lhe falta humildade para perceber que os reais enviados do Pai Maior são anônimos e pouco percebidos. Quem pratica o mal, em nome d'Ele, comete duplo erro.

416- A insinceridade da fé reside justamente no aspecto personalíssimo com que a pessoa busca nomeá-la. A crença deve ser, em essência, impessoal.

417- Não há, na atualidade, mártires que devam morrer por Deus; inexistem apóstolos vivos que queiram expressar o que Ele não disse; estão equivocados os que se julgam superiores ao seu semelhante porque se consideram emissários da Voz Divina.

418- Infelizes daqueles que usam a fé para crescer no materialismo, argumentando que Deus lhes deu tal autorização. Meros incrédulos que manipulam o bom sentimento de criaturas menos preparadas, auferindo vantagens pessoais indevidas.

419- Riqueza não é melhor que pobreza, nem vice-versa. Cada encarnado *tem o que tem*, materialmente falando. Pregar a revolta contra o estado de vida terrena de cada um é professar o ódio (a Justiça Divina jamais o faria). Não se trata de fé, portanto, e sim de obstinação desviada da realidade.

420- A manipulação de mentes e corações para o aumento das mazelas do ser humano é grave desvio na rota cristã.

421- Insinceros são aqueles que, supondo crer na Vontade Divina, praticam males de diversas ordens em nome da fé.

422- Não sinceros também os que somente aparentam cultivar no coração o amor a Deus, mas agem em sentido diverso. Meras aparências não levam ao Pai; conduzem ao desgaste da verdadeira crença.

423- O cristão exercita a fé quando verdadeiramente pratica a lei do amor.

A centelha divina em cada um

424- Todo ser carrega consigo uma centelha divina. A presença de Deus está em tudo e em todos. Ninguém é beneficiário exclusivo dessa presença.

425- Errantes, pecadores, deseducados, aprendizes, céticos, ateus, déspotas, arbitrários, maus e primitivos possuem o toque divino no seu âmago, ainda que não consigam ou não queiram dar-lhe o devido valor.

426- Seja o homem esclarecido ou não, possui força suficiente para evoluir, tem noção do amor de Deus e possibilidade de ultrapassar as suas próprias limitações. Para isso a reforma íntima; serve-lhe ela de luz para enxergar na escuridão.

427- Não é porque algo está dentro de uma sala escura e, portanto, não visível, que não existe. Basta que se acenda uma pequena chama e a parca claridade consegue indicar onde está o objeto procurado. Assim é o lado bom da criatura. Todos o têm; poucos o acham com facilidade.

428- Melhorando a compreensão, aumentando a força de vontade e modificando o modo de ser, fazendo-o tender para o cristão, o encarnado descobre a sua capacidade de amar e, com isso, sente a centelha divina em seu âmago.

429- O ser humano sabe a diferença entre o certo e o errado. Tem condição de distinguir o bem do mal. Por que *escolhe o errado* e *pratica o*

mal? Porque prefere ceder às suas tendências inferiores, privilegiando os prazeres da matéria em detrimento dos espirituais.

430- Criminosos dos mais violentos e sem apego ao semelhante possuem, no seu íntimo, a noção do que fazem de errado e do mal que praticam. Criam para si as estereotipadas teorias secundárias que tanto os auxiliam no apaziguamento da consciência, atenuando-lhes o implacável remorso.

431- Se criminoso é aquele que infringe leis humanas, quem não o é ao transgredir, no cotidiano, as normas cristãs?

432- Haverá dia em que a centelha divina será sentida forte o suficiente em cada um para que os encarnados pratiquem, na íntegra, a lei do amor, símbolo maior da presença de Deus no âmago do seu ser.

Teoria e programação

433- O conhecimento teórico advém do racional, mas não tem necessariamente base na experiência.

434- Conhecer algo, em teoria, significa um exercício do raciocínio sobre determinado assunto.

435- Há muitas teorias a respeito dos valores cristãos, mas a palavra de Jesus é uma só e pouco dada a interpretações extensivas e restritivas. É clara por si, apesar de alguns encarnados insistirem em tergiversar quando a estudam.

436- Conhecer, pois, a reforma íntima em teoria quer dizer entendê-la racionalmente, o que não significa por si só o seu implemento na prática.

437- A inteligência do ser humano, no entanto, é primorosa o suficiente para, conhecendo de fato a teoria em todos os seus pontos, aspectos e detalhes, não deixar de aplicá-la, quando a entende benéfica a si mesmo.

438- Isso exprime um mandamento básico: conhecer uma teoria, de forma autêntica, é o primeiro e grandioso passo para executá-la.

439- Se o indivíduo conhece a palavra do Cristo na sua pureza singela, entende a lei do amor na sua plenitude, tendo noção de que necessita dela para crescer, evoluir, progredir espiritualmente.

440- Conhecendo, pois, verdadeiramente a teoria, sabendo que o seu implemento somente lhe traz benefícios, como o encarnado deixa de aplicá-la?

441- *Por que as pessoas não praticam a lei do amor? Por que duvidam de sua eficácia?* São questões presentes no cotidiano de muitos homens.

442- A resposta é simples: porque não a entendem, de fato. Pensam conhecê-la, imaginam saber qual é o seu conteúdo, mas a teoria lhes está mal compreendida, sendo fantasiosamente interpretada ou manipulada.

443- Sendo o homem um ser racional, com capacidade ímpar de entendimento e coordenação de ideias, quando tem total conhecimento da teoria cristã não sofre tanto quanto na realidade acontece com muitos.

444- Esses ouvem a teoria, pensam sobre ela, assimilam muitos de seus pontos, mas fogem ao seu cumprimento porque teorizam, em seu lugar, uma tese alternativa, que lhes permita continuar com seus desvios de comportamento.

445- A reforma íntima é de difícil implemento. Traz sofrimento, num primeiro estágio, a quem a exercita. Logo, colocar em prática a lei do amor, teoricamente conhecida, é algo sofrível àquele que está acostumado a desdenhar os valores eminentemente cristãos.

446- Para tanto, muita gente constrói a "sua" teoria. Aprende a verdadeira, mas usa sua inteligência para forjar o que é real, criando o ilusório.

447- São as chamadas *teorias secundárias (282)*, aquelas que permitem ao ser pensante a tergiversação do óbvio e a manipulação do ideal em

detrimento da sua reforma íntima e, consequentemente, da sua evolução espiritual dinâmica e promissora.

448- Sem buscar a criação de uma *teoria secundária* para justificar qualquer erro ou desvio seu, o encarnado deve aplicar a teoria que conhece e que sua inteligência lhe permite deduzir ser a mais correta. Assim fazendo, traz a si mesmo, num primeiro momento, *sofrimento*, mas, num segundo, *alento e progresso espiritual*.

449- Por que, de regra, não o faz, abandonando suas teorias secundárias? Porque *não quer sofrer*, ainda que por um átimo. É o seu egoísmo presente e atuante.

450- Tornando o entendimento mais claro com um exemplo: em teoria, todo ser humano sabe que perdoar os que lhe fazem algum mal é mandamento cristão, mostra elevação e permite uma vida sem rancor, portanto, sem ódio. Por que, entretanto, não exercita o perdão, que, em teoria, lhe é bem conhecido? Porque seu orgulho não permite. Curvar-se diante do desafeto para o desculpar, traz *sofrimento* atroz ao orgulhoso. Sente apertar-lhe as entranhas, esmagar o coração, lágrimas nervosas escorrerem em desalinho pela face e seu corpo estremecer diante do que considera humilhação. Melhor, então — pensa equivocadamente —, criar uma teoria secundária dizendo que "perdoa à distância, mas não quer contato"; ou então que "o Evangelho não o obriga a conviver com os inimigos, logo, nada justifica o pedido de desculpas"; e ainda "há certos males que somente são perdoados com o passar do tempo, talvez até em vidas futuras". Enfim, arruma uma justificativa pessoal para não seguir a teoria que julga conhecer.

451- O resultado disso é que tal pessoa não tem real noção da lei do amor. Desconhece a teoria. Cria uma secundária que substitui a verdadeira. É um ignorante por assunção.

452- O indivíduo pode divulgar ou não suas teorias secundárias a terceiros. Muitas vezes — talvez na maioria dos casos — desconhece a existência delas.

453- Quando as tem para si, vai criando desculpas sua vida toda, divulga seu modo de pensar como se estivesse prestando um favor à comunidade, exercita seu egoísmo, mascarando-o como "personalidade forte" e cultiva seu orgulho, fundamentando-o na "dignidade e altivez do homem probo".

454- A ilusão rompe-se após o desencarne, quando então as teorias secundárias representam apenas grotescas e esfarrapadas desculpas de Espíritos menos evoluídos, aceitas em zonas escurecidas mas invariavelmente rejeitadas nas cidades de luz.

455- O sofrimento, nesse caso, advém forte e duradouro, quase como um tormento. Aquele que se justificava sempre (tinha invariavelmente um fundamento para seus desvios, sustentava suas mazelas e maus hábitos, desculpava seu modo de ser anticristão) ingressa, desencarnado, num processo árduo de reconhecimento da verdade e seu mundo parece ruir como um frágil castelo de areia ao sabor das ondas da praia.

456- No mundo material é mais fácil não seguir as leis divinas. O incorreto exemplo dos semelhantes que estão ao seu lado, a contínua pressão do mal espalhado por todos os cantos, o cruel materialismo fomentando a miséria espiritual e a facilidade de ser aplaudido e enaltecido

por ser egoísta e orgulhoso são alguns dos principais fatores que levam o ser humano ao desatino do comportamento.

457- Torna-se-lhe necessário romper esse círculo vicioso. Conhecer verdadeiramente a teoria, aceitando-a na sua pureza, abrindo mão das secundárias, é fundamental para o aprimoramento do ser.

458- Nesse estágio de metamorfose íntima de cada um, urge invocar que o pessimismo não é bom companheiro para ninguém. Ainda que formas extremadas de otimismo conduzam à mera ilusão, a disposição de encarar tudo pelo lado negativo é destrutiva.

459- A força de vontade precisa contar com a autoestima e o amor-próprio da criatura. Sem esse sentimento de dignidade pessoal e de suas exigências morais, torna-se complexo e árduo a alguém chegar a um equilíbrio interior capaz de romper com as barreiras impostas pelos seus maus sentimentos.

460- O pessimismo daquele que sustenta não conseguir mudar porque "nasceu assim" é cruel para o seu processo de reforma íntima. Ninguém é totalmente errado, nem inteiramente certo no mundo terreno atual. Por que não extrair o que tem de bom em seu íntimo para combater o lado mau? Não fosse isso possível o Espírito não iria reencarnar ciclicamente até evoluir a estágios mais avançados de depuração. Seria, então, inútil ensinar porque, ignorantes, não iriam aprender. Nenhuma pessoa está eternamente condenada ao *sofrimento* por ser incapaz de racionalizar os seus sentimentos.

461- Por outro lado, teoria não é só *razão*. É crucial que o *âmago* do ser a aceite como tal. Sem estar sentimentalmente ligado à lei do *amor*, por

exemplo, de nada adianta ao homem conhecer racionalmente os seus fundamentos teóricos. Não haverá exercício.

462- *Âmagos rebeldes* existem e, com muita paciência, devem ser trabalhados pela razão de cada um. Muitas vezes, a lógica é o instrumento de convencimento de que o coração necessita para aceitar os motivos da mente ao determinar, racionalmente, um ato positivo qualquer.

463- Todo encarnado possui uma *programação* ao estagiar na Crosta.

464- Significa isso que há um projeto previsto a ser executado por ele em alguns anos de provação. Logo, nada lhe acontece por acaso, existindo sempre um fundo causal para todo evento que envolve a sua vida.

465- Por haver essa programação, lógico que haja compreensão e aceitação por parte do ser humano para os obstáculos que a reencarnação lhe impõe. Ninguém enfrenta prova indevida ou injusta, nem mesmo casual.

466- A programação constitui parte da teoria cristã de *evolução*, a qual se faz gradual, eficaz, crescente, contínua e permanente em cada ser.

467- Criar *teorias secundárias*, infalivelmente ineficazes, simboliza, pois, método inventado pelo homem para tentar burlar a programação que lhe compete seguir.

468- Exemplo disso é o cônjuge que, justificando o desejo de separação, diz não ter compromisso algum com o outro, sendo a "liberdade" um direito seu. Nessa teoria secundária parece-lhe correto o pensamento, porque dela fica abstraída a *programação de jornada*. No tocante à *teoria cristã*, entretanto, essa justificativa não vale porque ninguém se une em matrimônio a alguém por mero acaso, existindo invariavelmente um *projeto de vida* a ser seguido para a superação de erros e dívidas do passado.

Compreender, pois, de fato, a teoria cristã implica não ocasionar a separação por mero desejo de “liberdade” ou outro de menor importância que o valha.

469- Muitas das crises dos núcleos familiares são causadas por desapego de seus membros à programação que todos possuem e por excesso de teorias secundárias criadas por eles para fundamentar as más atitudes que tomam.

470- Quando o encarnado se inicia no processo de reforma íntima, passa a analisar-se, tornando-se vítima de si próprio. Descobre que o grande e verdadeiro algoz do ser humano é ele mesmo, pois seus atos negativos é que o colocam na maioria das situações desastrosas em que se mete. Portanto, a mudança interior de quem se avalia traz-lhe necessariamente a reflexão e a autocrítica.

471- Surge, aí, entretanto, a profusão das *teorias secundárias*, com que visa a justificar o porquê dos seus desatinos e da sua forte resistência às mudanças necessárias.

472- Admitir alguém um defeito seu é passo promissor à reforma do âmago; porém, simplesmente aceitá-lo não significa que implemente qualquer tipo de mudança. É só o primeiro estágio.

473- Após a conscientização dessa imperfeição, deve a pessoa agir efetivamente contra ela. Assim fazendo, com o apoio da doutrina de Jesus, tem base suficiente para tornar-se aos poucos outra pessoa, satisfatoriamente cristã, alterando a sua personalidade para melhor.

474- Ocorre que a *teoria secundária* sobrepuja a reforma íntima e pode dar-se no instante da identificação do defeito (impedindo à criatura

autêntica autocrítica) ou após o reconhecimento da imperfeição, justamente na fase da luta da pessoa contra o mal. Como evitá-la?

475- Conhecendo o homem verdadeiramente a teoria cristã, não se deixará enganar pela sagacidade de raciocínios maquiavélicos que tentam protegê-lo do inevitável *sofrimento* que advém da reforma íntima.

476- Sabendo que há uma *programação* em sua vida e que a lei do amor não admite exceções, entende que tudo o mais é composto por teorias secundárias que têm por fim dificultar a sua reforma íntima, criando embaraços ao seu progresso.

Plano mínimo de acertos

477- Há métodos eficazes no combate às teorias secundárias e, portanto, ao grande foco de resistência à reforma íntima.

478- Fossem os encarnados, na sua maioria, Espíritos mais evoluídos do que efetivamente o são, poder-se-ia falar em praticar um “plano mínimo de erros”.

479- Isso significaria que metas deveriam ser estabelecidas no tocante aos defeitos e desvios de comportamento que mereceriam ser corrigidos a curto, médio e longo prazos. Assim, traçaria o ser humano um projeto de alteração do seu modo de ser e agir, que deveria manter uma sequência e uma disciplina envolvendo um mínimo de erros. Poderia errar na correção do erro, mas o faria minimamente, o que equivale dizer que os acertos prevaleceriam.

480- Não se tratando desse contexto, havendo ainda na crosta terrestre mais erros do que acertos, é preferível tratar o programa de reforma íntima como “plano mínimo de acertos”.

481- Tem o sentido de fazer com que o encarnado trace suas metas de mudança de comportamento, garantindo uma eficácia mínima absoluta; portanto afiançando um patamar mínimo de acertos. Logo, prevaleceriam os erros, mas os acertos estariam assegurados.

482- Pressupondo que a teoria esteja bem compreendida, haja vontade sincera por parte do encarnado para mudar e a reforma íntima lhe seja um projeto assimilado, o caminho proposto é o de criar o referido *plano mínimo de acertos*.

483- Deve eleger algumas metas, quaisquer que sejam, escolhidas dentre os seus vários defeitos. Após, deve retirar de cada uma delas, as mais fáceis de serem executadas em primeiro lugar. Em seguida, deve colocá-las em ordem crescente, da mais fácil à mais difícil. Eis aí o *plano mínimo de acertos*.

484- Para segui-lo à risca, não pode haver falhas. Tudo o que foi livre e espontaneamente escolhido pelo encarnado para ser cumprido deve sê-lo sem desvios. Garante, com isso, um mínimo de eficácia, um mínimo de acerto.

485- Exemplificando: imagine-se que o indivíduo elegeu combater o seu materialismo — um dos seus defeitos. Para tanto, elencou os pontos que mais ressaltam nesse desvio. Depois, tomou os pontos mais fáceis e colocou-os em primeiro lugar, em ordem crescente, prometendo a si mesmo combatê-los com eficácia mínima de acerto. Poderá fixar, pela ordem, os seguintes: 1) deixar de gastar com supérfluos absolutamente dispensáveis; 2) começar a se preocupar com o interesse alheio, na família, quando for estabelecer as prioridades de gasto no orçamento doméstico; 3) iniciar um planejamento de poupança do excesso, evitando o desperdício; 4) destinar à caridade parte dos rendimentos, todos os meses; 5) não gastar com supérfluos dispensáveis; 6) colocar em primeiro plano, no contexto material, o gosto dos outros acima do seu; 7) inverter totalmente a ordem de

gastos do orçamento doméstico, iniciando pela sustentação básica e indispensável, passando à caridade, depois aos interesses dos familiares e, por fim, aos pessoais; 8) deixar de gastar com supérfluos que considerava indispensáveis; 9) poupar e contribuir com a caridade mais do que para seu consumo pessoal, exceto no que se refere à sobrevivência; 10) cortar totalmente os supérfluos, levando um vida regrada, priorizando a família, os necessitados e visualizando no dinheiro somente um instrumento para a evolução e não a sua meta final.

486- Fácil, reconhecidamente não é. Impossível, efetivamente também não. Logo é difícil mas possível. Por que não tentar, sabendo o encarnado que é o ideal cristão? Por que não implementar, conhecendo de fato a teoria do Cristo? Por que não dar uma chance a si mesmo no complexo âmbito da reforma íntima, criando e lutando para garantir o seu pessoal *plano mínimo de acertos*? Qual não será sua surpresa e sua satisfação quando completar um dos estágios das suas metas com triunfo? São questões cujas respostas foram dadas linhas atrás e são tão evidentes quanto a própria teoria. Evite teorias secundárias para respondê-las.

Programação genérica e programação específica

487- Genericamente, todos os Espíritos, ao reencarnarem, trazem consigo uma programação a ser cumprida. Ela principia já no ato da concepção, quando a família material é eleita e, a partir daí, um extenso percurso está traçado.

488- Ninguém, pois, escapa à programação genérica e todos a têm em igualdade de condições, ou seja, ainda que variando as peculiaridades que lhe são inerentes, cada encarnado possui a mesma longa trilha a percorrer.

489- O mesmo não se pode dizer no tocante à programação específica, que representa um acréscimo à primeira e que varia bastante de um indivíduo para outro. É nesta senda que os encarnados mais se diferenciam entre si.

490- Em matéria de especificidade, a título de exemplo, um encarnado pode nascer cego, enquanto outro possui o recurso visual com perfeição; alguém pode ter problemas físicos, enquanto o semelhante pode ser, nesse campo, são. Alguns terão provas mais duras a enfrentar, outros mais leves. Terceiros possuirão longos períodos a expiar, enquanto muitos poderão vivenciar equilibrada e alternadamente momentos de expiação com períodos de alegria. Trata-se de uma programação detalhista, que diz

respeito ao que se espera do Espírito quando ele conclui o seu estágio na crosta terrestre.

491- A programação específica é extremamente importante para o ser humano, pois irá submetê-lo à principal prova da sua existência, que é a da resignação diante de Deus.

492- Revoltar-se, em face de obstáculos específicos, alegando que o vizinho não os vivencia, é mostra de insatisfação, rebeldia e falta de fé. Portanto, motivo de apresentar débitos angustiantes ao final da trajetória.

493- Compreender a Justiça Divina — e seu caráter absoluto — como já foi visto em itens precedentes, poderá trazer elementares subsídios ao encarnado no seu modo de ver e compreender a trilha específica que tem à sua frente.

494- Assim fazendo, não viverá em função do que os outros têm e ele não; nem tampouco irá exigir para si este ou aquele atributo ou qualidade que vê em seu semelhante. Jamais colocará o dedo em riste, cobrando do destino uma meta não preparada para sua jornada. Será complacente e humilde para acatar os Desígnios Divinos. Viverá, na plenitude, ainda que possa apresentar falhas, a sua programação específica.

495- A genérica lhe determina o instante do renascimento. Fixa parâmetros gerais e o insere num núcleo familiar com o qual irá conviver por algumas décadas.

496- A específica lhe prepara as situações de risco, colocando-o face a face com algum momento de decisão importante ou certo perigo iminente, de acordo com a prova que tem a enfrentar. A título de exemplo, estar diante de um incêndio de grandes proporções, sofrer um desastre aéreo ou

ser envolvido por um naufrágio pode ser a situação de risco que lhe foi preparada pela programação específica.

497- Em casos particulares, a programação específica projeta a época do desencarne ou prolonga a existência do ser, ainda que todos na Crosta julguem-no desenganado.

498- O encarnado pode ter participado do planejamento de ambas antes de ter renascido no plano material.

499- O Espírito, em vias de reencarnar, pode, pois, optar por sua programação genérica e ajudar a traçar a sua específica.

500- É realidade que poucos conseguem fazê-lo na sua totalidade, aceitando de bom grado todas as nuanças da genérica e todos os detalhes da específica.

501- Via de regra, acatam melhor a genérica, porém questionam muito os valores eleitos para a específica. São poucos os que se submetem a duras expiações — parte da específica — ainda que aceitem o reencarne nesta ou naquela família — parte da genérica.

502- Espíritos mais evoluídos traçam em perfeita sintonia com o Plano Superior as suas programações genérica e específica, ao passo que os menos evoluídos relutam até o último instante e, com relativa frequência, retornam à Crosta sob determinismo do Alto, sem portanto optar por suas provas, nem pelos enfrentamentos expiatórios.

503- É imprescindível o conhecimento e a aceitação desses dois tipos de programação, para que o encarnado desenvolva na sua existência corpórea o melhor equilíbrio entre força de vontade e resignação. Conseguirá, assim, triunfar na reforma íntima, garantindo sua evolução.

504- Ponto essencial a ser abordado é a interligação entre o livre-arbítrio e a programação. Do mesmo modo que, na fase última que antecede o reencarne, pode o Espírito, utilizando seu livre-arbítrio, participar da eleição das suas programações genérica e específica, quando em estágio na crosta terrestre ele também poderá, usando sua livre vontade, alterar alguns rumos da sua programação específica.

505- A genérica não é passível de alteração pelo livre-arbítrio do encarnado, porque realiza-se e concretiza-se no instante do renascimento.

506- Daí porque torna-se fundamental bem compreender a teoria do risco[3] e seus corolários, assim como o amplo espectro que compõe o livre-arbítrio, no contexto das programações que regem a lei da reencarnação.

---

3 *Nota do autor material: ver no livro " Conversando sobre Mediunidade" o Capítulo XIV - A Teoria do Risco.*

Desvios de conduta e vícios

507- Desvio de conduta, no contexto cristão, é afastar-se, através de ações, omissões ou pensamentos, da meta ideal que todo encarnado deve ter, que é seguir o Evangelho de Jesus.

508- Todo comportamento, por mais singelo que possa ser, separando-se da rota cristã, apresenta-se como desvio de conduta.

509- Os desvios estão presentes em inúmeras áreas do relacionamento humano, compondo o ser, interior e exteriormente, dando-lhe o prisma de vida e fomentando-lhe as atitudes.

510- No atual estágio da Humanidade, quase impossível dizer que algum encarnado esteja completamente livre de desvios de comportamento. Alguns os têm mais, outros, menos.

511- O objetivo maior é evitá-los, extirpá-los, consolidando o caráter cristão. Não conseguindo fazê-lo integralmente, a meta passa a ser controlá-los, dominá-los, a fim de amenizá-los.

512- Inconcebível é permitir que aumentem, cresçam, tornem-se maiores que a própria criatura nos danos que causam e nas consequências que acarretam.

513- Desvios de conduta, quando reiterados insistentemente, tornam-se vícios. Assim, por exemplo, o hábito de fumar ou mesmo o de não pagar

dívidas. Do mesmo modo, torna-se vício o comportamento anticristão de cometer crimes frequentemente ou o de se dedicar lasciva e rotineiramente ao sexo. De formas mais leves de afastamento do comportamento ideal — *desvios de conduta* — passa o encarnado, muitas vezes, às mais graves — *vícios*.

514- Corrigir um desvio é complexo. Sanar um vício é extremamente complexo. Não o fazer — nem tentar — é um completo desatino.

515- Por que não combater as pequenas más tendências? Por que deixá-las progredir até que sejam incorporadas aos hábitos do cotidiano? O vício é a reincidência permanente do desvio de
conduta.

516- Os males por eles trazidos são de diversas ordem: físicos, psíquicos e espirituais. Podem vir intensamente ou de forma branda, mas sempre advirão.

517- Ingênuo aquele que acredita na isenção dos pensamentos. São também fonte criativa dos desvios e dos vícios. Assim o encarnado que passa seus dias sonhando com uma riqueza que não possui. Pode ser desde um viciado na preguiça a um materialista convicto, manifestando tais tendências pelo conteúdo do seu pensar.

518- Tudo que o ser faz e como faz altera o mundo ao seu redor. Pode fazê-lo ostensiva ou camufladamente. Esta é a forma do pensamento viciado. A outra, a das atitudes.

519- Quando provoca reações, estas podem ser positivas ou negativas. As segundas advém dos desvios e dos vícios; as primeiras, do comportamento cristão.

520- O combate aos vícios deve existir sempre. Quando necessário, contará o encarnado com o apoio da medicina material. Quando não, utilizará o recurso da reforma íntima.

521- Inerte, somente trará a si mesmo maiores danos. Um vício que cause dependência física pode levar ao desencarne prematuro e o ato será equivalente a um suicídio, apesar de inconsciente.

522- Transformam-se periodicamente as leis dos homens — para melhor ou pior —, mas permanecem íntegras e consolidadas as leis de Deus. Com base nestas deve o encarnado pautar-se, ainda que tenha naquelas abrigo.

523- O exagero é sempre um mal. Logo, tomar um remédio pode ser um alívio; viciar-se nele, uma tragédia. Tal lema pode ser aplicado a todos os setores da vida material.

524- Eis que amar o semelhante é um dever; amar o cônjuge, um bálsamo; dominar pela paixão, no entanto, passa a ser desvio de conduta. Tornar-se possessivo, em matéria de amor, é um vício.

525- Não se utiliza, neste capítulo, o conceito de vício como um defeito grave inerente à pessoa, apesar de sê-lo, visto que sua definição acompanha a de desvio de conduta. Vício é a reiteração habitual e insistente do desvio.

526- Os dois são males e ambos são graves, embora comportem diferentes gradações, como já explicado em itens precedentes.

527- Assim, toda fuga de ordem moral, que importe em afastamento dos preceitos cristãos, constitui um desvio, que, reiterado, torna-se um vício. A fuga de ordem moral é o defeito de personalidade que o encarnado deve estancar.

528- A reforma íntima é o instrumento para combater não somente o desvio de conduta, mas fundamentalmente o vício. Mudando o comportamento, aprimorando as atitudes e cultivando virtudes, o encarnado conseguirá manter-se afastado das mazelas que lhe trazem infelicidade, angústia, remorso e tristeza. Tornar-se-á, essencialmente, mais feliz.

Sexualidade

529- Por que unir *sexo, amor e reforma íntima* ? Porque o relacionamento sexual deve ser conhecido e vivenciado no contexto do amor e, portanto, da reforma íntima.

530- Sexualidade serve de prova para o encarnado. Pode conter alguns fatores que levam a períodos de expiação, mas não deve navegar pelo sofrimento.

531- Se, por conta do sexo, o ser humano sofrer, é porque ainda não aprendeu a amar.

532- Controlar a sexualidade, assim como manter o domínio sobre os demais desvios de conduta, é um dever do encarnado.

533- Do mesmo modo que relacionamento sexual traz alegria e prazer ao Espírito e ao corpo, pode conduzir à tristeza e à angústia.

534- Sexo não deve ser o centro das atenções do ser, nem tampouco o ponto de convergência dos interesses. É parte do amor, verdadeira meta a ser alcançada na sua plenitude.

535- Pratica-se, idealmente, entre homem e mulher. Tem um sentido de troca positiva de sensações e vibrações carnais e fluídicas. Está no contexto da relação conjugal permanente e fiel.

536- Ao largo dessa premissa, torna-se um desvio de comportamento.

537- Não é preciso ser utilizado somente para procriar, ainda que seja instrumento ideal para tanto. Sexo, havendo amor, pode e deve ser desfrutado quando possível e desejável.

538- Por que não no cenário das relações instáveis e como mero prazer carnal? Porque, nesse prisma, não difere dos demais desvios que o encarnado adota para a satisfação artificial, portanto material de suas necessidades. Porque pode estar — o que ocorre na maioria dos casos — no contexto do materialismo puro.

539- A falta de preparo e evolução para a compreensão do verdadeiro significado do amor, como sentimento maior, induz o encarnado a tratar o sexo como um instrumento ilusório — porque não tocante ao imo da alma — de prazer.

540- Praticar o ato sexual fora do contexto ideal é o mesmo que cultivar um desvio, que pode tornar-se um vício.

541- É certo que, como prova, o sexo trará a muitos as mesmas agruras dos demais desvios de conduta. Como expiação pode também transformar-se em linha de negativismo, caso não saiba o encarnado lidar, resignado, com tal obstáculo.

542- O indicado é captar sua real dimensão, não permitindo que seja um instrumento de desatino espiritual, trazendo, assim, mais dívidas a quitar no futuro.

543- As pessoas na crosta terrestre relacionam-se positivamente através do amor material — entendido como atração física que causa prazer à carne — e do amor espiritual — relação superior, que preenche a alma e regozija o ser, pois completa-lhe a essência. O sexo lida com as duas formas.

544- Há amor material por excelência, pelo contato físico que proporciona. Há também amor espiritual porque contenta o íntimo do ser, neste caso quando exercido a nível ideal e cristão.

545- Pode não ser obrigatório no casamento? Desde que o casal assim acorde, mútua e espontaneamente, por conveniências íntimas e pessoais, prevalecendo na relação o amor espiritual.

546- Exercitá-lo ou não implica sempre numa decisão responsável.

547- O amor espiritual envolve o material que envolve o sexo. Portanto, sexo sem amor espiritual é corpo sem cabeça.

548- Confunde o encarnado sentimento com instinto ou sensação, manifestações mais rudes do Espírito. Animais têm instintos, assim como o homem os tem. Mas animais não têm sentimentos desenvolvidos, o que o homem possui. Tratar o relacionamento sexual meramente no campo instintivo — ou mesmo no da sensação, algo intermediário entre instinto e sentimento, mas ainda rudimentar — é empobrecê-lo.

549- Praticar o ato sexual por instinto ou por sensação de prazer, sem sentimento, é animalizá-lo.

550- Compreensível que muitos, ainda por parca evolução espiritual, o façam. Desejável, entretanto, não é.

551- Afagar a mente, através da leitura de um livro com belas mensagens, pode dar maior prazer ao Espírito mais evoluído do que uma noite de sensações libidinosas representa a outro, menos desenvolvido.

552- Soluções existem. Passam pela reforma íntima. Não prescindem da reformulação interior do ser.

553- Há uma falsa ideia que torna bestial o resultado adotado pela humanidade, conforme a época e o lugar do Globo, que é considerar o desvio sexual de qualquer ordem pior ou melhor que outros desvios de conduta.

554- Assim, desmandos e atrocidades são cometidos contra o encarnado que, desviando-se no contexto do instinto sexual, comete algum ato não ideal ou menos cristão. São períodos negros da história do ser humano.

555- Sexo e sentimento devem ter noções inseparáveis. Ainda que leve algum tempo para que a humanidade disso se aperceba, é esse o ideal cristão a ser perseguido.

556- Eis por que o melhor contexto para o desempenho dos atos consentâneos é na união familiar entre o homem e a mulher.

557- Existem uniões passageiras entre encarnados que levam ao seu exercício pela mera sensação de prazer. É fato e contra fatos não há negativas. Com o passar do tempo, no entanto, haverá um aprimoramento espiritual suficiente que conduzirá os seres à percepção da razão verdadeira do amor e, consequentemente, dos fundamentos reais da sexualidade. Nessa ocasião, sexo e amor estarão indissociavelmente unidos; amor e união familiar, também. Logo, sexo e união familiar será um binômio natural e pacificamente aceito por todos.

558- Não se retira do ato sexual, com isso, o seu característico de prazer. É prazer e continuará sendo no mundo material. Deve ser, inclusive para justificar e incentivar a sua prática. Não é fonte exclusiva para a procriação (537), mas sobretudo para a troca de energias e sentimentos entre os seres

que se unem para um consórcio de vida, permutando experiências e desenvolvendo projetos.

559- No plano físico, elementos que para o desencarnado tornam-se supérfluos, para os encarnados são fundamentais e sustentam suas sensações de deleite e satisfação. Aí onde estão incluídas todas as funções fisiológicas também está a sexualidade.

560- Sexualidade não deve ser um tabu, mas também não significa libertinagem. Sua finalidade é proporcionar aos encarnados sensações de prazer através do exercício do sentimento amor.

561- Servindo, ainda, de prova ou de expiação, conduz o encarnado à senda dos acertos e, portanto, do progresso, ou dos erros e, consequentemente, dos débitos.

562- Prática sexual pode ser vício, quando se torna busca incessante de prazer imotivado e não sentimental.

563- Sexo pode ser símbolo de materialismo. Utilizando-o para conquistas interesseiras, forma de sustento ou mesmo instrumento de prazer desenfreado, o encarnado ingressa no cenário do materialismo, afastando-se do ideal.

564- Quando exercido o ato respectivo por mera obrigação, na relação conjugal, pode ser útil ou não. Melhor agir com amor. Sempre. Não sendo possível, o casal pode praticá-lo como meio de satisfação das necessidades físicas. Ainda que não seja o ideal, é melhor do que ir buscá-lo extramaritalmente.

565- Como mencionado em item precedente, não se nega a existência da sua prática fora da união familiar, porque é um fato — e corriqueiro na

atualidade. Mas, buscando a sua evolução, voltado para o futuro, visando a atingir um estágio superior de depuração, deve o encarnado saber que a sexualidade tem uma finalidade diversa daquela para a qual se volta a maioria da sociedade no presente, por ignorância ou por falta de preparo espiritual para aceitar a realidade. Para tanto, incide o esclarecimento.

566- Sexo — e a repetição nesse contexto não é demasia — significa instrumento de realização de um sentimento nobre, que é o amor. Aliás, uma das formas de exercitar o amor. Há outras, até mais profundas e satisfatórias que o sexo — depende da evolução do espírito para aperceber-se disso.

567- Sendo instrumento de amor e sendo este sentimento por excelência desfrutado no núcleo familiar, base fundamental de evolução de todo ser humano, destina-se o seu exercício à intimidade conjugal. Idealmente nem antes, nem fora dela.

568- Como fazer para contê-lo no tocante àqueles que ainda não conseguem assim aceitá-lo? Como todo vício, o melhor caminho é operacionalizar a reforma íntima. Através dela, o encarnado começará, ainda que timidamente, a mudar os seus hábitos e, com o passar do tempo, a compreender a desvantagem do papel do sexo fora da relação conjugal.

569- Fazendo-se um paralelo com um vício qualquer, a melhor forma para extirpá-lo é a diminuição lenta, gradativa e permanente dos atos errôneos que compõem o quadro vicioso.

570- Portanto, quem não consegue conter a sua sexualidade de forma natural, nesse contexto, deve encarar o seu problema como um desvio de conduta e, conforme o caso, como um vício. A partir daí, combater o mal

torna-se uma peregrinação difícil, mas possível de ser realizada, utilizando como instrumento o processo decrescente e permanente fiscalização de suas próprias atitudes. Haverá dia em que o triunfo será alcançado.

Homossexualidade

571- Significa atração sexual por pessoa do mesmo sexo.

572- Pode advir de uma inadaptação do Espírito ao corpo que lhe foi destinado; vale dizer: desejava nascer homem e nasceu mulher ou vice-versa. Porta para a irresignação contra Deus, portanto, desvio de conduta, uma vez que não consegue suportar sua prova.

573- Pode resultar de influenciações provenientes do meio social ou fruto da descuidada educação familiar. Neste caso, mais fácil se torna reverter o desvio. No outro, bem mais complexo e difícil.

574- Quando irresignado com a prova que lhe foi destinada, o encarnado, em maior ou menor escala (eis porque as várias gradações que passam pelo transexual, pelo bissexual e pelo homossexual propriamente dito), cultiva, no Espírito, o desejo de pertencer ao sexo oposto ao seu.

575- A prática sexual é uma das formas mais visíveis e satisfatórias de encontro do trinômio "mente-sensualidade-prazer"; assim, na forma material que encontra satisfação para o seu lado sensual, buscando o prazer sexual racionalmente (o sentimental, que envolve o coração, fica fora desse contexto), o encarnado procura o contato homossexual para amenizar o seu inconformismo latente, às vezes silencioso, mas presente no mais profundo do seu âmago.

576- Como se disse, reverter essa tendência é difícil. Quando se trata da irresignação espiritual, o processo é lento e necessita, de forma absoluta, do processo de reforma íntima. Quando se trata da homossexualidade resultante de influenciações sociais ou má educação familiar, mais fácil reverter o quadro, ainda que precise, de maneira mais branda, da reforma íntima.

577- A influência do meio e a educação dada pela família, por serem geralmente estranhas ao âmago do ser, podem ter o condão de adulterar o comportamento do encarnado, mas não conseguem transformá-lo na sua essência. Logo, mais fácil, vindo a conscientização, o próprio ser humano tomar rumo diverso, abandonando a anterior influenciação e afastando-se dos maus princípios educativos que o conduziram até então.

578- Tratando-se da irresignação do Espírito, pode levar toda uma jornada para que o encarnado compreenda a sua atitude equivocada. Pode necessitar para isso de mais de um estágio na Crosta. Enfim, somente com uma eficaz reforma íntima é reversível tal tendência.

579- Sem admitir, no entanto, o erro, jamais conseguirá empreendê-la (a reforma íntima nesse campo). Portanto, manter-se em atividade homossexual, crendo ser algo natural e finalístico, impossível e desnecessário de ser evitado, é encobrir o próprio desvio ou vício e, com isso, impedir o processamento da reforma íntima, única saída para sanar a irresignação indevida.

580- Como todos os demais desvios de comportamento, que precisam ser combatidos pelos encarnados, a homossexualidade é mais um deles.

581- Pode parecer inócuo repetir o óbvio, mas não é. Essa repetição tem por fim demonstrar que não podem as pessoas, jamais, discriminar o homossexual de forma alguma. Conferir-lhe tratamento diferenciado e mais rígido do que o encarnado faz com outros desvios de conduta é parte da ignorância, do mero e abjeto preconceito e, sobretudo, de conduta também fruto do desvio.

582- A homossexualidade é um desvio de conduta. Deve ser combatido. O instrumento para tanto é a reforma íntima. Leve pouco ou muito tempo, não é impossível tal embate, nem tampouco as chances de sucesso.

583- Apesar disso, não deve ser julgado, nem tampouco condenado por quem desse desvio não padece. Afinal, quem está isento de um desvio de conduta, possui outros. Não possuísse e seria perfeito. Sendo-o, não estaria em um planeta de expiação e provas.

Celibato

584- Celibatarismo é, geralmente, aspecto do egoísmo, expresso através do individualismo ou da tendência ao isolamento.

585- Não é necessário e, ao contrário do que muitos pensam, pode ser prejudicial.

586- A família é o principal núcleo de progresso dos seres. É nela que reencarnam, crescem, desenvolvem-se, tornam-se maduros e reiniciam, pois, sua jornada terrena. É símbolo de progresso do Espírito.

587- Entendeu-se, no passado, que tal atitude seria mostra de desprendimento, modo de garantir um estado impoluto de alma. Não é realidade que permanecer solteiro possa significar elevação. Não há, de regra, situações positivas, no contexto da caridade, que não possam ser desenvolvidas por um casal.

588- É bem verdade que há casos singulares, mas são exceções. Pode haver Espíritos missionários que, reencarnados, optam pelo celibatarismo a fim de desenvolver uma missão específica.

589- Por outro lado, ainda que o celibato, em si, não seja um mal, ele demonstra que o encarnado celibatário ainda carece de desprendimento das raízes do egoísmo.

590- Opta normalmente pelo celibatarismo aquele que é incapaz — ou sente-se como tal — de constituir um lar, partilhando sentimentos e bens materiais, dividindo projetos e aspirações, doando de si aos outros da maneira mais direta que isso requer, através da assistência à família material.

591- Celibatários caridosos, não missionários, existem. Têm seu valor, por certo. Não afasta, no entanto, o lado egoísta que suas vidas lhes impõem, consciente ou inconscientemente.

592- Qualquer prisma do celibato leva ao egoísmo, salvo a exceção já mencionada. Timidez ou outro modo de justificar-se é somente uma desculpa, mas não uma dirimente.

593- Sem indevidos preconceitos, o celibato deve ser evitado entre encarnados.

Masturbação

594- Forma de praticar o ato sexual solitário, projetando imagens e dando liberdade à fantasia. É um contentamento físico ou espiritual. Ou ambos.

595- Agrada somente ao físico quando o encarnado força o orgasmo, pela via masturbatória, a fim de aliviar tensões ou satisfazer necessidade orgânica. Ainda que haja sempre atuação do Espírito, está em segundo plano.

596- Apraz ao Espírito quando, inconformado com sua posição sociofamiliar de qualquer espécie, busca o conforto na imaginação, projetando-se para fora do corpo, no contexto dos pensamentos, a fim de satisfazer suas aspirações mais íntimas. Chega ao orgasmo utilizando o corpo material, naturalmente. Pode ser um misto de situações. Inadaptado ao contexto em que vive, buscando emoções ilusórias, mas potentes para satisfazer-lhe o âmago, utiliza o corpo físico, também necessitado de alívio orgânico, para a busca do orgasmo através da masturbação.

597- É condenável? Diga-se não ser recomendável. Dentro do equilíbrio ideal de vida que deve buscar o encarnado, lutando pelo aprimoramento do seu âmago, o caminho cristão é cultivar hábitos salutares e positivos que encarem o sexo como uma forma material, mas sublime, de exercitar o

amor, numa união estável e fiel (535), visando à constituição de uma família e, consequentemente, criando condições para amadurecimento interior.

598- Se não é recomendável, quer dizer que é desvio de conduta e, portanto, condenável? *Condenável* é uma palavra forte, um argumento de quem julga e pode julgar. Não é propício, pois, em cenário de reforma íntima, tratar-se do tema sob tal prisma.

599- Mas, desvio de conduta é. Diante do ideal, frise-se.

600- Há intensidades variadas nos desvios de comportamento: de graves a leves. A masturbação, conforme o contexto, pode dar-se de *leve* a *grave*.

601- Adolescentes a praticam visando a descobrir a sexualidade. Impedi-los pode levar a desvios mais graves. A naturalidade da aceitação dos pais ou responsáveis, com recomendação cristã, é o melhor caminho.

602- Adultos solteiros guardam um prisma; casados, outro. Irreal colocar no mesmo contexto a masturbação praticada pelo solteiro e a exercitada pelo casado. A projeção deste último pode atingir, em nível vibratório, o(a) companheiro(a), face aos mecanismos da ideoplastia. A do primeiro, ao revés, atinge-o somente.

603- Ao masturbar-se, o encarnado, de regra, atrai para perto de si Espíritos inferiores que, ligados à carne ainda, por falta de esclarecimento, obtém prazer, mesmo que ilusório, ao participar do ato. Com isso, pode fazer-se o praticante vítima de algum tipo de obsessão ou influenciação negativa.

604- Casado sendo, poderá estender tais prejuízos ao (à) companheiro(a).

605- Não cabe elaborar uma escala de valores, classificando a intensidade dos prejuízos causados pela masturbação, mesmo porque se fixam dois parâmetros como colocado no nº 600: trata-se de desvio de conduta e merece ser evitada. Entretanto, dependendo da força de vontade de cada ser, poderá ou não ser eficazmente afastada.

606- Ainda no que se refere à criança ou ao adolescente é um desvio, embora, no cenário infanto-juvenil, ganhe outra conotação, que é a de descoberta da sexualidade. Bem orientada, aos poucos, ela será evitada, lembrando, sempre, que crianças e adolescentes inserem-se no contexto dos desvios de comportamento, tanto quanto os adultos o fazem. A única diferença é que, estando em fase de aprendizado, terão outra avaliação dos seus atos, ao menos até atingirem os dezesseis anos, quando iniciará o pleno livre-arbítrio.

AIDS

607- A síndrome da imunodeficiência adquirida, vulgarmente conhecida como AIDS, não é pena, nem castigo, muito menos vingança de Deus. Quem assim pensar, está equivocado e demonstra, inclusive, não ter fé.

608- É mais uma das enfermidades que envolvem a humanidade. Não foi a primeira, não será a última.

609- É um alerta de amor, sem dúvida, pois mostra os perigos do chamado sexo livre, do estresse emocional exagerado, das agressões constantes que se voltam ao corpo físico (alimentação inadequada — excessiva ou faltosa; distúrbios nos ambientes doméstico, profissional, social, entre outros; consumo de entorpecentes de toda ordem; vícios variados), enfim, evidencia os desatinos que a humanidade pratica contra si mesma.

610- A AIDS — em matéria de descoberta presente da ciência — é causada por um determinado vírus e suas mutações, mas envolve uma série de elementos desconhecidos, embora sentidos, que abrangem todas as diversas perturbações descritas no item anterior.

611- Quer significar que, apesar do vírus, há aqueles que sobrevivem por anos. Outros, em menos tempo, sucumbem.

612- Há os que, aparentando não possuir o vírus identificado, perecem da mesma síndrome de deficiência das defesas orgânicas.

613- Evidencia-se aos encarnados um cenário de clareza inigualável: quanto mais agressões o corpo e o Espírito sofrerem, maiores serão as chances de contração de uma enfermidade grave.

614- Preocupantes devem ser todas as doenças que devastam a humanidade e não somente a AIDS. Por isso, não deve haver nenhuma razão para a sustentação do preconceito e da discriminação no que a ela se refere.

615- Em gênero, pois, repita-se, a falência das defesas do corpo humano pode ter várias causas, sendo uma delas a AIDS.

616- Muitas verdades estão por vir. A ciência humana tem muito a percorrer. Não deve haver, portanto, no tratamento da AIDS e de outras enfermidades, exclusividade da medicina material, pois o Espírito também necessita de “remédio”. A oração e a sintonia com Deus são bálsamos da alma.

617- Sem irresignação, o encarnado pode vencer muitos males. Alcançará o dia em que triunfará sobre a AIDS também. Como se disse, tudo a seu tempo.

618- O passo fundamental nesse cenário, atualmente, diante do conhecimento parco que a ciência domina a seu respeito, é, em primeiro lugar, não sentir o encarnado, que dela (AIDS) padece, como um culpado ou, pior, uma vítima do castigo divino.

619- Em segundo lugar, ainda quanto ao predisposto e ao enfermo, é preciso haver momentos de reflexão, conscientização e resignação. Nada

acontece por acaso e todos aqueles que possuem doenças graves — com possibilidade ou sem esta, de cura — devem meditar sobre suas vidas, a respeito da razão da sua existência e no tocante ao que pode ser construído de útil para o futuro — não importando se breve ou extenso.

620- A qualquer momento, em qualquer situação, para qualquer enfermidade, pode haver uma solução divina. Curas são encontradas da noite para o dia e o que era insanável passa a ser corriqueiramente enfrentado pelo homem. Mas, quando for oportuno. Nem antes, nem depois.

621- Por outro lado, sem o encarnado esperar, outras doenças surgirão, podendo inclusive haver o agravamento de algumas conhecidas e nem por isso deverão tais fatos ser tomados como vingança divina. Não é raro enfermidades conhecidas tornarem-se mais resistentes à medicina do mundo material, como não será impossível que a cura para qualquer mal surja quando menos preveja.

622- O enfoque a ter em vista é que não será a cura de uma doença que afastará o surgimento de outra. Num planeta de expiação e provas é natural haver tais males que infestam o corpo físico. Servem tanto de prova como de expiação. São úteis, pois, à evolução.

623- A miséria humana, seja no aspecto material, seja no espiritual, conduz o corpo físico muitas vezes a enfrentar males terríveis que poderiam ser evitados caso houvesse melhor preparo moral.

624- A medicina evolui. Conhece. Aprende. Com ela, segue o encarnado, ouvindo suas orientações e acatando suas determinações. Mas não é só. Jamais deve descurar-se de dois fundamentais pontos: a fé em Deus e a reforma íntima.

625- A fé o manterá em sintonia com planos elevados, permitindo-lhe auferir bons conselhos, mantendo seu Espírito equilibrado e tranquilo em qualquer situação.

626- A segunda fará com que o Espírito adquira, cada vez mais, valores cristãos substanciais ao seu aprimoramento e à sua evolução. Com a reforma íntima, o ser estará mais bem preparado para enfrentar os dissabores que a jornada material lhe apresenta e terá maiores condições para fortalecer sua fé.

627- No contexto da AIDS, ouvir as orientações médicas é importante. Além disso, deve o encarnado — enfermo ou não — aproveitar o alerta de amor que adveio e preparar-se espiritualmente para acatar os desígnios divinos.

628- Comportamento sexual regrado, justamente o cristão, além de uma vida distanciada dos excessos nefastos de toda ordem, pode levar o ser humano a evitar a AIDS e outras enfermidades graves que abreviariam o seu estágio na Crosta.

629- Lógico é que muitos desencarnes, mesmo os motivados pela AIDS, são fruto do determinismo da Lei. Outros, no entanto, foram causados pela imprevidência do próprio encarnado (desvio de conduta, não programada precisamente).

630- Eis por que não existe razão para o preconceito com relação à AIDS; afinal diversas podem ser as consequências de condutas desviadas da trilha cristã.

Aborto

631- Houve oportunidade para se dizer (item 507) que o desvio de conduta, no contexto cristão, é um afastamento da meta ideal que todo encarnado deve trilhar. O vício, por sua vez, é a reiteração do desvio de conduta. Entretanto, pode dar-se a hipótese do ser humano, ao longo de sua trajetória no plano material, cometer um grave e único desvio de conduta, que não volte a acontecer, porém com consequências permanentes. A isso chama-se *erro grave*.

632- O aborto está exatamente nesse cenário: trata-se de um erro grave.

633- Quando a mulher interrompe sua gestação, provocando ou permitindo que alguém provoque o aborto, está ofendendo um dos mais importantes bens que Deus confere ao ser humano — e somente Ele pode retirar —, que é a vida.

634- Inquestionável dizer que há vida no exato instante da fecundação do óvulo com o espermatozoide[4]. Portanto, a partir daí, não cabe qualquer interferência do encarnado para interromper o que não lhe *pertence*. Em última análise, a vida *não pertence* ao ser humano, mas a Deus.

635- Seja ou não crime na lei dos homens, será sempre erro grave na lei de Deus.

636- A única possibilidade admitida para o aborto é para salvar a vida da gestante. Nenhuma outra é cabível em senda cristã.

637- Quando há a prova de confronto entre dois preciosos bens: vida da gestante e vida do feto, opta-se por aquela, visto que sua jornada já se iniciou e há muitos compromissos a serem cumpridos antes do desencarne, ao menos maiores do que aquele que ainda não nasceu para nova caminhada. Aliás, insistir a mãe em manter gravidez de alto risco pode constituir-se suicídio inconsciente, por mais nobres que aparentem ser suas razões.

638- O aborto pode ser consciente ou inconsciente. Há responsabilidade para ambos, do mesmo modo que existe para a hipótese de suicídio inconsciente.

639- A inconsciência é apenas um fator de desligamento do Espírito das suas responsabilidades e deveres. Não sendo por causa patológica, é uma fuga que merece ser evitada. Desse modo, o aborto inconsciente é, do mesmo modo, um erro grave, embora sempre atenuado em relação ao consciente.

640- Provocá-lo conscientemente significa assumir o ônus de matar um ser humano cuja vida pertence a Deus, lembrando sempre que o Espírito liga-se ao corpo no momento da fecundação.

641- Muitas razões poderiam ser elencadas pelo encarnado para justificar, sem o conseguir de fato, o ato de interrupção da gestação. Nenhuma delas, com exceção da mencionada no item 636, é admitida.

642- Provas ou expiações todos enfrentam. Expiações também. Portanto, qualquer gravidez não desejada faz parte do contexto de

enfrentamentos ao qual todo ser humano está vinculado a partir do instante em que reencarna. Não há exceções.

643- Corpos deformados, mentes aprisionadas por algum tipo de debilidade, deficiências físicas de toda ordem são provas a serem vivenciadas pelo ser reencarnante. Seus pais também devem defrontar-se com elas. A ninguém cabe julgar quando e como quer tê-las e se são convenientes, pois a Sabedoria Divina não se equivoca jamais.

644- Um deficiente, por exemplo, não encontra explicações das mais justas para o seu mal presente em existências pretéritas? Por isso, é importante ultrapassar a prova com êxito. Assim fazendo, poderá não tornar a confrontar com o mesmo problema em futura jornada.

645- A favor do aborto, atualmente, estão os encarnados materialistas, sem fé em Deus, que julgam ser o centro do universo e que a vida lhes pertence, tal como algum bem material de valor irrisório. Não creem na continuidade da vida após o desencarne e são muito apegados ao presente, voltando as costas para o passado, ignorando por completo o que será o futuro. São equivocados, porque cegos de razão e oblíquos de sentimento.

646- Praticado o aborto, realizado o mal e cometido o erro grave, há chance de reparo? Sempre existe possibilidade de recuperação, pois o ser humano raramente escapa de praticar desvios de conduta, ingressar na senda dos vícios ou cometer erros graves. Faz parte de sua longa trilha de aprendizado. A oportunidade de reparação é real, pois Deus é soberanamente justo.

647- Um aborto, uma vez cometido, será sempre um erro grave a ser reparado. Logo, não há quantificação para o mal, nem antídoto para curá-lo.

O que o ser humano pode e deve fazer para compensar os seus erros e desvios é ingressar na prática do bem. Somente o amor tem possibilidade eficaz de vencer o mal; portanto, apenas com o exercício do mais nobre dos sentimentos conseguirá o encarnado amenizar ou compensar o seu mal.

648- Uma nova gestação pode ser a oportunidade para que o Espírito, uma vez rejeitado por ocasião do aborto, volte ao processo de reencarnação. Não quer dizer que a gravidez que ocorra após uma interrupção anterior é sempre utilizada para tanto. Significa que é uma *oportunidade* que surge nesse contexto.

649- Não se deve olvidar, no entanto, que uma posterior gestação é sempre positiva, pois ensejo da prática do amor, sempre útil na jornada do Espírito pela Crosta.

649a- A dedicação à caridade é outra ocasião para o reparo do mal, não somente no caso do aborto, mas também de outros erros e desvios de conduta.

650- Enfim, é preciso que o encarnado assimile que erros existem, merecem ser evitados, mas, ocorrendo, devem ser reparados.

651- Pode dar-se a hipótese do aborto natural. Nesse caso, sem qualquer responsabilidade da gestante, trata-se somente de uma prova ou expiação que ela deve enfrentar com resignação e sabedoria. Afinal, nada ocorre por acaso.

652- Dia haverá em que os homens dar-se-ão as mãos em favor da vida, em nome da vida e em defesa da vida. Nessa data, a paz triunfará no Globo, fecundando os corações e germinando amor em todos os cantões do planeta. Estará inaugurada a fase da regeneração.

4. *Nota do autor material: maiores dados podem ser encontrados no livro "Minha Vida em Gestação".*

Responsabilidade

653- Ser responsável é ser causa dos efeitos dos seus atos. Encarnado responsável é o que possui livre-arbítrio e, portanto, é o causador dos resultados positivos ou negativos decorrentes da sua conduta.

654- Responsabilidade é inerente ao encarnado, visto que todo ser humano, em especial a partir dos dezesseis anos, quando possui completo livre-arbítrio, deve responder perante Deus pelo que faz e, consequentemente, pelo que causa.

655- Mencionar que o encarnado dá causa a um resultado, significa vinculá-lo a uma relação de causa e efeito. Não deve haver a ilusão de que somente aquele que age conscientemente é responsável pelos seus atos. Fosse assim e não seriam considerados erros graves o suicídio ou o aborto inconscientes.

656- No âmbito material, torna-se natural exigir do encarnado a responsabilidade pelo que pratica ao menos voluntária e conscientemente. No tocante à sua responsabilidade espiritual não se dá o mesmo, porque o Espírito tem condições de captar inúmeros fatores que o seu simples raciocínio — quando aprisionado no corpo físico — não consegue. É por isso, insista-se outra vez para exemplificar, que o ser humano é responsável pelo suicídio inconsciente que pratica. A partir do momento em que se

envolve com vários desvios de conduta e vícios, que podem levá-lo ao desencarne prematuro, está assumindo o risco de fenecer antes do tempo. É um fator que não deve ser olvidado em matéria de responsabilidade.

657- No âmbito da lei de ação e reação, o encarnado é responsável — por conta de suas ações — pelas reações que colhe. A responsabilidade tem, assim, uma conotação causal. Por outro lado, no exemplo do suicídio ou do aborto inconscientes, portanto no cenário dos erros graves, falar em responsabilidade é dar uma conotação dúplice: causa/efeito e reparação.

658- Pode-se dizer: cada reação vivida pelo encarnado é fruto de sua anterior ação. Ele é responsável pelos atos que comete e pelas consequências que sofre. Sob outro aspecto, quando pratica um mal grave, além de estar dando início a uma ação, tem a obrigação de reparação. Logo, quando recebe a reação, vê-se a responsabilidade do encarnado somente sob o aspecto causal. Quando pratica a ação negativa, vê-se a sua responsabilidade sob o aspecto dúplice: causal e reparatório.

659- A responsabilidade tem ainda a sua análise voltada para o campo deontológico, visto que todo encarnado tem deveres morais e possui, portanto, a *responsabilidade* de executá-los.

660- Irresponsabilidade, no contexto da reforma íntima, não existe. Todos os encarnados são responsáveis pelos seus atos, cabendo à Superioridade Divina avaliar o grau de responsabilidade e suas consequências.

661- Quando se diz que determinado encarnado não é responsável por certo mal, significa que ele não o causou. A título de exemplo, pode-se

mencionar o aborto natural. Ocorrida a interrupção da gravidez, nota-se que a gestante não é por tal fato responsável.

662- Apesar de irresponsabilidade possuir ainda um sentido negativo, como sinônimo de falta de cumprimento de deveres, no contexto da reforma íntima utiliza-se somente o sentido causal.

663- Ser responsável por um resultado não quer dizer automaticamente que o encarnado é culpado ou que sua atitude é censurável e reprovável. Pode haver maus resultados causados por encarnados, que são por eles responsáveis, mas que pelos mesmos não serão punidos, ou seja, não têm o dever de repará-los. À Justiça Divina caberá ditar-lhes o caminho.

664- No cenário da reforma íntima é suficiente estabelecer o sentido usado para os termos "responsabilidade" e "irresponsabilidade". Em resumo – responsabilidade: causal e causal/reparatório (conforme o caso); irresponsabilidade: não causal.

665- Utiliza o encarnado, é certo, o conceito de responsabilidade para transparecer diligência, presteza e aplicação. Nesse sentido, falar que alguém é responsável significa dizer diligente, cumpridor dos seus deveres.

666- É possível usar tal conotação, mas é preferível, no contexto da reforma íntima, ser mais preciso, dizendo que alguém é zeloso de suas obrigações, deixando o termo "responsável" para o sentido causal.

667- Pelo exposto, deduz-se com facilidade que o encarnado é sempre responsável pelos seus atos, numa concepção causal. Por outro lado, é irresponsável quando não dá causa a qualquer resultado, positivo ou negativo. Finalmente, é diligente e zeloso quando cumpre seus deveres morais e cristãos e inconsequente e descuidado quando não os cumpre.

A responsabilidade no cotidiano cristão

668- São os encarnados levados diariamente a agir com diligência nos seus atos a fim de que não se tornem responsáveis por consequências negativas que haverão de reparar no futuro.

669- Portanto é cabível ressaltar que toda ação contrária ao bem é uma decorrência da falta de conhecimento suficiente ou da inexata compreensão da moral cristã. Ninguém, em sã consciência, seria descuidado nos seus deveres morais e cristãos se tivesse pleno entendimento da teoria e dos ensinamentos contidos no Evangelho de Jesus.

670- Logo, qualquer deslize no entendimento e na interpretação, ainda que fruto da falta de evolução espiritual, leva o encarnado a não assimilar a teoria como deveria e, consequentemente a não a seguir na prática.

671- Por outro lado, alguns encarnados, a pretexto de bem conhecerem a teoria, criam *teorias secundárias (447)* para justificar o seu não cumprimento do que é correto e esperado.

672- São esses, em verdade, *os de responsabilidade agravada*, e devem dar-se conta disso. Quem teoriza secundariamente ao que é verdadeiro e absoluto age inconsequentemente.

673- Pode ou não divulgar tais equívocos. Quando o faz, influencia terceiros diretamente. Guardando, acaba causando mal a si mesmo, mas

terminará por prejudicar indiretamente os que vivem ao seu redor, tão logo coloque em prática o comportamento determinado por tais teorias secundárias e falsas.

674- Age de modo reprovável quem cultiva no cotidiano quaisquer dos sentimentos descritos no item 29.

675- Núcleo fundamental de desenvolvimento do ser humano, a família convive com responsabilidades e desacertos de seus membros no seu cotidiano.

676- No casamento, marido e mulher possuem deveres recíprocos e são responsáveis pelo bem ou pelo mal que causam um ao outro. Ingressar nessa relação, cujo cerne é o sentimento, faz com que a disciplina e a diligência no trato humano devam ser bem cuidadas.

677- Por isso houve referência linhas atrás no que diz respeito ao relacionamento sexual bem orientado no contexto da relação conjugal. Não deve ser usado como fonte de desgaste emocional ou instrumento de pressão de um cônjuge sobre o outro; ao contrário, merece ser considerado como mecanismo de exercício do amor.

678- Sendo a união sexual uma das necessidades do encarnado, ainda que passível de ser controlada, deve ser bem desenvolvida no relacionamento marital. Os cônjuges devem se compreender nesse contexto e um precisa respeitar a necessidade do outro, proporcionando o exercício sexual como parte dos deveres do companheirismo reinante no bom casamento. Somente por consenso mútuo é que a prática pode ser afastada. Do contrário, haverá desequilíbrio nessa balança, pois a necessidade sexual

faz parte da maior ou menor evolução espiritual de cada ser humano e não se deve colocar no mesmo patamar individualidades diferentes.

679- É fruto da incúria no seio conjugal colocar as questões do sexo em plano inferior, quando sabidamente sua prática é indispensável a qualquer dos cônjuges. De outra parte, cada companheiro é responsável pelos desvios de ordem sexual que praticar, seja qual a razão que invocar.

680- Ser diligente no seio familiar é também cuidar do assunto com a devida atenção e não descurar da educação dos filhos nesse mesmo contexto, dando-lhes norteamentos indispensáveis à sua formação.

681- Gerar ou não filhos é decisão do casal. Afora razões de ordem médica, não se justifica que um homem e uma mulher, unidos em matrimônio, deixem de ter filhos. Tendo-os, como é o melhor caminho, cabe-lhes a responsabilidade pelo futuro imediato dos descendentes. Evitando-os, são igualmente responsáveis pelas consequências advindas desse ato de egoísmo.

682- Ainda que seja livre-arbítrio do casal optar por ter ou não filhos, é sempre curial ressaltar que a negativa nesse cenário encontra raízes sobretudo no egoísmo, salvo exceções raras no campo missionário. Casais que ainda pensam a respeito devem meditar com retidão sobre o tema, envolvendo-o, sem dúvida, no âmbito da reforma íntima.

683- Não se aplica a mesma recomendação no tocante ao número de filhos. Cada casal deve deliberar sobre a sua prole, embora muitos o façam — tendo ou deixando de ter mais filhos — também no contexto do egoísmo. Há diferença entre não ter mais filhos porque visa à atividade caritativa, por exemplo, ou não tê-los porque quer empregar o seu capital

em lazer ou supérfluos, frutos do materialismo, como outro exemplo. Seja, pois, bem empregada a decisão nesse sentido pelo casal, buscando o equilíbrio e o real discernimento cristão.

684- Surge, após o advento da progênie, a responsabilidade pela sua boa educação. Devem os pais conduzir os filhos pela senda cristã, acima de tudo, dando-lhes toda a informação possível para que se tornem seres humanos melhores do que efetivamente o são.

685- A má criação da prole é responsabilidade dos genitores. Mesmo que Espíritos rebeldes reencarnem em determinadas famílias, conferindo maior trabalho aos pais para educá-los, mostrando-lhes o bom caminho, faz parte da missão nobre da paternidade e da maternidade orientá-los à saciedade.

686- Filhos deseducados, agressivos, grosseiros, egoístas, orgulhosos, vaidosos, enfim, cultivadores dos piores sentimentos e condutas, são responsabilidade dos pais. Se não total, no mínimo parcial.

687- Filhos espelham-se geralmente em seus pais.

688- Apesar de possuírem bagagem espiritual secular própria, com defeitos e virtudes individuais, os infantes carecem de orientação para aprimorarem os seus âmagos, tornando-se seres mais apurados na trilha cristã. Essa é responsabilidade dos pais.

689- Nenhum defeito ou desvio de conduta é infenso ao amor e não deixa de ser por este nobre sentimento vencido. O problema é saber o quanto de amor estão os pais dispostos a dar.

690- E dedicar amor não é somente amimar os infantes ou adolescentes, mas ser e saber ser rigoroso e disciplinador na hora certa, jamais permitindo

que as más tendências triunfem sobre as virtudes.

691- Por outro lado, devem os pais dar o bom exemplo. Filhos que veem nos seus genitores o pior exemplo possível, dificilmente por si sós irão vencer barreiras contra as faltas de virtudes e defeitos de personalidade que trazem consigo.

692- Ainda, no cotidiano, ressalta a responsabilidade artística. Pessoas há que concentram em si o carisma de atrair massas de admiradores que lhes seguem os passos e cultivam a imagem. Possuem os ídolos a responsabilidade de bem orientar seus fãs.

693- Arrastar admiradores para o mau caminho é um desatino, porque o artista não só prejudica a si mesmo com sua conduta desviada da senda cristã, como também faz com que várias outras pessoas, menos fortes e mais suscetíveis, sejam envolvidas pelo afã causado pela idolatria, seguindo o seu mau exemplo.

694- Diga-se o mesmo de governantes, políticos de projeção, pessoas proeminentes de toda ordem, enfim, aqueles que conseguem mobilizar opiniões e contribuem para formar os pensamentos alheios.

695- Aos médiuns, de um modo geral, um alerta: possuem responsabilidade inarredável pelas comunicações que proporcionam e pela sinceridade ou manipulação com que agem sobre elas.

696- Ser médium não é um ato corriqueiro e banal; muito menos é uma característica atávica incontrolável; nem tampouco é um dom ou uma conduta natural, sobre a qual o intérprete encarnado não possa e não deva exercer a sua fiscalização para garantir a melhor mensagem e o melhor conteúdo cristão para o que escreve ou fala em nome dos Espíritos.

697- É certo que existem raros tipos de médiuns cuja inconsciência é praticamente absoluta ao longo dos trabalhos. Entretanto são eles responsáveis, ainda assim, pelas comunicações que transmitem. Se boas, fruto positivo. Se más, decorrência das companhias com as quais segue o seu caminho.

698- Ser médium acarreta, ainda, a responsabilidade de educar a mediunidade, levando-a para o contexto cristão e fazendo o possível para auxiliar semelhantes, distribuindo amor e proporcionando-lhes paz de espírito. Jamais, sem qualquer exceção, a mediunidade deve ser explorada com o intuito de lucro. Inexiste, no campo cristão, mediunidade materialista.

699- No Globo, os encarnados nascem integrados a uma nação com as responsabilidades daí decorrentes. É importante que cada cidadão seja um patriota, cumprindo com os deveres a isso inerentes, embora, em primeiro lugar, esteja a responsabilidade cristã. Não é porque, em algum lugar do mundo, algum líder carismático mas desligado dos preceitos cristãos, determine atos e condutas desvirtuadas que todos devem segui-las. Há, pois, responsabilidade positiva ou negativa para quem segue os mandamentos de seus governantes.

700- Na profissão, exige-se responsabilidade do encarnado. Faz parte dos deveres cristãos amar o trabalho honesto, praticá-lo com entusiasmo, ajudando a produzir recursos ou riqueza material que possam auxiliar o semelhante a prosperar, subtraindo do Globo a miséria e favorecendo o equilíbrio entre os povos. A pequena parcela de cada atividade laborativa proporciona um grão a mais no imenso celeiro produtivo do plano material.

701- Cultores da preguiça são por isso responsáveis e devem rever seus valores no contexto da reforma íntima.

Preguiça

702- Preguiça física é a repulsa pelo trabalho, entendido este amplamente. Qualquer atividade que retire o encarnado preguiçoso do ócio dá-lhe repugnância.

703- Preguiça mental é a lentidão nos pensamentos e na tomada de decisões, por aversão à agilidade do raciocínio.

704- Ambas as formas são causadas por um Espírito rebelde e recalcitrante em aceitar a sua atual posição no estágio reencarnatório que vivencia.

705- O preguiçoso geralmente se acostuma na fleuma do dia a dia, ambicionando somente métodos e estilos de vida que lhe proporcionem maior tranquilidade no agir e no pensar.

706- Patente desvio de conduta pode tornar-se um vício desde que o ser humano nele encontre uma habitualidade.

707- Vez ou outra, muitos encarnados encontram na preguiça um escape para suas pressões do cotidiano. O grande mal é torná-la uma praxe na existência material.

708- A preguiça alia-se ao egoísmo porque o mandrião preocupa-se muito mais consigo mesmo e seu bem-estar do que com o próximo. Família

e outros que dele dependem passam por sérios problemas, enquanto o ocioso se apraz em ser como é.

709- É preguiçoso desde aquele que não quer trabalhar para sustentar-se e aos seus até o que não consegue organizar seu tempo para dar conta de tudo o que tem para fazer. Neste contexto, está presente a preguiça mental.

710- Todos os encarnados possuem obrigações. Adultos mais, adolescentes e crianças menos. Destarte, identificar a preguiça não é tarefa difícil, pois basta verificar quem as cumpre satisfatoriamente. O difícil é combatê-la desde cedo.

711- Não é desnecessário dizer que a boa ou má educação dada pelos pais ao infante poderá reformar-lhe essa má tendência ou incentivá-lo a perpetuar-se nesse desvio de conduta.

712- É intrincado combater a preguiça porque implica dedicação, força de vontade e desejo de luta, atributos que faltam ao ocioso.

713- O único caminho viável é através da reforma íntima. Somente compreendendo a importância do labor e do exercício do raciocínio, aceitando-os como atividades necessárias do corpo e do Espírito é que poderá haver preciso combate à preguiça.

714- Mencionou-se linhas atrás que o ocioso é um egoísta por excelência. Também o é o individualista, sob alguns aspectos. Pode o encarnado que se isola ser um trabalhador exemplar, mas a sua preguiça está concentrada em não ter paciência, nem vontade, para conviver com seus semelhantes. Não deixa de ser fruto da indolência a falta de gosto pela integração social ou familiar, visto que a convivência exige e demanda

trabalho espiritual de resignação, atenção, zelo, solidariedade e outras virtudes que, ao preguiçoso, parecem insustentáveis.

715- A preguiça não deve afetar a fé, porque, se tal ocorrer, tornar-se-á muito difícil reverter o ócio pela reforma íntima. Esta pressupõe ao menos a fé para que haja, em seguida, o fortalecimento da vontade.

716- O comodista é um egoísta e pode ser um preguiçoso. Pretendendo garantir o seu bem-estar a qualquer custo, ele poderá cultivar o ócio como uma de suas fontes de prazer.

Disciplina da saúde física

717- Não imagine o encarnado que sua saúde física não é importante ou que deve somente cuidar do Espírito, pois o corpo é secundário.

718- Quem assim pensa, equivoca-se, pois o estágio na Crosta, proporcionado pela reencarnação, deve ser assegurado a fim de que o Espírito tenha tempo suficiente para combater defeitos e aprimorar o seu âmago.

719- O invólucro material é indispensável a tal jornada. Sem ele perece a oportunidade de viver no plano físico e, consequentemente, desperdiça o Espírito a chance de se melhorar e obter mérito suficiente para viver em Planos mais elevados.

720- É dever do encarnado cuidar do seu corpo físico para manter-se na crosta terrestre o máximo de tempo que for possível, pois cada minuto lhe será essencial na reforma íntima e no seu desenvolvimento espiritual.

721- Enfermidades, por outro lado, existem e sempre existirão. Elas são provas ou expiações para os seres humanos e também um meio de provocar o desencarne, quando o momento chegar.

722- Não quer dizer, entretanto, que devam ser enfrentadas apenas com fé e resignação, mas também com luta e perseverança. O encarnado precisa, ao mesmo tempo em que combate o seu mal físico com todas as suas forças,

manter-se tranquilo e confiante nos desígnios divinos, pois nada acontece por acaso.

723- A doença do corpo pode ser causada por fontes materiais ou espirituais. Se o âmago está rebelde, o Espírito transmite ao invólucro corpóreo seu desequilíbrio e não é raro que este sinta o golpe, tornando-se suscetível a contrair enfermidades.

724- De outra parte, há também males de origem material, produzidos por agentes físicos de toda espécie, tais como vírus, bactérias e microrganismos variados. Existem, ainda, os desequilíbrios genéticos que são causas de muitas moléstias.

725- Geralmente o encarnado equilibrado mental e espiritualmente está mais preparado a combater enfermidades e até mesmo a evitá-las.

726- Observa-se no plano material que muitos seres humanos descuidam-se de sua saúde privilegiando a vaidade. Em nome desta praticam atos severamente punitivos e duros ao seu corpo, terminando por adoecer.

727- A aparência do corpo físico é algo contra o que não deve o encarnado lutar para alterar. Conformar-se com o que Deus lhe conferiu para esta jornada é o ideal. Submeter o corpo a modificações agressivas e contrárias à sua natureza é elevar a vaidade a um pedestal que somente irá provocar a queda do equilíbrio psicossomático do ser, causando-lhe diversos males.

728- Revoltar-se contra doenças serve unicamente para agravá-las. Bálsamo ao Espírito é a resignação, a fé e a tranquilidade.

729- É dever do encarnado, pois, enfrentar enfermidades submisso ao que o destino lhe proporcionou; também deve cuidar do seu corpo físico da melhor maneira possível, sendo responsável pelo mal gratuito que acontecer a este, abreviando sua jornada na Crosta ou prejudicando-a.

730- O suicídio inconsciente é fruto do desleixo para com o corpo físico. Mal dos mais graves, fará com que o Espírito sofra as consequências quando libertar-se da carne.

731- O suicídio nada mais é do que terminar com a própria vida material. Assim, há maneiras diretas de fazê-lo, normalmente as únicas vias reconhecidas pelo encarnado para configurar esse ato derradeiro, embora existam modos indiretos de chegar ao mesmo resultado.

732- Quando o encarnado, sabendo dos riscos que seu corpo está correndo, diante de sua vida desregrada, opressiva ou desgastante, podendo alterar seu rumo, insiste em manter-se na senda do erro, está caminhando para o suicídio indireto e por ele será responsabilizado.

733- A medicina material não deve jamais ser desprezada. Ao contrário, é importante meio de manter a saúde física do encarnado. Inexiste desprendimento naquele que, entregando a Deus, deixa de cuidar dos seus males porque “acredita” que tudo que lhe acontecer terá sido vontade divina.

734- Procurar assistência médica é parte dos deveres do ser humano para manter-se tanto quanto possível no estágio corpóreo, até que realmente tenha chegado o seu momento de partir.

735- Outro desvio que muito contribui para desmantelar o equilíbrio do corpo e da mente é a ira. O colérico provoca desgastes profundos no seu

sistema nervoso e, com isso, chama a si enfermidades de toda ordem que poderão levá-lo a resultados fatais precipitados e indesejáveis.

736- Com inteligência, paciência e resignação, pode o encarnado combater muitos males, aparentemente complexos e até mesmo incuráveis, sem se deixar levar pelo desespero e pela revolta contra Deus, situações que somente agravariam ainda mais qualquer estado doentio que houver de vivenciar.

Harmonia

737- Conceituemos *harmonia* como a simetria de bons sentimentos no convívio humano.

738- É dever cristão mantê-la e cultivá-la, pois a fraternidade e a solidariedade mútua dela são dependentes.

739- Um dos principais requisitos para seu implemento é o exercício do perdão recíproco, visto que os encarnados têm naturais divergências e podem, vez ou outra, trocar agressões que ofendem suscetibilidades e causam inimizades ou sentimentos antagônicos. Perdoando-se, a harmonia há de prevalecer.

740- Nenhum ser humano é absolutamente certo ou infalível. Necessitado de misericórdia e benevolência, o encarnado deve conceder igual tratamento ao seu semelhante. Em nome dessa placidez de espírito, instala-se a harmonia.

741- Relacionamentos conturbados podem ser pacificados, bastando para tanto boa vontade e a consciência de que a simetria dos bons sentimentos é a trilha do cristão.

742- A decadência da harmonia começa a partir do momento em que os julgamentos ganham corpo nas relações humanas. Ninguém aprecia ser avaliado, mormente por quem não tem estatura moral para fazê-lo.

743- É natural que o homem encontre dificuldade em proceder a um julgamento justo, no que se refere à avaliação que faz do seu semelhante. Afinal, justiça absoluta somente a divina.

744- Portanto, o melhor, em nome da harmonia, é evitar julgamentos. Ninguém, no plano material, é isento de erros, salvo raríssimas exceções, nem mesmo computáveis no contexto da reforma íntima. Por que julgar o próximo com rigor? Por que quebrar a simetria reinante em nome de uma avaliação normalmente precipitada? Por que não ser racional e compreender que julgamentos, afora os provocados pelas leis humanas, são despiciendos de fundamento?

745- Evidente que, em alguns casos, é preciso proceder a uma avaliação do semelhante para auxiliá-lo na correção dos seus desvios de conduta. Assim faz o pai em relação ao seu filho, o professor no tocante ao aluno, um amigo em referência ao outro. Mas, lembre-se, há profunda diferença no "avaliar para ajudar" e no "julgar para condenar".

746- Corrigir: somente com amor, no momento propício para o corrigido, de modo manso e com boa intenção.

746a- Mas, geralmente, encarnados não praticam análises imparciais do semelhante. Faz parte de sua imperfeição. Conveniente, pois, evitá-las, mormente se gratuitas e com espírito de emulação.

747- Não acatar correções feitas com espírito elevado, dessa forma demonstradas e perceptíveis, é exercitar o orgulho, pois o encarnado não prescinde de auxílio na sua escalada evolutiva.

Abertura de coração

748- Abrir o coração tem dois sentidos: um amplo, outro estrito.

749- Em sentido amplo quer dizer que o encarnado consegue manter-se sintonizado com o amor e seus derivados. Vencendo suas tendências egoísticas, ainda que com falhas, naturais ao ser humano, harmoniza-se com a vivência cristã e seu coração está aberto aos bons sentimentos.

750- Em sentido estrito significa expressar seus sentimentos, sejam eles positivos ou negativos, com sinceridade, franqueza, liberdade e confiança.

751- Pessoas circunspectas, via de regra, guardam resquícios significativos de orgulho ou de egoísmo. O ideal é sorrir sempre, ser afável, comunicativo e atencioso com os que o cercam.

752- Mau humor constante e semblante sombrio não contribuem para a abertura de coração, nem mesmo para o procedimento cristão.

753- Timidez também não é desculpa para o não exercício do amor. Retraídos desse modo o são por algum tipo de desvio, ainda que psicológico e necessitado de tratamento adequado. Alegria é o melhor antídoto ao acanhado.

754- Abrir o coração, pois, harmoniza o ser com o Plano Espiritual Superior porque, nos dois sentidos — amplo e estrito —, demonstra sua ânsia em ampliar o amor, que é oposto aos maus sentimentos.

755- Nesse ponto, encarnado nenhum precisa de mestre para ensiná-lo a amar, a abrir seu coração, bastando querer fazê-lo.

756- Não conseguindo, o remédio indicado é a reforma íntima. Purificando o âmago, alterando seus valores do negativo para o positivo, cultivando a singela virtude do sorrir, compensará o ser humano suas imperfeições no cenário da carranca.

757- A abertura de coração, assim exercitada, proporcionará inclusive a oportunidade sem par de amar os inimigos.

758- Inimizade é somente um estado passageiro da alma. Não deve, nem merece, ser permanente. Quem não refizer seus laços rompidos na jornada terrena, um dia defrontar-se-á com seu inimigo no plano espiritual. O reencontro e o renascimento da afetividade haverá de existir para o resgate completo do ser. Por que esperar tanto tempo?

759- Dar amor ao inimigo não quer dizer a ele sucumbir. Não representa humilhação, nem desdouro a ninguém. Ao contrário, mostra elevação de Espírito, evidencia submissão às leis de Deus e, sobretudo, representa oportunidade inigualável de reparação de dívidas e recomposição de danos morais.

760- É possível que haja inimigo que não aceite o amor doado, com sinceridade e insistência, pelo encarnado. A essa situação o mais indicado é o cultivo da paciência e da resignação. Não deve haver revolta contra aquele que ainda não está preparado a perdoar como deveria; afinal, quem refuta amor é doente da alma.

761- A trilha indicada é a da perseverança. Insistir uma vez e desistir é pouco para quem pretenda, de fato, abrir seu coração.

762- Inimigos ocultos podem ser debelados pelo amor do mesmo modo. Vibrações sempre positivas, um coração aberto e harmonizado com os bons Espíritos são escudos invioláveis a qualquer encarnado. Logo, inimizades gratuitas e unilaterais, porventura existentes, serão gradativamente extintas pelo bom exemplo.

763- Em igual proporção este deve ser o tratamento aos inimigos desencarnados. Sem mágoa, ausente o rancor, vivendo sintonizado com seu Anjo Guardião, ouvindo seu Mentor, o encarnado conseguirá não somente evitar influenciações negativas, mas também curá-las em definitivo.

764- A inimizade pode servir de pretexto para escapes e compensações (298-330). Pessoas de Espírito tirano, cujo rancor é o mote de suas existências, cultivam inimigos apenas para contentar o seu âmago desequilibrado. Vivem melhor se acreditarem que estão em luta contra alguém. São enfermos da alma. Merecem tratamento e o melhor deles é o amor.

765- Em matéria de abertura de coração, nada justifica a falta do perdão, nem tampouco a do exercício sincero do amor.

Pureza de coração

766- A pureza de coração é um estado de espírito; a abertura de coração, um exercício de vontade.

767- Recomendação expressa de Jesus, cabe ao encarnado manter seu coração livre de maus sentimentos e longe das vibrações negativas.

768- Pureza significa limpidez de propósitos e nitidez de virtudes. Afasta-se com isso o rancor e a malícia, maiores detratores da pureza de coração.

769- Ser puro quer dizer ser bom. Bondade é uma sensível virtude que todos os encarnados apreciam receber.

770- Ser puro significa ainda ser humilde, modesto e simples, no mais pleno sentido desses vocábulos. Porém não basta a aparência; é preciso que a pureza esteja no coração.

771- O encarnado até pode enganar seus semelhantes, transmitindo uma imagem de pureza que não possui, mas não consegue ludibriar a Justiça Divina. Logo, perde tempo e incide em desvio de conduta.

772- A simplicidade no agir não é facilmente conquistada, pois depende de reforma íntima e o orgulho é seu maior inimigo. Sendo tendência natural de muitos encarnados cultivar a soberba, não é tarefa branda dominar o âmago rebelde, tornando-o manso e humilde.

773- Tentar é dever do cristão e a meta merece ser a pureza de coração.

774- O mau exemplo dado pelos pais, nesse contexto, é doloroso e profundo, marcando as crianças. No lar, deve o ser humano refutar completamente o orgulho. Não há justificativa para ser altivo e prepotente no núcleo onde o amor deve imperar, sempre, natural e cultivado pelos laços de sangue e de Espírito.

775- Por outro lado, pais orgulhosos produzem, de regra, filhos com igual conduta. Passa a ser sinônimo de "valor", de "nobreza", de "superioridade" tal nefasto comportamento.

776- O modo de ser e de agir de genitores briosos dessa forma evidencia aos infantes um modelo cruel de anticristianismo.

777- Quem vive modestamente porque quer, vive mais feliz. Não lhe são cobradas posturas artificiais, seus valores são os mais próximos possíveis da simplicidade que deve coroar as virtudes humanas e não existirá pressão para que fomente o egoísmo.

778- Quem age com autêntica modéstia nem mesmo percebe, porque plenamente natural, seus atos destacados e virtuosos. Em Planos Superiores não se cultiva a prática dos elogios, visto que o puro de coração, em face da elevada força moral que possui, é avesso aos louvores.

779- No atual estágio do Globo, o gabo, para muitos, é fator de incentivo. Sem elogios não conseguem muitos encarnados progredir, desenvolver-se, atuar cumprindo suas obrigações. Esse costume secular pode durar longo período ainda, não obstante ser preciso que, aos poucos, através da pureza de coração, consiga o homem romper tais barreiras da

vaidade, abrindo mão, com honestidade, de ser elogiado e de incentivar a prática do louvor.

780- Quem cumpre sua obrigação, é responsável nos seus afazeres, cultiva os valores cristãos, enfim, é disciplinado na busca das virtudes, não pode ser, por contraditório que isso representa, um obstinado pelo elogio, um apaixonado pela vaidade e um praticante da falsa modéstia.

781- Ser maledicente, malicioso e constante fiscal da vida alheia não é comportamento digno do puro de coração. É preciso que o encarnado ocupe-se de sua própria vida, deixando que os outros vivam as suas. Opinar em demasia, criticar com exagero, invadir a privacidade individual ou familiar de terceiros e interpretar mal atitudes alheias são patentes desvios de conduta.

782- A fim de atingir maior depuração interior, deve o encarnado evitar maus pensamentos. Suas vibrações são capazes de romper fronteiras e prejudicar terceiros. Clareando a mente, estará tornando apto o cenário para que o coração fomente os bons sentimentos.

783- A religião jamais deve servir ao encarnado para ser a antítese da pureza de coração. Jesus jamais pregou a ostentação, a soberba, a fartura sem solidariedade, a riqueza material como um fim em si mesma. Dizer o contrário é agir de modo impuro, visando benesses indevidas e sendo anticristão.

784- A pureza de coração — deve lembrar sempre o encarnado — é fonte de felicidade, algo tão almejado por todo Espírito.

Lei Mosaica

785- A lei mosaica não encontra amparo nos mandamentos cristãos. Dar ao próximo somente a contrapartida do que recebe, não torna o encarnado justo, nem é um comportamento ideal.

786- O sentimento, em grande parte generalizado, animado pela ideia de que aqueles que não doam, nada merecem receber — ou quem aos outros fere, merece ser ferido —, é um equívoco da Humanidade nas relações sociais, a ser vencido com o passar do tempo, para aprimoramento espiritual dos seres humanos.

787- Dar amor, sem condições e sem esperar retorno, é dever cristão. A omissão, por si só, é um desvio de conduta.

788- O *olho por olho, dente por dente* não enobrece, denigre; não envolve o encarnado em um cenário positivo — como lhe possa parecer —, mas, ao contrário, lança-o no revoltoso universo da inferioridade.

789- Espíritos menos esclarecidos rondam a Crosta, vagando sem rumo em busca de um conforto que somente encontrarão quando estiverem diante da regeneração. São criaturas que influenciam os encarnados, incentivando-os, por vezes, à prática do mal, onde se inclui a lei mosaica, além de se aproximarem justamente daqueles que demonstram a conduta mais parecida com o estereótipo de vida que apreciariam ter. Logo, diante daqueles que

seguem, comprazem-se. Não é à toa que volteiam, embevecidos, os praticantes do *olho por olho*.

790- Imaginando estar distante do mal, o encarnado atrai para si maior carga negativa quando vive sob o manto da vingança e não aprende a ser bom pelo simples, mas profundo, prazer espiritual de sê-lo.

791- Aquele que não se vale da lei mosaica, ao contrário, cultiva uma altivez de espírito e uma ímpar dignidade de caráter que lhe confere a possibilidade de estar ao lado de Espíritos benfeitores, protetores amigos, que são, vivenciando maiores cargas positivas, produtoras de alívio ao âmago.

792- Não deixa de ser fruto do egoísmo e do orgulho essa lei que se baseia na troca de bens ou interesses. Egoísmo porque quem dá de si não o faz verdadeiramente por amor, mas porque pensa em sua própria pessoa, crendo receber de volta o que julga ser positivo. Orgulho porque o praticante não se deixa levar pela singeleza do dar sem receber, acreditando que, se assim fizesse, seria considerado menos inteligente e tolo.

793- Não quer dizer que a caridade feita com o intuito de "dar para receber" não tenha qualquer valor, embora, sem dúvida, seu brilho esteja ofuscado pela redoma egoísta na qual está inserida.

794- Afeiçoar-se a quem lhe dedica afeto é relativamente simples; faz parte da natureza humana, sem grande rebuço. Porém, ter carinho por quem nada lhe dedica e pode até lhe dirigir desprezo ou indiferença, é mostra de comportamento autenticamente cristão por parte do encarnado.

795- Agindo de modo a cultivar essa face peculiar do egoísmo, o ser humano dá mau exemplo a quem o cerca e pode atrair pessoas mais fracas e

sensíveis à sua prática. Terá errado duas vezes.

796- Se o encarnado deseja afastar do seu coração sentimentos negativos, deve realmente fazê-lo, mas sem jamais *exigir* que quem o cerca aja da mesma forma.

797- Muitos encarnados conhecem o mandamento cristão que recomenda o perdão tantas vezes quantas forem necessárias; conhecem, ainda, o postulado que indica ser comportamento adequado *dar a outra face* quando agredido e não havendo necessidade de defesa. Entretanto, poucos colocam em prática tais princípios, gerando, então, uma conduta indevida, demonstrativa de desvios de várias ordens.

798- Pretendendo proceder a reforma íntima, retirando do coração os maus sentimentos, deve o encarnado livrar-se da tendência de *vingança*, controlando seus ímpetos e exigindo para si um comportamento baseado na postura de Jesus, que significa a prevalência do perdão.

799- A falta de perdão pode levar a um círculo vicioso extremamente danoso a quem dele participa. Se um inimigo não perdoa o outro, este faz o mesmo e a cadeia de más atitudes tem início, levando a um estágio não recomendado de beligerância, ainda que seja somente em termos de vibrações, silentes, porém danosas.

800- É preciso que o ser humano descubra as vantagens do perdão, da humildade, da modéstia e, sobretudo, do estado manso de espírito. Não se trata de fraqueza, mas de grandeza e de muito valor, admitir os próprios erros e pedir perdão quando injustamente agredir o próximo.

801- De outro lado, agressões, em matéria de valores cristãos, são, geralmente injustas. Elas só podem ser admitidas em caso de defesa

necessária, para salvaguardar a vida ou a integridade física.

802- Conceitos abstratos como honra, dignidade, reputação, fama, enfim, atribuições que, no mundo material, ganham relevo no contexto social, compõem, é certo, o universo dos valores pertencentes ao indivíduo. Entretanto não devem servir de pretexto para justificar agressões. A defesa desse tipo de valor abstrato faz parte muito mais do orgulho e da vaidade do ser humano do que propriamente do comportamento cristão.

803- Desse modo, a lei mosaica não deve ser aplicada em vários contextos nos quais o ser humano está acostumado a invocá-la a fim de justificar seus atos errôneos e inadequados.

804- O aplauso social incentiva a injustiça, pois a valentia e a falsa coragem servem de baluartes aos praticantes do *olho por olho*.

805- Tal prática pode dar início a uma reação em cadeia: o agredido torna-se agressor atacando terceiro, que se torna, na esteira do repique, agressor de outro mais e assim por diante.

806- Não é raro ocorrer revolta contra Deus por ter o encarnado sofrido as consequências de sua própria insensatez. Ao atacar quem o agrediu, mas não sendo bem sucedido, pode atribuir a Deus o seu fracasso, tornando-se duplamente errado.

807- No cotidiano não cristão, vale-se o ser humano da lei mosaica para nortear seus passos e atos. Sofre com isso.

808- O rancor e o ódio não são benéficos, nem construtivos. Geram revolta, ebulição no âmago e chegam a causar males profundos no equilíbrio psicossomático do ser. Logo, pagar na mesma moeda o mal que

lhe foi dirigido é atitude que pode ter consequência prejudicial a quem a pratica.

809- Encarnados muito frios, calculistas, que se comprazem em usar a vingança como bandeira para seu comportamento diuturno, são brutos, pedras sem qualquer lapidação, merecedores de piedade e complacência, mas sofredores em potencial porque, após o desencarne, terão ao seu lado as piores companhias e frequentarão os mais soturnos lugares.

810- Existe, ainda, a possibilidade de ocorrer a aplicação da lei mosaica de modo inconsciente. Pessoas muito rígidas nas suas posições, exigentes e duras no trato humano, geralmente vingam-se, sem nem mesmo perceberem, daqueles que de algum modo falharam na expectativa que lhes era depositada.

811- A lei de talião provoca rupturas na conduta do ser pacífico que, de um momento para outro, enxerga-se injustiçado pelo bem que faz, ausente o retorno em igual proporção. Assim, subitamente, começa a reclamar para si um tratamento diferenciado que nunca antes havia exigido.

812- O egoísta por excelência é o que mais usa a filosofia do *olho por olho*, visto que nunca faz nada a ninguém a não ser que seja em pagamento de um benefício que tenha recebido antecipadamente. É um calculador dos ganhos que poderá obter auxiliando alguém ou deixando de prejudicar o próximo.

813- Ponto a ser ressaltado, nesse contexto, é o referente aos encarnados que dizem perdoar tudo e todos, mas guardam rancor camuflado no seu íntimo. Podem sofrer ou não, ter consciência disso ou não, mas acabam

transformando suas vidas num roldão de tristezas e fracassos emocionais e espirituais.

814- Sob esse prisma há relacionamentos duradouros, belas amizades e contatos positivos que são perdidos por conta do orgulho e, consequentemente, da ausência de perdão.

815- A reforma íntima pode auxiliar — e muito — o ser humano a combater tantas e várias espécies de más tendências que o envolvem. A lei de talião precisa figurar entre os males primeiros a serem enfrentados, pois, amenizando-a, conseguirá o encarnado abrandar o seu duro coração e terá outros olhos para ver o mundo que o cerca.

816- Descobrir as vantagens reais do perdão é uma missão incomum a muitos seres humanos, mas não menos importante. Deveria ser, no mínimo, um projeto, uma tentativa viável no cotidiano difícil da sociedade moderna.

817- Impaciência e intolerância, para quem quer lutar contra a lei mosaica, são ingredientes nefastos. Contando com a resignação, os ventos da mudança poderão soprar positivamente na direção da metamorfose interior.

818- Mesmo no campo da defesa necessária é preciso moderação e mansuetude. Defesa é uma coisa; excesso de defesa, outra bem diversa. Esta última, em verdade, constitui uma agressão. Logo, exceder-se na defesa é fruto da lei de talião e um equívoco do encarnado que se pretenda cristão.

819- Alguns encarnados vivem em quase completo equívoco. Tratam cordialmente quem igualmente assim os trata; utilizam da rispidez com quem lhes confere igualdade de deseducado trato. O erro está em querer

parecer justo nessas atitudes. Quando é descortês apenas está exibindo uma mancha de seu caráter e de seu comportamento; por outro lado, quando está sendo cordial somente para corresponder a um tratamento de igual teor, mostra-se hipócrita consigo mesmo, porque não lhe é natural tal postura. Ou é afável ou não é; ou é desairoso ou não. Na essência, uma das tendências há de prevalecer, seja a positiva, seja a negativa. Por que não fazer uma análise sincera para sentir quem realmente é?

820- A prática da caridade, de um modo geral, contribui muito para tornar dócil o coração rebelde daquele que cultiva a lei mosaica. Afinal, fazer o bem gera naturalmente reações positivas. Envolvido pelo amor, sentimento dos mais nobres, o ser humano consegue perdoar mais facilmente. Tudo se lhe torna mais brando e sem muito custo.

821- Meditar sobre o *modo de ser* e o *modo de agir* é um dever do praticante da reforma íntima. Portanto, refletir sobre a lei de talião deve ser um planejamento perene para todos os encarnados.

822- Costumam muitos seres humanos associar covardia ao perdão e coragem ao talião. Esquecidos de Jesus, imergem no desatino e constroem uma vida de falsidades e hipocrisias, que será totalmente desmistificada após o desencarne. O bem é erguido no alicerce da mansuetude; o mal sustenta-se na audácia falaciosa.

823- Coragem, verdadeiramente, é saber e conseguir perdoar. Vingar-se é fácil, pois os maus e os inferiores o fazem com invulgar aptidão. Nutrem-se disso. Perdoar, no entanto, implica renúncia e humildade que poucos sabem e conseguem ter. Pobres daqueles que invertem os valores quando

encarnados; na vida perpétua, no plano espiritual, não terão como esconder as mazelas do Espírito. Sofrerão, por certo.

824- Seria covardia curvar-se diante de Deus? Teria petulância suficiente o homem para sustentar tal disparate? Assim sendo, frente a respostas tão óbvias, é natural que a Lei Divina, por ser justa e absoluta, condene a prática do talião.

825- Por outro lado, religiões ou posturas filosóficas que se esforçam em demasia para extrair das palavras e do comportamento de Jesus um apoio que inexiste para a lei mosaica são meros joguetes nas mãos de Espíritos inferiores que habitam zonas escurecidas e desejam o mal para a humanidade, de onde certamente partiram ressentidos.

826- Fosse a primazia do bem a prática do talião e não haveria nem mesmo chance para os seres humanos almejarem um futuro promissor, porque repleto de ódio e contendas de toda espécie. Imperfeito como é o encarnado, uma vez que devolvesse na mesma moeda toda e qualquer ofensa recebida, haveria de passar toda sua existência num constante exercício de maus sentimentos que o levariam, por certo, a um desenlace prematuro e infeliz.

827- O amor é a lei; o ódio, a transgressão. O perdão deve ser a regra; a vingança, a triste exceção. A reforma íntima tem por fim terminar com a lei mosaica, fazendo imperar a mansidão.

Pena de morte

828- Ligada à lei de talião, a pena de morte, aplicada por algumas nações no Globo, é fruto da falta de elevação moral e do materialismo egoísta que cerca a Humanidade.

829- Àqueles que erram, cometendo algum grave mal ao semelhante, é imposta a pena capital, como se o retorno compulsório à pátria espiritual, decretado pela sociedade dos homens, com suas peculiares limitações, fosse resolver o problema criado. Um mal praticado não é reparado através de uma medida drástica e definitiva — ao menos para determinado estágio da humanidade — como a pena de morte.

830- Exemplificando: se alguém tira a vida de outrem não será decretando-lhe a morte que tal vida recuperar-se-á. Logo, a pena capital é somente uma prática inspirada diretamente na lei mosaica: uma vida por uma vida, *olho por olho, dente por dente*.

831- Justificam alguns, de modo equivocado, que não podem viver aqueles que tanto mal praticam, para que não coloquem em risco mais vidas ou agrupamentos sociais. Entretanto é sabido que a sociedade dos homens tem muitos meios eficazes para prender e reeducar o ser humano que erra ao praticar grave mal, evitando, com isso, que outros sejam pelo mesmo mal atingidos.

832- Outro prisma: a vida não se esgota na passagem pela crosta terrestre. Vida é eternidade. Inútil, pois, matar quem matou porque as pendências dos males e dos conflitos causados continuarão a existir no plano espiritual. Melhor é punir o autor da morte no plano físico, levando-o, obrigatoriamente, à reflexão e à reavaliação dos seus atos. Indicado, ainda, vibrar e orar por aquele que partiu e necessita de amor e sustentação para suportar a abrupta ruptura de sua jornada no plano material.

833- Vibrando pelo que tornou à pátria espiritual e reeducando o que ficou no plano físico, a sociedade estará dando mostras de elevação e de que segue exatamente a lei do amor, orientação maior do Cristo.

834- Qualquer outra solução, visando a sustentar a pena capital, sob quaisquer argumentos, tem conotação puramente egoística e antinatural. É dosagem francamente materialista defender uma solução que impossibilita ao homem prosseguir na sua caminhada evolutiva de aprendizado e, quando for o caso, de sofrimento.

835- Materialistas, sendo naturalmente egoístas, querem extirpar semelhantes da Crosta, como se deuses fossem, para que não mais os incomodem. Querem vingança, comprazem-se com tal sentimento inferior. Não podem ser seguidos, nem são parâmetro ao autêntico cristão.

836- O materialista, por outro prisma, não crendo na vida espiritual e em Deus, acredita que tudo se resolve na crosta terrestre; por isso, pouco lhe importa a vida alheia. Impõe suas regras, tais como a pena de morte, o aborto e outros atentados graves contra o semelhante, de modo a sustentar seus prazeres e seu ideal cômodo de vida material egoística e pacata. Custa-lhe educar e reeducar o próximo. É-lhe penoso dar o exemplo bom e

positivo. Configura-se-lhe sacrifício ímpar e maior dar a mão a quem precisa, quanto pior lhe pareça essa pessoa. Enfim, de sua posição comodista e obviamente não ideal, quer manter-se distante de problemas. Preferível, no seu entender, eliminar um errante do que lutar pela sua reeducação. Menos trabalhoso ao materialista; mais conveniente ao seu egoísmo.

837- A pena capital elimina um problema aparente e superficialmente considerado. O matador morre; o ladrão morre; o autor de violação sexual morre. Perecem aqueles que causam distúrbios e custam a ser compreendidos e corrigidos. Por acaso houve Espírito que foi criado bom e perfeito? Os que hoje têm freios, conseguindo não causar graves males a terceiros, já não foram ignorantes e de regra perversos no passado? A lei da evolução assim impõe; portanto complacência e amor devem ser os lemas da humanidade.

838- Ciente de que a vida não termina quando a existência na Crosta finda, o homem dará o melhor e mais promissor exemplo de altivez e verdadeira elevação ao estender a mão ao que errou, mesmo tendo que severamente puni-lo, para que entenda o mal que fez e não volte a fazê-lo. Fará também o bem se orar pelo que foi vítima, ou auxiliá-lo, se ainda no plano material, buscando mostrar-lhe que o perdão está acima de tudo e a mansuetude é o caminho do progresso espiritual.

839- Quando a sociedade decreta a morte como pena retira a esperança de quem quer mudar o seu comportamento, deixando de ser egoísta e praticante da lei do talião. Se a comunidade constrói leis que ferem a Lei

Maior, qual moral terá para exigir de seus componentes amor, resignação e tolerância?

840- O encarnado não é livre de erros. Imperfeito que é, comete-os à exaustão. O que hoje pode ser um crime terrível, amanhã poderá ser abonado pela sociedade e vice-versa. Logo, apoiar a pena de morte para determinados atos no presente, poderá significar um aumento considerável de incertezas para o futuro, autorizando o núcleo social a criar mais e mais figuras de infrações que levem à morte. O Estado tornar-se-ia falível e cruel, mais próximo do primitivo do que do evoluído.

841- A Justiça Divina é plena e absoluta. Não há ser que fique sem a sua devida punição, quando erra. Logo, não cabe ao homem punir tão severamente seu semelhante, a ponto de lhe retirar algo dado por Deus.

842- Por pior que seja o mal causado, haverá sempre uma reparação, ainda que seja em outra existência material, numa outra reencarnação. Não há motivo, pois, para julgar irrecuperável o ocorrido. Inexiste razão para aplicar uma pena que cultue a vingança, demonstrando inferioridade.

843- Defender a pena de morte é dar mostra de sentir-se superior a Deus, pois quer o encarnado auferir um poder que não lhe é legítimo, qual seja o de vida e morte sobre seu semelhante.

844- Decretar a pena capital, interrompendo uma trajetória reeducativa, é lançar o Espírito no universo erradio, sem lhe dar chance real de regeneração.

845- A lei de ação e reação, que se incumbe de agir quando é o caso, está sendo cortada pelo ato insensato de parcela dos encarnados, que não aceita a plenitude do Poder Divino. E nem se diga que por esta lei o que

mata deve receber o mesmo fim, pois a reação a uma ação negativa não é feita pela lei de talião humana, mas sim pelos parâmetros da Justiça de Deus, inacessíveis ao homem.

846- Não se pode falar em coibir crimes de encarnados privando-os da vida, pois se fosse permitido matar o ser humano, por ato e ordem de seu semelhante, não haveria razão para existir o livre-arbítrio. Os erros cometidos não poderiam ser reparados. Se alguém erra, por livre-arbítrio e a ele é aplicada a pena de morte, não tem condições, nem oportunidade, de reparar o seu mal, também por livre-arbítrio.

847- Outro importante aspecto é que os encarnados não conhecem o contexto geral de vida no qual estão inseridos. Não sabem, geralmente, quem foram, com quem cruzaram no passado, quais os caminhos reservados para trilhar no futuro e qual é exatamente a sua programação presente. Por isso, não devem influenciar na vida alheia, como se Deus quisessem ser, pois lhes falta capacidade e aptidão para ter um mínimo de sabedoria divina.

848- Questão essencial, no contexto da pena capital, é o erro da justiça dos seres humanos. Não há sistema judiciário no Globo que consiga assegurar um perfeito julgamento, livre de equívocos. Por que, então, cometer duplo erro? Se já não basta o erro de possuir nas leis a autorização para matar em nome da sociedade, um segundo equívoco é determinar a morte fundamentado num erro judiciário.

849- Ao materialista é mais fácil sustentar a pena de morte, pois importa-se com bens patrimoniais em primeiro lugar e não confia na vida verdadeira, após o desencarne.

850- Resta lembrar que estagiar no plano material é uma prova ou uma expiação. Mais dura a uns, menos a outros, embora seja sempre complexa e difícil para todos, cada qual com seu particular prisma. Logo, cortar a vida do semelhante pode significar libertá-lo. Que o criminoso expie seus delitos no plano onde os cometeu. Certamente os obstáculos que irá enfrentar o farão refletir muito sobre o que fez e como agiu. Eis o momento de regeneração.

851- Nenhum encarnado, em sã consciência cristã, pode, sob qualquer pretexto ou hipótese, apoiar ou sustentar a pena capital.

852- Não será a pena de morte que irá extirpar os crimes do Globo, pois isso depende da regeneração da humanidade, do renascimento dos homens para os autênticos valores cristãos. E a renovação interior dos seres humanos não se faz com violência de qualquer espécie, somente com amor. Quanto tempo ainda levará para o encarnado ter plena noção disso?

Caridade e isolamento

853- Exercício pleno do amor, identificação com Deus, compaixão pelo semelhante: eis a caridade.

854- Dever cristão, imposição da solidariedade, efeito da prática efetiva do amor, sentimento dos sentimentos, merece lugar especial na trilha da reforma íntima.

855- Não há espaço comum para a caridade e para o egoísmo. São antagônicos, excluem-se, afastam-se, repelem-se. E assim deve ser. O egoísta jamais pode intitular-se caridoso, de modo que não está cumprindo seus deveres de Espírito, centelha divina que é.

856- Natural que aconteça do egoísta praticar atos de caridade, embora não possa considerar-se caridoso por excelência. Somente a continuidade e o império da conduta caritativa é que levarão ao aniquilamento do egoísmo.

857- Virtude a ser alcançada por todos, vetor que leva a Cristo e, consequentemente, à depuração dos males intrínsecos ao homem, a caridade deve ser forte e vigorosa no coração individual e na coletividade.

858- Não se dá, também, com o orgulho. Quem consegue ser orgulhoso e, ao mesmo tempo, ter a benevolência necessária para o exercício do amor?

859- Rechaça a isolação e o individualismo. Quem vive solitário, pensando somente em si e nos seus interesses, raramente consegue praticar, como deveria, a caridade.

860- O Espírito convive em comunidade, tanto na Crosta, reencarnado, como quando no plano imaterial. Por isso, faz parte da caridade ser integrado à sociedade onde vive, visando ao auxílio e a ser útil, quando solicitado.

861- Não há elevação moral, nem espiritual, no isolamento. Pessoas individualistas, solitárias por natureza, mesmo que interiormente, são infelizes na essência.

862- A isolação pode manifestar-se por variadas causas: fruto do egoísmo arraigado, mas também forma de compensação por frustrações diversas. Nesta última aparência quer dizer que o encarnado se isola para afastar-se dos problemas que considera graves e insuperáveis.

863- Faltando-lhe coragem para enfrentar as suas más tendências, que identifica e reconhece, mesmo que inconscientemente é levado a isolar-se, de modo a não sofrer crítica social ou familiar e, com isso, poupar-se.

864- Não é o melhor caminho. Enfrentar o mal, lutar para vencê-lo e manter-se em reforma íntima é o mais indicado. Não há problemas insolúveis, nada que a força de vontade, associada à fé, não tenha condições de ultrapassar.

865- Note-se que o isolamento causa a abstinência de solidariedade e de fraternidade. Por isso, afasta o encarnado da caridade, meta maior de todos que rumam a Deus.

866- Pode haver agrupamentos isolados, ou seja, pessoas que formam grupos e estes se fecham em torno de si mesmos. São igualmente reprováveis tais condutas, pois a natureza humana é a convivência fraterna, genérica e sem discriminação.

867- O materialismo pode levar ao isolamento. Quem cultua os bens materiais como objetivo maior de vida ou descrê na vida espiritual não vê razão para dar-se aos outros, conviver com seu semelhante, auxiliar solidariamente quem necessita. Vê-se autossuficiente, equivocando-se por certo.

868- Irresignação contra Deus também é motivo de isolação. Quando o encarnado está inconformado com a trajetória que lhe foi reservada, querendo mais do que tem ou recusando-se a viver determinadas provas, pode acontecer de preferir isolar-se. Assim fazendo, não sofre pressão externa e conforta-se consigo mesmo, num sofrimento atroz que lhe consome as forças e pode levá-lo cada vez mais à rebeldia interior.

869- Vida desregrada, distanciada dos valores cristãos, pode ser outra causa de isolamento e afastamento da caridade. Quem não consegue colocar ordem em sua própria existência, das mínimas às maiores coisas, ingressa em depressão e pode recolher-se da convivência comunitária.

870- Por que colocados juntos no mesmo item caridade e isolamento? Porque a caridade pressupõe necessariamente convívio. Afinal, caridade não é somente destinar verbas às obras filantrópicas, mas sim participar da vida em família, dos problemas dos semelhantes, das dificuldades dos necessitados, abrindo o coração para o mundo. Logo, isolar-se é desvio de conduta que retira a caridade do caminho do encarnado.

871- No casamento também se pode falar em falta de caridade e em isolação. Viver cada cônjuge para si, não se preocupar diretamente com o outro e seus problemas, deixar de cuidar carinhosamente dos filhos são atitudes egoístas e cultoras do isolamento nefasto.

872- Solucionar o isolamento, o individualismo que há muito o envolve, não é tarefa fácil para o encarnado. No contexto da reforma íntima, deve inicialmente reconhecer-se como tal. Atingindo a consciência de que é isolado e individualista, precisa procurar expandir seus níveis de relacionamento, organizando-se para tal. Na convivência, ainda que haja percalços, conseguirá extirpar do seu coração a fagulha da insensibilidade que tanto o afastou do convívio social e/ou familiar.

873- A isolação leva a doenças e estas podem levá-lo ao desencarne prematuro, mal maior. Por isso, muitos males físicos ou psíquicos são frutos desse desvio de conduta, clara oposição à caridade.

874- Ao enfrentar fases difíceis, períodos de tristeza e frustração, deve o encarnado buscar não se isolar. Em vez de lhe ser aparentemente pior, acabará gerando um estado de ânimo positivo, pois as demais pessoas também têm problemas, porventura mais graves, e a troca de ideias e opiniões em muito auxilia o combate à sua depressão.

875- Nos mínimos gestos pode estar a manifestação da caridade e o combate ao isolamento. Portanto, sem fórmulas sacramentais para o combate ao egoísmo isolador, precisa o ser humano ampliar sua possibilidade de amar, dedicando-se a pensar mais nos outros do que em si mesmo. É um exercício difícil para quem é secularmente egoísta, porém indispensável no campo da reforma íntima.

876- Abrir o coração, ser fraterno e solidário são chaves para a felicidade. Por que não tentar usá-las?

A educação da criança e do adolescente

877- Para educar e conduzir uma criança de acordo com os preceitos cristãos é essencial não se pautar pela senda do egoísmo. Os pais que assim procederem terão ao seu lado adolescentes problemáticos e adultos mal formados.

878- O egoísmo no contexto familiar é uma grave fenda que se abre no núcleo mais importante que o encarnado possui na Crosta e dá margem a uma série imensa de rupturas, mazelas e sofrimentos.

879- Pais que dão mau exemplo aos seus filhos, mostrando-se altivos e individualistas, estarão geralmente criando seres de igual porte e conduta. No futuro, de regra, queixar-se-ão de que sofrem os males da ingratidão e do abandono.

880- Deus confere aos pais uma missão: educar seus filhos com amor e zelo. Fugir dessa tarefa é rebelar-se contra as leis divinas, pois ninguém prescinde de genitores, nem mesmo de educação.

881- Quem simplesmente procria, deixando de cuidar da prole, está infringindo uma das mais sérias regras cristãs que regem o planeta. Pela lei de ação e reação colherá os frutos. Não é à toa que há crianças sofrendo sem terem um passado recente a justificar tamanha angústia. O pretérito

foge à vida presente; poderão ter sido pais que, em outros tempos, deixaram seus filhos ao acaso, sem qualquer cuidado e sem amor.

882- A Justiça Divina há de imperar sempre. A reforma íntima serve de lastro para o cristão regenerar-se em todas as áreas da sua existência, sendo uma delas a educação da criança e do adolescente.

883- As más tendências dos filhos devem ser combatidas. Não é admissível haver a desculpa de que cada um "nasce de um jeito", de forma que devem ser respeitadas as suas tendências naturais. Heranças negativas do passado merecem ser coibidas, afinal é para isso que serve a reencarnação. Devessem ser perpétuas e não haveria necessidade de idas e vindas entre os dois planos da vida.

884- Por outro lado, a pureza de coração que possuem as crianças deve ser um alento aos pais e precisa ser incentivada a continuar ativa até que atinjam a fase adulta. Pessoas maduras com o coração puro são mais felizes.

885- Corrigir os filhos é possível utilizando um misto de energia e amor. Nem agressões físicas, nem total liberdade. O equilíbrio, apesar de muito mais complexo e difícil, pois exige dos pais maior atenção, é o caminho ideal.

886- Os filhos se espelham, de regra, no exemplo de conduta e na orientação que recebem de seus pais. Crianças agressivas, deseducadas, impolidas e inquietas são muitas vezes frutos que brotaram da conduta errada e da má ou nenhuma orientação paterna e materna. Não são as maiores culpadas, nesses casos, mas sim seus genitores aos quais compete dar-lhes bons exemplos e também observarem as suas más tendências que

emerjam da bagagem que trazem de vidas passadas, buscando combatê-las (687-691).

887- Adolescentes desleixados, descomprometidos com a vida, hostis e displicentes com as suas responsabilidades por excelência não são meramente frutos do acaso, nem de influências da moda ou dos costumes sociais, mas de uma cada vez maior separação que se forma entre pais e filhos, iniciada na infância e consolidada na juventude.

888- Que dizer das crianças e adolescentes que cometem maus atos mais sérios, tais como crimes e ataques violentos? Pais que faltam com suas responsabilidades, num primeiro momento. Adultos que os cercam, num segundo. Pode o indivíduo que não recebeu amor, combustível vital para a sobrevivência, saber distinguir entre o certo e o errado com a mesma lucidez daquele que foi mimado pelo cerco carinhoso de genitores atenciosos? Sem valores, sem formação, sem ética, sem moral, o que se pode exigir dessas crianças e adolescentes infelizes por essência?

889- Obras assistenciais de amparo à criança precisam existir, pois suprem a deficiência de muitos pais inconsequentes e sem valores morais sólidos. Entretanto essas obras necessitam trabalhar em conjunto com os genitores, sempre que possível, educando-os, assim como o faz com seus filhos.

890- Os pais devem dar o melhor de si aos seus filhos, mas também os cristãos devem dar o máximo de si às crianças de um modo geral.

891- Por isso é muito importante a integração no núcleo familiar. Pai e mãe devem trabalhar em conjunto e não disputando espaço com os filhos;

precisam dividir bem as funções do lar para que não falte sustento, mas também não careçam amor e atenção.

892- Filhos em primeiro lugar; pais em segundo. Essa a lei do lar cristão ideal.

893- Difícil, sem dúvida, para o pai ou a mãe que foi mal criado, mal formado e sem apego aos valores da família, conseguir vencer esses obstáculos, dando ao seu filho o que não teve. Heroísmos à parte, é dever cristão aprender a ser cristão. Logo, o esforço necessita fazer-se presente e tudo pode ser conseguido.

894- Não deve haver divergência de método educacional entre os pais, afinal conflitos nesse sentido deseducam mais do que servem aos filhos. O que acontece, nesse caso, é *falta* de diálogo e de paciência. Com vontade e dedicação, surge o entendimento.

895- Que belo não é o filho que, ao atingir a fase adulta, promete fazer ao seu descendente exatamente o que lhe foi feito por seus pais! Está feliz, sente-se bem formado, está agradecido. É esse o triunfo vivo de seus genitores.

896- Nem sempre haverá vitória completa; não é isso que se quer dizer no item anterior. Afinal, pais e filhos são seres humanos imperfeitos; ninguém se torna perfeito numa única existência. Entretanto uma boa educação, ainda que com problemas e insuficiências, será um paradigma para o(a) filho(a) que cresceu e torna-se pai ou mãe.

897- Como mencionado no item 886, a boa educação não precisa ser provada a ninguém, pois todos notam.

898- Crianças e adolescentes bem formados esbanjam alegria, equilíbrio, segurança e são polidos e bondosos, normalmente, não incluídas nessa avaliação as tendências infantis naturais à traquinagem.

899- Não existe, atualmente, a melhor idade para iniciar a frequência à escola. Tudo dependerá dos pais e de sua disponibilidade. Entretanto crianças não podem ser largadas nas entidades educacionais, como se atividade escolar fosse todo o universo que as cerca. Há uma dose de escola e outra de lar, necessárias ambas à formação cristã de qualquer ser humano.

900- O centro vital da educação da criança e do adolescente deve ser sua família. A partir daí, os pais podem iniciá-los nas demais atividades, tais como instrução, esportes, lazer, cultura geral e atividade sociais.

901- Um lembrete essencial: formação moral é adquirida essencialmente no lar; não é tarefa primordial da escola formar o caráter do aluno e sim dos pais.

902- Castigos ou punições, no contexto educacional, fazem parte da formação, pois os limites precisam existir. Não é demais relembrar que tudo deve ser feito na exata medida e proporção necessárias, sem excessos e sem exageros.

903- Não se aprende a amar a Deus; apenas se desenvolve essa tendência inata a todo ser humano. É tarefa dos pais cultivar nos filhos o amor e a humildade diante de Deus.

904- Há faixas etárias próprias para adequados tipos de educação e orientação. Até os sete anos, impera o determinismo, com reduzidas doses de livre-arbítrio, ou seja, as crianças têm seus destinos conduzidos muito mais pelo Plano Superior do que por sua vontade. Os pais devem, então, dar

o máximo de si para educá-las, orientá-las e puni-las, se for o caso. É a fase mais receptiva. Depois, dos sete aos doze anos, predomina ainda o determinismo, mas com doses mais elevadas de livre-arbítrio. Trata-se do instante em que os pais devem cuidar mais do diálogo incessante para formar e educar. Continuam atuando de modo importante na vida dos filhos. A terceira fase vai dos doze aos dezesseis, quando começa o predomínio do livre-arbítrio, mas ainda com doses de determinismo. Os pais devem começar a respeitar os desejos dos filhos e já não podem ser tão impetuosos ou rigorosos na orientação, pois se o fizerem serão rechaçados. A responsabilidade do adolescente está presente. O que fizer, será computado no seu histórico de vida. A derradeira fase é a partir dos dezesseis anos, quando impera o livre-arbítrio, com reduzido determinismo, seguindo assim até o final da existência. É o ser humano totalmente responsável pelos seus atos e por eles responde diante de Deus. Os pais cumpriram ou não sua missão. Não devem insistir em castigos imoderados, nem em intensa educação, pois já não surtirá efeito. Passarão apenas a orientar seus filhos, buscando ajudá-los e auxiliá-los a seguir seus rumos. Mais amor e menos rigor é o melhor remédio para males surgidos nessa fase. O bom exemplo que os pais derem será também a mais correta aplicação de sanções aos maus atos dos filhos.

905- Quem não observar essas faixas e o diferente zelo que deve haver em cada uma delas certamente sofrerá as consequências mais tarde. Filhos adultos ingratos, criminosos, preguiçosos, inconsequentes, desonestos, antiéticos, imorais e sem valores elevados serão, de regra, decorrência desse desleixo educacional.

906- O desenvolvimento do corpo humano acompanha o desenvolvimento intelectual, apesar do Espírito ser o mesmo na essência. Ou seja: não é porque uma criança se torna adulta que seu Espírito torna-se mais primoroso e depurado. Isso depende da educação que teve, do aprendizado e dos novos valores que assimilou. Logo, crescer por crescer não significa evolução espiritual. É possível que um ano seja mais significativo em matéria de progresso do Espírito do que dez. Tudo, como se disse, depende do que foi apreendido nesse período.

907- A formação cristã, pois, é indispensável a todo ser humano. Os pais devem zelar para que isso seja devidamente transmitido aos seus filhos. Se eles, pais, carecem dessas noções, merecem buscar instrução nesse sentido para não deixar de ensinar o melhor à sua descendência.

908- Divergências modernas entre *educação liberal* e *educação repressiva* não têm razão de ser. O que falta são noções de moral cristã. O equilíbrio é e sempre será o mais indicado caminho a trilhar. Não há método melhor do que fazer o educando conhecer e respeitar limites, sabendo aplicar-lhe a sanção merecida no momento correto e dando-lhe amor à saciedade.

909- Sabendo que o impúbere de sete anos, por exemplo, não atingiu ainda o seu completo livre-arbítrio, como permitir que ele decida seus passos e destino? Cabe aos pais orientá-lo diretamente nessa trajetória. De outra parte, sabendo que o rapaz de dezessete anos possui total livre-arbítrio, como coibi-lo de seguir seu rumo como fizeram ou fazem ao pequeno de sete? Cabe aos genitores auxiliá-lo nas suas decisões, mas não se sobrepor a elas.

910- Educação e sabedoria caminham juntas e estão unidas no mesmo cenário. Com sabedoria, bom-senso e justiça não há quem não consiga bem educar qualquer ser humano, mesmo aquele que, adulto, precisa de reeducação.

911- *Excesso de punição na educação* distorce a visão dos filhos e mostra-lhes um mundo violento, incentivando-os a serem também agressivos e belicosos, pois é o que veem e sentem em casa. *Excesso de liberdade na educação* conturba os limites e o respeito que os filhos devem ter pelo direito alheio, dando-lhes a sensação de que tudo podem, quando não é verdade. Apresentam-se libertinos e descuidados no trato com seus deveres, pois é o que recebem no próprio lar.

912- Aspecto relevante a ser considerado é o exemplo que a educação dos pais aos filhos fornece aos desencarnados. Em cada lar existem Espíritos ainda presos à Crosta ou que estagiam para aprender junto a encarnados. Portanto, má educação dá mau exemplo nos dois planos da vida.[5]

913- A igualdade entre os homens é fator essencial na sobrevivência da comunidade material. Assim sendo, é fundamental que, no lar, não haja desigualdade no tratamento entre os irmãos. Os pais devem cuidar para que todos sejam tratados exatamente na mesma proporção. Do contrário, estarão cultivando a injustiça e, no futuro, os filhos usarão a mesma medida, tornando-se adultos parciais e desequilibrados no convívio social.

914- Estimular a competitividade é salutar, mas jamais pregar o excesso, que descamba na ambição desmedida e por isso mesmo negativa. Irmãos não competem entre si, competem para si.

Cada um deve saber que precisa se superar para se tornar um ser humano melhor e não superar o irmão que está ao seu lado, pois ele não deve ser visto como inimigo, nem rival.

915- Genitores também não devem competir com filhos. Não há nada mais negativo do que mães que disputam o amor de seus esposos com as filhas ou pais que fazem o mesmo em relação às esposas no tocante aos filhos. Há o amor entre marido/mulher e o amor paterno/materno. Saber distinguir tais sentimentos é básico para a boa convivência no lar.

916- O contexto moderno possui fatores nocivos às crianças e adolescentes. A indiscriminada violência, as prematuras noções de sexo e os excessos de toda ordem aos quais esses seres imaturos têm acesso, seja pela via televisiva, seja por jornais, livros e revistas, precisam ser controlados e monitorados pelos pais da melhor forma possível. Evitar por completo não conseguirão. Então, é mais adequado saber lidar com tal realidade. A orientação e o estreito acompanhamento dos genitores poderão evitar que falsas e frágeis noções solidifiquem-se nos Espíritos inocentes dos filhos. Na infância, as crianças acreditam mais nos pais do que nas informações exteriores que recebem. Por que não usar isso para o bem, afastando naturalmente a perniciosidade disseminada na sociedade atual?

917- O sexo deve ser ensinado no seu devido tempo, sem mentiras, preconceitos e falsos valores. Realidade acima de tudo. Quando perguntados a respeito de algo, devem os pais contornar o problema quando for muito cedo para a compreensão infantil, mas não devem mentir. No mais, se sentirem ser o momento, é melhor explicar e dar a correta versão

do ponto indagado, do que fugirem ao confronto e entregarem seus filhos aos "professores" que certamente irão encontrar na vida fora do lar.

918- A maturidade só vem com o tempo e há adultos que lamentavelmente permanecem imaturos. Isso significa que o sazonamento do encarnado é fruto da vivência e da experiência e não somente do fator cronológico, vale dizer, da chegada à idade adulta. Atentos a tal postulado, é prudente que pais também aprendam com seus filhos, pois Espíritos mais evoluídos podem reencarnar em suas famílias justamente para trazer-lhes progresso.

919- A fantasia e a inocência, ainda que peculiares dos infantes, podem ser cultivadas para sempre. Adultos podem sonhar para serem felizes. Nesse contexto, não devem os pais extirpar prematuramente os elementos fantasiosos que compõem o universo de seus filhos. Para tanto, o melhor é proporcionar-lhes brinquedos e leituras que componham tal cenário, afastando os violentos e que imitam o universo duro dos adultos. Por que entregar a um garoto uma arma de brinquedo se lhe pode ser dada uma bola para impulsioná-lo ao esporte? Por que entregar a uma menina uma fotonovela com cenas de sexo se lhe pode ser dada uma fábula que encantará seu romantismo?

920- Não é o brinquedo ou a brincadeira mais agressiva que irão desmantelar a boa educação, mas também é fato que tudo o que é pernicioso deve ser evitado. Por que insistir no perigo se é possível escapar pela pureza?

921- Alimentação, regras para as atividades essenciais, horários; enfim, disciplina no lar é dever dos pais e dos filhos. Abdicar disso é contribuir

para a formação de adultos indisciplinados, descuidados e, consequentemente, angustiados, infelizes e até mesmo doentes.

922- Cultivar a arte, a literatura e a natureza são fatores positivos para qualquer educação e mesmo para a reeducação dos pais que não as tiveram como elementos de destaque na sua infância ou adolescência. Por que não aprender a admirar o belo juntamente com os filhos?

923- Influir ou não nas amizades dos filhos? O mesmo critério utilizado para lhes dar um brinquedo, escolher uma atividade de lazer ou proporcionar um passeio será usado para o contexto das amizades. Até os doze anos, devem os pais influir nessas amizades, buscando coibir más influências. Não que outras crianças sejam seres humanos piores para o convívio com seus filhos — não se trata de um julgamento de valores; afinal, não é culpa dos infantes, mas dos seus pais a má educação que estejam recebendo. Entretanto, não é salutar permitirem um convívio com crianças de péssimos hábitos, a menos que possam e queiram educá-las também. Depois dos doze anos, muita cautela. Influir demais, pode provocar rupturas indesejáveis no lar; pode levar a más companhias e a consequências desastrosas. Então, muita prudência e muito conselho. Se possível, devem os pais preservar os filhos das más influências. Não sendo possível, devem trazer para dentro de casa os amigos eleitos pelos filhos para tentar dar-lhes o amor e a educação que não tiveram. Estarão, assim, exercitando a caridade e evitando problemas futuros.

924- Conselhos e orientações no tocante aos vícios de um modo geral e à educação sexual não prescindem do bom exemplo dos pais. Como evitar que o filho fume se o genitor o faz? Como dissuadi-lo da ideia de beber se

os pais cultivam tal hábito? Como impedir que utilize drogas de um modo geral se os próprios genitores as usam ou convivem em universo que as tolera? Como pregar-lhe a castidade se os pais são libertinos? O velho brocardo "faça o que eu digo, mas não faça o que eu faço" já não tem utilidade para as novas gerações. Para isso a reforma íntima. Se quer algo de bom para seu filho, exerça o casal em primeiro lugar a virtude. Quer um filho disciplinado e trabalhador? Dê-lhe o exemplo. Assim é a educação correta.

925- Se, ainda que dê o bom exemplo, em seu lar houver um filho indisciplinado, rebelde ou viciado; se, ainda que tenha fornecido o melhor de si, todo seu amor e paciência e grande parcela de sua vida à educação dos descendentes, em sua prole surge um filho criminoso ou avesso aos valores morais, éticos e sobretudo cristãos, o que fazer senão orar a Deus e pedir por ele? Há Espíritos inferiores reencarnando em famílias cuja maioria dos integrantes são Espíritos de maior evolução, justamente para tentar dar-lhes o apoio de que tanto precisam para superar suas dificuldades e garantir o seu progresso. Mas existe o livre-arbítrio. Pais não fazem milagres, nem mágica. Devem conformar-se, sem envergonhar-se, de filhos desgarrados que não seguem o melhor que obtiveram. Um dia, haverão de aprender.

926- O mesmo se diga de filhos ajuizados, corretos, disciplinados por natureza que têm pais desregrados, aéticos, imorais, preguiçosos ou até criminosos. Cada Espírito é um Espírito, com sua bagagem própria. Sem rebeldia, orar a Deus é a solução para enfrentar tamanho desajuste.

927- Questões polêmicas como virgindade, experiência sexual antes do casamento, época para namorar, liberdade de opção sexual, adoção de vícios, enfim, mazelas juvenis, devem ser enfrentadas pelos pais com bom-senso. O que eles fizeram em matéria de educação e de exemplo? Deram o melhor? Estão conscientes disso? Pois bem, assim sendo precisam continuar orientando, mas nem sempre conseguirão impedir completamente os desvios de toda ordem. Afinal, fosse possível colocar uma barreira ao desatino de uma forma absoluta e as prisões não estariam abarrotadas tanto quanto a maldade já teria sido banida da Crosta. O ideal deve ser ensinado aos jovens, mas deve também ser buscado pelos pais. Sem falso moralismo, nem exagero religioso, os genitores precisam mostrar aos filhos as consequências negativas de cada um desses fatores controversos apontados. Conforme a índole dos filhos, eles os ouvirão ou não. Como se disse, a resignação deverá estar presente quando tudo ao seu alcance foi feito e, ainda assim, não conseguiram os pais evitar alguns desvios na prole.

928- Não é preciso abordar aqui diretamente cada um dos fatores apontados no item anterior, pois todos estão devidamente tratados nos setores específicos desta obra. O que vale para os adultos cristãos, em matéria de sexo e vícios, por exemplo, valerá certamente para os filhos no cenário educativo. A única diferença é que não se pode tratar deles com a mesma igualdade em relação a crianças, adolescentes e adultos. O que é inocente para um infante, certamente não será para o adulto. A cada situação a sua devida medida.

929- O Evangelho no Lar é prática recomendada aos lares cristãos. A educação da criança e do adolescente, quando associada aos ensinamentos

de Jesus, fica extremamente facilitada, além de servir de alimento espiritual para toda a família.

930- Desde o berço até a idade adulta, no momento certo, sem fanatismo ou exagero, devem os pais ensinar aos filhos o que é moral, ética e retidão, bem como quais são as mensagens que o Cristo deixou para a humanidade seguir.

931- Tudo o que foi dito em matéria de educação da criança e do adolescente nos itens precedentes deve ser aplicado aos infantes tratados por instituições, longe dos genitores e sob a tutela de terceiros, guardadas certas proporções. Ou seja: amor, muito amor e mais amor. Que fazer para contornar a falta dos pais, fonte natural de amor? Nada mais indicado que o bálsamo dos bálsamos, que é a distribuição contínua do sentimento dos sentimentos.

---

5. *Nota do autor material: para maiores detalhes, ver no livro "Conversando sobre Mediunidade" no capítulo V "Os Postos de Trabalho".*

Vaidade

932- Desejo contumaz e meramente ilusório de atrair a atenção e a admiração dos outros, a vaidade é um desvio de conduta no cenário cristão.

933- O encarnado, orgulhoso dos seus feitos e proezas, por vezes iludido que é, crê-se superior aos semelhantes e, por isso, é vaidoso.

934- Egoísta por natureza, cultiva a sua melhor imagem, fátuo que é, para chamar a si o melhor tratamento possível e reverências de toda espécie. Nutre-se dessa adulação e provoca em si mesmo um rompante de triunfo, inócuo e leviano.

935- Repletas estão as zonas escurecidas de vaidosos Espíritos que, ao deixar a carne, perdem-se diante da realidade e não mais conseguem manter o equilíbrio necessário para não se rebelar contra Deus.

936- O precário estágio evolutivo da humanidade faz com que a vaidade seja encarada muitas vezes como virtude. Cultivada ao lado do materialismo, ela é fonte de ruptura dos valores cristãos, pois fomenta ainda mais o egoísmo, o individualismo e a superficialidade das condutas. Nenhum vaidoso consegue pensar mais nos outros do que em si mesmo, por isso deixa de praticar a devida caridade.

937- Dificilmente o vaidoso não sabe que o é. Em raros casos ele age inconscientemente fomentando a estulta postura de superior ou singular. Na

maior parte, o desvio é diretamente cultivado.

938- Há inúmeras formas de cultuar a vaidade: física, intelectual e até espiritualmente. Cultuando a forma exterior, a aparência, a beleza do corpo, enfim todos os detalhes que possam distinguir o indivíduo dos demais, trata-se da vaidade física. Incentivando uma busca desmedida pelo conhecimento, pelos títulos, pela glória das letras ou das artes, está atrás da vaidade intelectual. Sentindo-se superior aos outros, como ser, julgando-se mais abonado, cheio de valores morais, dotado de bondade invulgar e conhecedor dos meandros da alma humana, persegue a vaidade espiritual. Todas as formas são negativas.

939- O religioso de qualquer espécie pode incidir em quaisquer delas, mas normalmente está incurso na vaidade espiritual.

940- O homem da ciência segue muitas vezes na trilha da vaidade intelectual. É óbvio que o conhecimento deve ser ampliado sempre que possível, mas precisa, de algum modo, servir à humanidade. Conhecer somente para ser útil a si mesmo não é conduta cristã.

941- O artista, o possuidor de beleza incomum, que vive disso ou encanta as pessoas com isso, sem razão, sem fruto positivo, sem mensagens cristãs, vive a ilusão da vaidade física.

942- Os dotes e as virtudes do ser humano têm motivação; não acontecem por acaso. Os encarnados são diferentes, porque não são iguais os Espíritos. Os mais inteligentes e preparados devem estender a mão aos menos cultos e menos lúcidos. Os belos, no mundo físico, onde os valores da matéria são importantes, devem dar mensagens positivas, mostrando-se humildes e compenetrados com o bem-estar do próximo. Assim fazendo,

evidenciarão aos menos preparados que o materialismo não leva a nada. Os realmente virtuosos e evoluídos espiritualmente, cuja bondade é natural, nem mesmo assumem esse lado do seu modo de ser e dão o melhor dos exemplos aos seus pares.

943- Vaidade nunca é positiva. Não se deve confundir hábitos de higiene, busca necessária de instrução e conhecimento (até como forma de lazer), obrigatoriedade de aparência por razões profissionais ou culturais, cultivo de alimentação saudável e ausência de vícios em nome do bem-estar do corpo físico com vaidade. Quando o encarnado atua pensando na admiração que irá granjear, tendo este ou aquele comportamento, sendo desta ou daquela forma, apresentando-se deste ou daquele modo, está sendo vaidoso e isso é negativo.

944- Existe a autoadmiração, vale dizer, a vaidade aplicada a si mesmo. Quer o encarnado contentar a si próprio, sendo deste ou daquele jeito. Mas, em realidade, isso é egocentrismo narcisista. A vaidade propriamente dita é sempre a intenção de cativar terceiros, colocando-os submissos ou invejosos aos pés do que possui o dote invulgar.

945- Note-se a mazela moral que preenche a vida de um vaidoso: quer ser o que não é na essência, por isso busca formas de burlar sua própria natureza, enganando-se e iludindo os outros. Passa a vida material toda nesse compasso até desencarnar, rever a sua verdade e cair em imensa angústia e frustração.

946- Se a riqueza perdesse o enorme lado que a liga à vaidade, o mundo dos encarnados seria melhor. Se os homens não ligassem o dinheiro e o

poder à vaidade, portanto incentivando-os a querer sempre mais e mais, cuidariam mais dos semelhantes necessitados e menos de si próprios.

947- Direta ou indireta, explícita ou implícita, expressa ou velada, admitida ou negada, pouco importa: o vaidoso é um sofredor e um iludido.

948- Logicamente ela se revela maior ou menor, conforme o caso individual considerado. Tanto quanto qualquer outro desvio ou vício, ela pode ser mais acentuada nos Espíritos menos evoluídos e menos nos mais preparados.

949- A autoestima não pode ser confundida com vaidade. Ter apreço por si mesmo, dentro de padrões normais, não é fatuidade. Por isso não se justifica qualquer ato néscio em nome da "vaidade neutra". Chama-se vulgarmente de neutra a vaidade que prejudica bem menos que a exterior, visível, agressiva. Ambas devem ser evitadas, pois não ideais.

950- Tornando ao que foi exposto no item 943, apresentar-se bem à roda social ou profissional, limpo, trajado convenientemente, preparado intelectualmente, educado, gentil, polido e sem vícios ou desvios não é fruto da vaidade, é dever cristão.

951- Qualquer excesso ou intenção de atrair admiração passa ao campo da vaidade. Por isso esse desvio é muito mais interno do que externo. Não diz respeito, necessariamente (ainda que seja mais comum), aos ricos ou intelectualmente mais preparados. O ponto crucial consiste em como o indivíduo deseja ser visto e admirado. Pode haver uma pessoa muito bem trajada que mal tenha noção disso, pois natural e irrelevante para seu âmago. Outra, no entanto, ainda que mal arrumada, pode sentir-se no ápice

da sua forma e da sua aparência, julgando conquistar a todos ao seu redor. Estará sendo vaidosa.

952- Para combater a vaidade não há outro remédio senão a reforma íntima. Lutar contra o materialismo é o primeiro ponto alto desse embate. Praticar a caridade com constância, um segundo elemento indispensável. Finalmente, como terceiro, mas não último ponto, está o exercício da humildade.

953- Para que ser vaidoso? Para conquistar pelos méritos externos pessoas também de méritos aparentes? Qual a vantagem de atrair a admiração de indivíduos igualmente tolos? Quem realmente admira, não diz. Quem de fato merece ser admirado, sequer percebe.

954- Conseguir um namoro ou um casamento pelas vantagens ilusórias que possui, leva o encarnado de regra a, mais cedo ou mais tarde, enfrentar a decepção, a frustração e o fracasso na união. Todas as relações devem ser estabelecidas e mantidas pelo real valor que o Espírito possui. São essas que duram para toda a eternidade, vencendo a barreira do desencarne e ampliando o universo de amor.

955- Quando desencarnado, é comum ouvir um Espírito dizendo (ao acompanhar a vida material de alguém): “que bobagem querer ter mais que os outros”; “que tolo pretender ser o que não é”. É a visão de quem enxerga mais a realidade da vida humana.

956- Como regra, toda e qualquer conquista material necessita ter uma utilidade cristã, deve servir ao auxílio de alguém. Ter por ter, ser por ser, querer por querer é pura vaidade.

957- Mostrar o que tem, destacar conquistas, evidenciar ganhos é, além de fátuo, reprovável porque exercício do orgulho.

958- A vaidade consome o Espírito, deixando-o exausto. Sua busca incessante pelo melhor e pelo superior material acaba conduzindo-o à miséria moral e espiritual. Sofre com isso, pois sua busca, na Crosta, não terá fim.

959- Quem tem não precisa contar, basta ter: os outros verão. Se necessita comunicar alguma conquista a alguém, porque daí advirá um benefício ao destinatário da notícia, poderá fazê-lo. Do contrário, cultivar a humildade e a modéstia é o melhor e mais indicado caminho.

960- Não devem ser incentivadas manifestações de conquista de bens ou posições, a não ser sob o prisma da solidariedade e da fraternidade.

961- Por outro lado, vaidade que vai, pode significar vaidade que vem. Quem não sabe ouvir as conquistas alheias, sejam estas manifestações de vaidade ou não, também pode estar sendo vaidoso. Não aceitando o sucesso de outrem, por inveja ou ciúme, muitas vezes a vaidade, que é o gosto de ser admirado, provoca a falta de receptividade no ouvir o triunfo alheio. Melhor seria, para o vaidoso, que o sucesso fosse seu. Pura e vã vaidade.

962- Nem narrativa alardeadora, nem indiferença ao ouvir, ser cristão é não ser vaidoso.

963- Difícil abandonar a vaidade num mundo predominantemente materialista; deixar de tentar, contudo, não é justificativa, pois conseguir atingir a simplicidade de posturas na vida somente traz maior felicidade.

964- O egoísmo, componente vital do dia a dia de muitos encarnados, impulsiona à fatuidade, porque estimula o consumismo, o individualismo e

a vontade de ter sempre mais que o necessário, ingredientes de quem se considera ilusoriamente superior aos outros.

965- O conhecimento humano não deve ser motivo de vaidade. Utilizar a ciência para o progresso da sociedade é o ideal e obrigação cristã, de forma que não há razão para enaltecimento supérfluo.

966- Serve-se, muitas vezes, o artista da sua capacidade de mobilizar pessoas para seu uso individual. Quando o faz, incentiva e cultiva o egoísmo. Outras vezes, pode acontecer de agir por vaidade. Sente-se privilegiado dentre seus semelhantes e, em vez de utilizar seu carisma para gerar benefícios, fomenta seu lado negativo.

967- Fama e prestígio, na atualidade do mundo material, são de regra frutos diletos da vaidade, mesmo porque os critérios para sua conquista possuem bases equivocadas. A comunidade quase sempre não julga o homem pelos seus valores morais e sim por alicerces materialistas.

968- Não sendo possível alterar esse estado de coisas em breve tempo, o caminho ideal é que o ídolo seja exemplo para quem o venera, afastando a vaidade e assumindo a utilidade que sua figura representa aos seus admiradores.

969- Em cidades espirituais, não se cultua a vaidade. Ao contrário, dela se busca o afastamento. Valores morais são os perseguidos por todos e quanto mais elevadas forem tais virtudes, menor alarde sobre elas haverá.[6]

970- Deveria ser esse o parâmetro da humanidade. Não é. Assim, cumpre ao cristão mudar, aos poucos, o comportamento social. São condutas indevidas: deixar de dar valor à beleza espiritual, privilegiando a beleza física; deixar de buscar os valores morais em nome da conquista dos

bens materiais; deixar de amar o próximo, praticando a caridade, em troca do incentivo ao egoísmo. O vaidoso, por sua natureza, não consegue seguir parâmetros cristãos porque pensa mais em si e na sua imagem do que nas virtudes.

971- Inseguro, de regra, é o vaidoso. E vice-versa. Lastreado em falsas premissas, o ser humano que cultua a vaidade nunca está plenamente satisfeito, estando sempre em busca de *algo mais*, que não encontra, mas que continuamente está a procurar.

972- Superar a vaidade é um impositivo para ser mais feliz. Quanto menos preocupado estiver o homem com a aparência e mais se ligar ao conteúdo do que é e do que faz, melhores condições terá de conquistar tranquilidade e paz de espírito.

973- Não é processo fácil deixar de ser vaidoso. Trata-se de uma luta complexa, dentro do contexto de reforma íntima. O primeiro passo é pensar menos em si e mais no semelhante.

974- *Querer* mudar é outro fator indispensável. Sem tal ingrediente o encarnado continuará atrelado à fatuidade.

975- Ser simples, humilde e modesto, elementos do bom cristão, faz parte da luta contra a vaidade.

976- Quando o ser humano conseguir progresso nesse campo dos seus desvios de conduta, sentir-se-á mais leve, menos afogado pela pressão de *ser* o que não *é*. Por que não tentar para sentir a diferença?

977- A evolução do ser está ligada ao abrandamento dessa característica negativa do indivíduo. Acreditando que o culto à aparência é forma de *felicidade* estará condenado à permanente insatisfação.

978- Por que cultivar um sentimento de superioridade medíocre que não terá espaço em mundos elevados após o desencarne? A resposta é tão simples e óbvia quanto difícil de ser compreendida pelo âmago da maioria dos encarnados.

979- Meditar sobre isso, ao menos, é dever inafastável do ser humano.

---

6. *Nota do autor material: maiores informações podem ser colhidas no livro "Alvorada Nova" – Parte XI – "Setores Habitacionais".*

Eutanásia e suicídio

980- O egoísmo, como vem sendo analisado ao longo de todos os verbetes desta obra, manifesta-se de várias formas. Uma delas — cruel como o aborto ou a pena de morte —, que evoca patente desprezo pela vida humana, é a eutanásia.

981- A pretexto de estar desenganado, o enfermo é condenado à morte por familiares, médicos ou terceiros que somente conseguem enxergar o hoje, mas são completamente cegos para visualizar o amanhã.

982- Limitados na sua visão, incrédulos, avessos à Justiça Divina, cheios de si e de seus conhecimentos terrenos, rebeldes, inconsequentes, adeptos do *talião*, invocando aspectos humanitários, eles decretam a pena de morte para quem é inocente.

983- *Limitados*, porque não conseguem perceber que Deus não iria permitir que um sofrimento físico acontecesse caso não fosse absolutamente necessário para o progresso espiritual do ser.

984- *Incrédulos*, porque acham que a vida material finda em si mesma.

985- *Avessos à Justiça Divina*, porque não creem que o sofrimento físico do doente seja indispensável à sua regeneração, preferindo acreditar que tudo não passa de uma *injustiça* do destino.

986- *Cheios de si e de seus conhecimentos terrenos*, porque se elegem deuses, juízes e carrascos ao mesmo tempo, levando ao término prematuro de uma jornada que não lhes pertence.

987- *Rebeldes*, porque avessos aos mandamentos de Deus.

988- *Inconsequentes*, porque não zelosos na utilização do *direito* sobre a vida alheia.

989- *Adeptos da lei de talião*, porque facilmente trocam um sofrimento por outro, consciente ou inconscientemente. Fazem com que o encarnado enfermo seja conduzido à morte para fazer *cessar* o seu sofrimento, trocando-o por outro pior, que é o retorno à pátria espiritual com a missão incompleta.

990- A eutanásia é a *pena de morte por fins humanitários*. Um contrassenso; uma natural falta de lógica. Como pode haver um assassínio que seja por caridade? Deus conferiu a vida; no momento exato que Sua sabedoria evidenciar, irá retirá-la.

991- Subtrair-se à Lei Divina é mostra flagrante de irresignação e pura rebeldia.

992- Como garantir ainda que o enfermo, considerado desenganado, não irá experimentar uma melhora, podendo curar-se? Acaso a Deus é impossível fazê-lo? Como antecipar-se, portanto, à Vontade Divina? Misticismo ou ignorância, dizem certos profissionais da saúde pública. Lamentável postura para quem deveria cuidar da vida até o último instante, em missão sublime que lhe foi conferida, em vez de se tornar carrasco de uma pena capital.

993- Não se olvide que muitos familiares autorizam a eutanásia para, no mais profundo do íntimo, ficarem *livres* da angústia de conviver com a enfermidade, mormente em ente querido. Puro egoísmo. Onde está a fé a sustentar a força de vontade e o amor ao próximo?

994- A falência moral e espiritual desse ato terminal é presente. Médicos e enfermeiros — muitos deles — lamentavelmente julgam saber o que é melhor ao paciente... sempre. Parentes consideram-se "donos" dos doentes que estão sob seus cuidados. Triste final para todos.

995- A vida é um bem precioso que jamais pode ser sacrificado por quem quer que seja. Não há justiça no aborto; inexiste justiça na pena de morte para reprimir crimes; inválida a "justiça" da eutanásia.

996- O encarnado deve preservar sempre a vida, porque jornada importante para o progresso espiritual do ser humano. *Preservar* quer dizer resguardar a vida em gênero, não somente a vida própria.

997- Eis porque o suicídio, que faz terminar a vida, é igualmente reprovável, conforme a abordagem feita nos itens 175 e 176. Quem tira a vida, alheia ou própria, responderá por seu grave ato: aplicação da lei universal da ação e reação.

998- Quem não controla e não domina o início, não pode e não deve querer comandar o final. Qual encarnado — médico, cientista ou outro qualquer — desvendou o princípio da vida?

999- Abandonar essa postura egoística, materialista e avessa aos ensinamentos cristãos é dever inafastável do praticante da reforma íntima.

Finalizando para começar

1000- Todos os encarnados possuem condições de empreender a reforma íntima, que é a chave-mestra para a mudança interior, aprimorando o Espírito e glorificando a jornada terrena, em busca da regeneração.

1001- Cada Espírito, no entanto, possui o seu *limite espiritual de tolerância* — a bagagem espiritual que o acompanha há milênios, a partir da sua criação —, indicando o que está e o que não está preparado a, de pronto, alterar no seu modo de ser, pensar e agir.

1002- Essa bagagem não é imutável porque, se fosse, tornaria inútil todo o processo de reforma íntima, deixaria vazia de conteúdo a Justiça Divina e somente serviria para evidenciar uma falsidade: a de que cada um é como é e não pode mudar.

1003- Se todos são capazes de romper esse limite espiritual de tolerância, imanente aos seus âmagos, resta saber *como* fazê-lo, em *quanto tempo* e *quais as vantagens* disso.

1004- *Primeiro*: para fazê-lo é indispensável a *reforma íntima*, alterando efetivamente para melhor o jeito de *ser*, de *agir*, de *racionar*, enfim, burilando o íntimo.

1005- *Segundo*: o tempo não é algo genericamente mensurável, porque depende da *força de vontade* de cada um. Logicamente, nos primórdios,

quando o Espírito é mais ignorante e rude, falar em tempo, nesse sentido, significa falar em milênios; entretanto, esta obra não se destina a esses, que habitam planos mais inferiores da existência. Fala-se à Humanidade atual, a integrantes de uma comunidade em fase de provas e expiações, mas em vias de transmudar para a merecida fase da *regeneração*. A todos os que se encontram nessa etapa da evolução, é possível empreender a reforma íntima. Uma parte levará anos; outra, séculos. Maior ou menor tempo de luta é racionalmente proporcional ao maior ou menor empenho de cada um na reforma do seu âmago.

1006- *Terceiro*: as vantagens são imensas. Na *vida espiritual*, que é a definitiva, o ser terá condições de atingir, com o galgar dos degraus, a felicidade perene, a perfeição, meta maior de todos que caminham na trilha deixada por Jesus. Na *material* não é diferente. Quem consegue modificar a maneira equivocada de encarar a jornada física adquire maior capacidade de absorver infortúnios e, com isso, resigna-se com mais facilidade. Essa característica, que poucos possuem, torna a vida mais tranquila e feliz.

1007- O limite espiritual de tolerância é algo semelhante[7] ao maior ou menor preparo que o Espírito naturalmente possui para enfrentar os obstáculos da existência material. Diante deles, alguns homens, mais evoluídos, conformam-se com mais docilidade; outros, menos preparados, rebelam-se. Da rebeldia total à resignação plena há uma gama imensa de posições intermediárias, de maneira que o *limite* espiritual de tolerância varia de ser humano para ser humano.

1008- Esse limite espiritual de tolerância, no processo de reforma íntima, deve ser gradativamente aumentado, ou seja, quanto mais amplo e

flexível ele se tornar, mais tolerante e pacífico será o homem e é justamente essa a meta ideal para auferir desenvolvimento interior e, consequentemente, evolução.

1009- A observação diária e singela dos atos da vida humana pode evidenciar o que se está falando. Há encarnados que são submetidos a provas duríssimas, de todos os tipos, desde que nascem até o instante do desencarne e, apesar disso, amam a Deus, conformam-se, dão mostras de fé inabalável, vontade de lutar, renúncia espontânea e solidariedade. De onde vem tal força? Do âmago, certamente. São Espíritos, mais evoluídos que a média, cuja reforma íntima encontra-se em avançado estágio. São mais felizes, apesar de, na aparência, serem sofredores. O critério é interior e não exterior, por isso se enganam aqueles que imaginam que a felicidade está ligada ao sucesso material.

1010- De outra sorte, existem encarnados que nascem para a submissão a provas mais leves e, ainda assim, são rebeldes, revoltados e sem fé. Criticam a Justiça Divina com a mesma facilidade com que investem contra qualquer semelhante. São sofredores de alma, infelizes por certo, mesmo que, na aparência material, possam ser vencedores.

1011- Ilogicidade? Absolutamente impossível em matéria de Sabedoria Divina. Faz parte do universo da reforma íntima, do limite espiritual de tolerância e da evolução do ser. Quem *mais* modifica o âmago, *mais* aumenta sua tolerância, *menos* sofre e é *mais* feliz.

1012- *Sugere-se* apenas que o encarnado faça reforma íntima? Não. *Recomenda-se* efetivamente que a empreenda. É o caminho que irá uni-lo, no futuro, ao plano de felicidade que tanto almeja.

1013- Qual fórmula se é capaz de fornecer aos encarnados para que tenham sucesso na reforma do âmago? Singela, mas eficaz. Estruture-se da seguinte forma: 1º) consciência real de quem é e de quem pretende ser; 2º) desenvolvimento do fator *solidariedade*; 3º) desenvolvimento do fator *fraternidade*; 4º) prática da caridade, em ampla acepção; 5º) combate ao egoísmo em todas as frentes; 6º) manter-se em permanente luta; 7º) encarar como defeito o orgulho, buscando a humildade; 8º) aceitar críticas, mesmo as impertinentes, malévolas e ferinas; 9º) crer, firmemente, no investimento do presente para o sucesso do futuro; 10º) crer-se perfeitamente capaz de romper obstáculos, sejam eles quais forem. São estes os dez mandamentos da reforma íntima.

1014- Acima de todos eles, pairando sobre cada um deles, indispensáveis, os seguintes: amor a Deus; fé em Deus; resignação com a vida que Deus lhe deu.

1015- Se o encarnado se enxergar, identificando com sinceridade suas mazelas, seus defeitos, suas falhas de caráter e de personalidade, bem como conseguir conhecer suas reais qualidades cristãs, terá maior condição de dar início efetivo ao seu processo de reforma íntima, porque, enquanto permanecer iludido, não sairá do plano da tentativa.

1016- Os fatores *solidariedade* e *fraternidade* ligam o homem ao seu semelhante, mostrando que não há vida solitária, pois tudo se liga em imensa cadeia causal, não podendo existir para ele felicidade verdadeira enquanto o próximo está sofrendo. São elementos que validam o componente seguinte, que é a caridade.

1017- Sendo caridoso, o encarnado consegue despir-se de seus mais rudes sentimentos, aderindo com naturalidade ao maior de todos eles, que é o amor. Amando, estará apto a derrubar mais facilmente os obstáculos que lhe surjam à frente.

1018- Combater o egoísmo, em sentido estrito, é justamente *implementar* a prática da caridade, da fraternidade e da solidariedade. Não há materialista que persista nos seus prazeres materiais sabendo-se devedor do semelhante, do mais necessitado e, sobretudo, ciente de ser carecedor de cristandade.

1019- A permanente luta significa jungir o homem ao seu destino. Desistir ao menor sinal de fracasso não leva ninguém à vitória e muito menos à reforma íntima. Saber que o símbolo dessa luta é a *perenidade,* é um passo seguro para o triunfo.

1020- A concepção equivocada de que o orgulho é uma qualidade destrói as forças do encarnado para batalhar contra seus inimigos mais íntimos e cruéis no campo do egoísmo. Logo, ciente de que o orgulho é uma mazela, o que lhe vem a seguir é desenvolver a humildade. Quanto mais modesto e simples for o ser humano, mais chances terá na reforma íntima.

1021- Críticas devem ser sempre bem-vindas. Ouvir queixas, saber o que faz de errado e o que os outros pensam de sua pessoa é um termômetro para quem quer manter-se em luta no contexto da reforma íntima. As censuras maldosas, impertinentes ou indevidas podem ser simplesmente descartadas, mas não devem ser sistematicamente evitadas. Quem não gosta de receber críticas, jamais desenvolverá o oportuno lado de *saber ouvir* para *discernir*.

1022- Ter certeza de que o futuro é o que conta, porque é o lado eterno do gozo da felicidade, é imperioso. De que adianta tanta luta para o sabor dos prazeres do presente, se este é efêmero, vão, ilusório, passageiro? Assim pensando, o encarnado saberá que o sofrimento da atualidade significa a redenção no seu futuro.

1023- Autoconfiança é fundamental. Quem não se vê capaz de vencer obstáculos difíceis, sejam eles de que espécie forem, é fracassado em potencial na reforma íntima. O encarnado é, sem qualquer dúvida, capaz de superar-se, bastando que acredite nisso.

1024- Finalmente, não é preciso explicitar os requisitos gerais e essenciais: amor, fé, esperança e resignação em Deus são baluartes da vida humana. Homens que se julgam superiores a Deus, não possuem fé e são rebeldes, pouco têm a fazer no contexto da reforma íntima. Sofrerão anos, quiçá séculos, à frente e a fio até que a luz penetre-lhes a consciência adormecida pela maligna doença do egoísmo.

1025- O mais importante de tudo: não importa quando, não importa quem, não importa como, não importa onde, mas o certo é que ***todos***, sem exceção, farão *reforma íntima*, como única chave para atingir Planos Superiores e estancarem, em definitivo, o sofrimento de suas existências. Por que não iniciar agora?

1026- Poderá parecer a algum leitor que se fala do óbvio nestas linhas e verbetes, mas a obviedade dos mandamentos cristãos está às claras há tanto tempo e nem assim foi capaz de sensibilizar a maioria dos homens. Deve-se manter, pois, acesas as chamas dos fundamentos que levam à reforma

íntima, trazendo, cada vez mais, fecundos elementos para auxiliar na meditação que todos devem fazer a respeito de suas vidas.

1027- Tomando o amor como preceito basilar da existência pacífica, independente de qualquer rotulagem religiosa, verifica-se que todas as colônias espirituais ao redor do Globo, nos moldes de Alvorada Nova, cuidando dos povos que habitam cada cantão na imensa crosta terrestre, veem de igual modo o caminho do progresso espiritual.

1028- O *Cristianismo* prega o amor, pedindo que seja feito ao próximo o mesmo que se almeja para si; o *Judaísmo* quer que o nocivo não seja feito aos outros; o *Islamismo* ensina que, para ser um crente, é preciso desejar ao próximo o que se quer para si mesmo; o *Confucionismo* dirige o pensamento para não fazer aos outros o que não se quer para si mesmo; o *Taoísmo* evidencia que seus lucros serão também os de seu vizinho; o *Bramanismo* pede que não destine aos outros o que lhe iria desagradar; o *Budismo* quer que não seja feito ao semelhante aquilo que lhe pudesse magoar. Tantas outras seitas existem, tantos outros mandamentos escritos de diversas outras formas permanecem, mas, acima de tudo, se há vínculos com a essência do Amor, da Bondade, da Justiça e da Sabedoria, ligados a Deus certamente estão.

1029- Finalizam-se estas linhas apenas para que se dê início à reforma íntima. Possa ela ser a cada um o lume da vida, a razão da existência, o fulgor da energia humana e o viço da inteligência.

1030- Seja ela fundamental, porque necessária é a evolução, trilha permanente e contínua na direção de Deus.

7. Nota do autor espiritual: defini-lo exatamente, sem erros, utilizando somente o estreito vocabulário da linguagem humana, é imprudente; por isso, usamos o critério da semelhança.